

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE DESIGN

MARIA DE ATHAYDES

PROJETO COMPONDO UMA HORTA:
Uma Proposta de Design, Agroecológica e Feminista,
Para Inovação Social e Sustentabilidade

Porto Alegre
2021

MARIA DE ATHAYDES

**PROJETO COMPONDO UMA HORTA:
Uma Proposta de Design, Agroecológica e Feminista,
Para Inovação Social e Sustentabilidade**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Design,
pelo Curso de Design da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Profa. Ma. Aline Callegaro de Paula Bueno

Porto Alegre

2021

Dedico este trabalho a todas as mulheres da minha vida. De minha mãe às minhas tias, amigas, professoras e claro, minha orientadora. Mas, principalmente, dedico este trabalho à minha avó, Rene De Athaydes da Silva. Sem seu apoio, carinho e ensinamentos não seria metade da mulher que me torno a cada dia.

Te amo hoje e sempre.

*"There's a whole network that is making for many woman
easier to survive, and at the same time creating a tighter
social fabric"*

Silvia Federici

RESUMO

A pandemia de Covid-19 dilatou fraturas já muito vigentes dentro da nossa sociedade. Desigualdades crônicas foram acentuadas, estruturas públicas subfinanciadas, e mulheres e suas famílias foram vulnerabilizadas. Neste contexto, o design se coloca como uma ferramenta de transformação social que procura em seus processos alternativas de projeção para um futuro possível para todos. Este projeto foi uma provocação a este novo prisma social. Ao correlacionar conceitos de design para inovação, agroecologia e feminismo, buscou-se desenvolver através deste projeto a ativação de uma horta urbana no Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, em Porto Alegre. Fundamentado por uma ótica do cuidado, buscou-se um fortalecimento do tecido social e novas perspectivas de futuro numa dimensão humana.

Palavras-chave: Design Estratégico; Cuidado; Hortas; Agroecologia; Feminismo.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic spread fractures that were already very prevalent inside our society. Chronic inequalities were accentuated, public structures underfunded, and women and their families made vulnerable. In this context, design stands as a tool for social transformation that seeks alternative projection processes for a possible future for everyone in its processes. This project was a provocation to this new social prism. By correlating the concepts of design for innovation, agroecology and feminism, the aim was to develop through this project the activation of an urban garden on the Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, in Porto Alegre. Based on a care perspective, it seeks to strengthen the social fabric and new perspectives for the future in a human dimension.

Palavras-chave: Strategic Design; Caring; Gardens; Agroecology; Feminism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Espiral da Inovação dirigida pelo design	41
Figura 2 – Interpretação do método de inovação pelo design.....	43
Figura 3 – <i>Mindmap</i>	44
Figura 4 – Recorte das Ramificações Temáticas	46
Figura 5 – Mapa de Temáticas.....	48
Figura 6 – Referências Projetuais	51
Figura 7 – <i>Bluesky</i> de Superfície Organizadoras	52
Figura 8 – Pontos de Destaque da Entrevista	54
Figura 9 – Valores de Projeto.....	55
Figura 10 – Polaridades Coligadas	58
Figura 11 – Moodboard de cenário Zelar	59
Figura 12 – Mapa de Atores	61
Figura 13 – Projeto "Compondo uma Horta"	64
Figura 14 – Naming "Compondo uma Horta"	65
Figura 15 – Ciclo Companhia.....	67
Figura 16 – Mapa de Compositoras	68
Figura 17 – Um convite para Compor	69
Figura 18 – Concept Painel Maestro	70
Figura 19 – Desenho Painel Maestro	71
Figura 20 – Mulheres e Painel Maestro.....	71
Figura 21 – <i>Moodboard</i> Identidade Visual.....	72
Figura 22 – Logo Compondo uma Horta	74
Figura 23 – Composição do símbolo	74
Figura 24 – Logo e símbolo.....	75
Figura 25 – Tipografia	76
Figura 26 – Paleta de cores	77
Figura 27 – Contraste de cores primárias	77
Figura 28 – Jornada do Sistema Produto-Serviço.....	79
Figura 29 – Legato	80
Figura 30 – Ritornelo.....	81
Figura 31 – Mapa de Compositoras (frente).....	81
Figura 32 – Mapa de Compositoras (verso)	83

Figura 33 – Mapa de Compositoras impresso.....	84
Figura 34 – Banner Convite à Compor.....	85
Figura 35 – Banner Save the Date.....	86
Figura 36 – Dinâmica 1.....	89
Figura 37 – Dinâmica 2.....	90
Figura 38 – Dinâmica 3.....	91
Figura 39 – Dinâmica Jamboard 4.....	92
Figura 40 – Formulário.....	93
Figura 41 – Peça de divulgação de Mutirão.....	95
Figura 42 – Peça de divulgação de Encontro de Compositoras.....	96
Figura 43 – Peça de divulgação de Oficina de PANCS.....	97
Figura 44 – Material impresso rabiscado.....	100
Figura 45 – Desenho técnico Painel Maestro.....	102
Figura 46 – Protótipo Painel Maestro.....	103
Figura 47 – Superfícies de Interação do Painel Maestro.....	104
Figura 48 – Superfície 1: Instrumentalidade.....	105
Figura 49 – Mapa do Terreno do Quilombo do Sopapo.....	106
Figura 50 – Superfície 3 :Quadro Branco para Intervenção livre.....	107
Figura 51 – Vistas do Painel Maestro.....	108
Figura 52 – Calendário Agrícola.....	109
Figura 53 – Plano de Atividades.....	110
Figura 54 – Plano de Atividades na prancheta.....	111
Figura 55 – Composição Final do Compondo uma Horta.....	114

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Frente do Quilombo do Sopapo	36
Fotografia 2 – Moodboard Quilombo do Sopapo.....	37
Fotografia 3 – Início da área verde do Quilombo	37
Fotografia 4 – Entrevista com B.R.....	53
Fotografia 5 – Apresentação do Projeto Compondo uma Horta.....	88
Fotografia 6 – Impressões.....	98
Fotografia 7 – B.R. olhando as impressões	99
Fotografia 8 – Casa-Terra	101
Fotografia 9 – Instalação do Painel Maestro	112
Fotografia 10 – Painel Maestro na Casa-Terra do Quilombo do Sopapo.....	113
Fotografia 11 – Regente ao redor do painel.....	114

LISTA DE SIGLAS

DESIS	Design For Social Innovation And Sustainability
FAO-ONU	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero
MVP	Minimum Viable Product
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PANCS	Plantas Alimentícias Não Convencionais
PP	Polipropileno
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 OBJETIVOS	15
1.1.1 Objetivo geral	15
1.1.2 Objetivos específicos.....	15
1.2 JUSTIFICATIVA	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 CRISE DO CUIDADO.....	17
2.2 SUSTENTABILIDADE COMO CUIDADO	19
2.2.1 Agroecologia e Biopoder	21
2.2.2 Agroecologia através de hortas urbanas	25
2.3 DESIGN ESTRATÉGICO	28
2.3.1 Design Estratégico para Inovação Social e Sustentabilidade	29
2.4 DESIGN TERRITORIAL	32
3 OBJETO DE ESTUDO	35
3.1 BAIRRO CRISTAL	35
3.2 QUILOMBO DO SOPAPO.....	36
4 METODOLOGIA	39
4.1 METODOLOGIA DE PESQUISA	39
4.2 METODOLOGIA DE PROJETO	40
5 METAPROJETO	43
5.1 BRIEFING	43
5.2 PESQUISA.....	44
5.2.1 <i>Mindmap</i>	44
5.2.2 Pesquisa Contextual	47
5.2.2.1 Benchmarking	47
5.2.3 Bluesky.....	51
5.2.4 Entrevista em profundidade	52
5.3 ANÁLISE	55
5.3.1 Valores de projeto	55
5.3.2 Mapa de polaridades	57
5.3.2.1 Matriz 1: Recorte Contextual	58
5.3.2.2 Matriz 2 - Recorte Projetual.....	59

5.3.4 Cenário & Moodboard	59
5.3.5 Mapa de Atores	61
5.4 SÍNTESE	64
5.4.1 Concept	64
5.4.1.2 Companhia: Estratégias de Mobilização	66
5.4.1.3 Compasso: Ritmo, Instrumentalidade e Consonância	69
6 DESENVOLVIMENTO PROJETUAL	72
6.1 IDENTIDADE PROJETUAL	72
6.1.1 Logo e Símbolo	73
6.1.2 Tipografia	75
6.1.3 Paleta	77
6.2 JORNADA DA REGENTE	78
6.3 COMPANHIA	81
6.3.1 Mapeamento de Compositoras	81
6.3.2 Mobilização	84
6.3.3 Primeiro Encontro de Compositoras	86
6.3.4 Próximos Encontros de Compositoras	94
6.4 COMPASSO	97
6.4.1. Visita 1	97
6.4.2 Painel Maestro	101
6.4.2.1 Materiais e Detalhamento Técnico	102
6.4.3 Calendário Agrícola	108
6.4.4 Plano de Atividades	109
6.4.5 Visita 2	111
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICE A – ATELIÊ DE PROJETO 6	124
APÊNDICE B – ENTREVISTA	128
APÊNDICE C – APRESENTAÇÃO ENCONTRO DE COMpositoras	130

1 INTRODUÇÃO

*"Ouça e você esquece; veja e você lembra;
faça e você entende."*

Rudolf Steiner

No momento em que escrevo este texto¹, o Brasil ultrapassa a marca de 400.000 mortes por coronavírus (LORRAN, 2021), uma doença que, desde o começo de 2020, vem se alastrando desenfreadamente pelo mundo, deixando famílias desestruturadas, negócios falidos e sistemas hospitalares colapsados. A crise no Brasil se alarma a partir do momento em que nossos governantes criam falsos antagonismos entre a economia e a vida, como se, para salvar uma, devemos sacrificar a outra.

E é neste momento que se deixa claro a necessidade de trabalhos ligados à vida. Segundo a autora Silvia Federici (2019), trabalhos ligados à manutenção da vida são todas as funções atribuídas àquilo que afeta o nosso desenvolvimento como ser humano, é o que nos mantém e manteve vivos até agora. É desde o trabalho invisibilizado que mães exercem todos os dias na criação de seus filhos, passando pelos 10 milhões de agricultores e agricultoras familiares que respondem por 67% dos alimentos que chegam às nossas mesas (PETERSEN; MONTEIRO, 2020a), até as grandes estruturas coletivas que garantem a assistência integral e gratuita da população como o Sistema Único de Saúde (SUS). São estruturas como estas que, uma por uma, estão sendo desmanteladas por um projeto de governo focado na redução de investimento em organizações públicas e na geração de lucro para uma parcela mínima da população através de privatizações. Estruturas onde, não por coincidência, se encontram majoritariamente mulheres na linha de frente.

É nesse cenário que entro em contato com o conceito de "cuidado", este cerne no qual todas as atividades humanas orbitam, cerne que hoje percebo como sempre esteve presente e se fez necessário durante todo o meu percurso de vida, das abordagens educacionais implementadas em minha escola até o design como profissão que hoje escolho atuar. Isto posto, para chegar ao meu ponto focal é necessário retomar alguns destes marcos do meu histórico, pois estes justificam e embasam meu enfoque projetual e meus objetivos.

¹ A Introdução, diferentemente dos capítulos subsequentes, está em primeira pessoa do singular para destacar as motivações pessoais da autora para o desenvolvimento deste trabalho.

Meu ensino fundamental foi cursado na Escola Waldorf Querência, na zona sul de Porto Alegre. Segundo Oliveira (2006), a abordagem pedagógica Waldorf, criada por Rudolf Steiner, procura integrar de maneira holística o desenvolvimento físico, espiritual, intelectual, ecológico e artístico de seus alunos. As aulas na instituição promoveram e promovem até hoje práticas voltadas ao cuidado visando uma educação ecológica através de atividades de permacultura, ecologia social e filosofia focadas no replanejamento da sociedade usando princípios da ecologia, visões extremamente necessárias a partir do momento em que nos enquadrados neste cenário de total incerteza e negligência. São abordagens como estas, que nos fazem entender conceitos de sustentabilidade de forma sistêmica, nos direcionando àquilo que Boff (2012) considera algo quase que intrínseco do nosso agir humano, uma prática de cuidado imersiva e cotidiana.

A partir do momento que reconhecemos ser necessário fomentar novas perspectivas sociais embasadas pelo cuidado, nos perguntamos quais são os diferentes mecanismos de atuação para alcançar essas realidades, e foi nos anos seguintes, nos meus anos de graduação, que percebi como o design tem este potencial de transformação que tanto precisamos.

Na abordagem que o Design Estratégico se escora, a sustentabilidade se encontra como um eixo base. (MANZINI, 2008). A visão estratégica se concretiza através do pensamento complexo e na capacidade de visualização sistêmica de futuros possíveis e sustentáveis para a vida humana. Manzini (2008), um dos pesquisadores da área, reforça o discurso de que, como designer, temos uma responsabilidade social e ética com a sociedade, pois, o papel direcionado ao design nos dias de hoje apenas retroalimenta o problema em si, fazendo parte de uma rede de criação de produtos e serviços numa perspectiva individualista e insustentável na perspectiva ecológica. Desta maneira, a construção de um senso crítico para questionar estruturas atuais e técnicas para propor formatos novos de operação promovidas pelo design é, a meu ver, um ato de cuidado, e é capaz de subverter lógicas dominantes defasadas como a que vivemos hoje.

Esta perspectiva sobre a disciplina à torna parte do que podemos chamar de uma cultura do cuidado, práticas as quais, durante todo o curso da sociedade foram atribuídas, não por acaso, às mulheres. Durante toda a história, mulheres fizeram de seus quintais e outras zonas de plantio verdadeiros centros de biodiversidade e cuidado, se responsabilizando não apenas por uma produção sustentável de

alimentos, mas para a construção de novas estruturas de trocas e intercâmbios culturais. (FERNÁNDEZ, 2003). Ao falar de criação de redes é impossível não exaltar o papel primordial do feminino na concepção destas.

Dito isso, se entende que para combater a negligência, o descuido e a fragmentação do que é comum na nossa contemporaneidade é necessário envolvimento ativo, colaborativo e estratégico. Combate no qual acredito que mulheres têm tido um protagonismo milenar. Portanto, este projeto é, mesmo que numa escala mínima, a possibilidade de imergir e materializar uma proposta que exalte estas visões e princípios voltados para o cuidado, sustentabilidade e bem-estar coletivo.

Foi minha conexão com esses conceitos e sua relação direta com o design que fizeram com que, em 2020, meu grupo e eu desenvolvêssemos um projeto durante a Atividade Acadêmica de Ateliê de Projeto 6 no Quilombo do Sopapo, um centro cultural comunitário localizado no bairro Cristal, em Porto Alegre (descrição no Apêndice A). Atualmente, o espaço é composto por coletivos e educadores com iniciativas que buscam incentivar e desenvolver ações comunitárias que integrem arte, cultura, educação, cidadania e economia solidária. Essa atividade se tornou a janela para que eu pudesse resgatar esta parceria neste novo diálogo em forma de Trabalho de Conclusão.

Minha visão sobre este espaço é a mesma que tive na minha experiência escolar, a de um catalisador de ideias e princípios voltados a um bem-estar coletivo e ecológico. Ali há um extenso espaço verde com potencial para ser um sistema de produção alimentar, cooperativo e sustentável, o qual provoca os atuais modelos de estruturação mecanizados e excludentes intensificados pela crise do cuidado. A possibilidade de construção de uma horta urbana, além de fomentar uma cultura de segurança alimentar em meio a este cenário de escassez e miséria, se faz necessária a partir do momento que incentiva reconstruir toda uma trama comunitária e suas respectivas estruturas coletivas, a partir de um olhar milenar e holístico do feminino sobre as plantas e criação de redes de cuidado. Este projeto é um lembrete, que somos, como conjunto, a natureza em si e não estamos acima dela. Em conclusão, tenho a convicção que com as ferramentas fornecidas pelo Design Estratégico voltado à inovação social e sustentabilidade, e também, pela perspectiva do Design Territorial, o Quilombo do Sopapo se torna um território de reconfiguração de padrões patriarcais e neoliberais de produção, organização,

consumo e comportamento, algo extremamente revolucionário quando se vive na mercê da incivilidade e descaso. Como enfatiza Manzini (2008, p.15), “A preservação e a regeneração de nosso capital ambiental e social significará justamente romper com as tendências dominantes em termos de estilo de vida, produção e consumo.”

Portanto, este projeto aponta o seguinte problema: como desenvolver, a partir da abordagem do Design Estratégico para a inovação social e sustentabilidade, um sistema produto-serviço que auxilie na ativação de uma horta urbana?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Criar, a partir do Design Estratégico para a inovação social e sustentabilidade, um sistema produto-serviço que busque soluções que favoreçam a ativação de uma horta urbana no Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Desenvolver uma pesquisa teórica sobre Design Estratégico, Design para Inovação Social e Sustentabilidade e Design Territorial;
- b) Compreender o papel do feminino no que se refere às estruturas coletivas de cuidado e sustentabilidade;
- c) Pesquisar sobre desenvolvimento sustentável urbano a partir de um prisma agroecológico;
- d) Compreender, a partir de entrevistas e estudos em campo, as oportunidades e limitações de implementação do projeto no Quilombo do Sopapo;
- e) Projetar um sistema produto-serviço que mobilize uma rede de mulheres para a criação de uma horta urbana.

1.2 JUSTIFICATIVA

Projetos de cunhos social, sustentável, agroecológico e conseqüentemente político, necessitam, cada dia mais, se fazer presentes em nosso contexto

socioeconômico. E este projeto, especificamente, diz muito sobre isso, sobre **ter presença e se fazer presente** neste meio tão nocivo. Hoje, no nosso contexto, o Design se põe como oportunidade de subversão desse recorte arcaico para esse **novo prisma social**. A partir de suas ferramentas estratégicas, colaborativas e que possibilitam a projeção de cenários futuros, o Design regerá estes movimentos a essa nova reconfiguração social, sendo ele uma verdadeira janela para fora da paralisia, impotência e isolamento que tem se instaurado frente a tantos desafios. Contudo, é importante frisar que estes desafios têm um impacto exponencialmente maior numa parcela específica da nossa sociedade. Todos os dias, territórios são direcionados para o cultivo agroindustrial e mais mulheres, que são as principais agricultoras de subsistência no mundo, são deslocadas de suas comunidades e expostas à vulnerabilidade. Isto impacta não apenas estas mulheres, mas uma cadeia de indivíduos que se beneficiam de seus alimentos para sobreviver. Dito isto, a ativação de uma horta não só representa uma cultura de segurança alimentar para a parcela mais vulnerável da população, mas a possibilidade de exaltar a herança cultural do nosso entorno, trazendo a ele retornos reais para a subsistência local como redes, resistência e empoderamento social. Com a ativação de uma horta conseguimos estabelecer uma verdadeira cultura de cuidado, a qual representa o **eixo e sistema base para qualquer desenvolvimento** e o Design para Inovação Social e Sustentabilidade se coloca presente como esse instrumento primordial onde o cuidado está inevitavelmente intrínseco.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CRISE DO CUIDADO

"A reprodução é o terreno estratégico fundamental para a construção de um futuro de uma sociedade."

Silvia Federici

Ao se refletir o conceito de cuidado, talvez a primeira ideia que lhe venha à cabeça sejam coisas que envolvem seu ambiente familiar, sua criação, seus bens individuais e como foi ensinado a conservá-los. E se te disséssemos que o **cuidado é o eixo central para qualquer tipo de existência civilizatória**? Que ele é o grande guarda-chuva quando falamos no nosso desenvolvimento como indivíduo e sociedade? O que chamamos de "cuidado" ou, como também chama a escritora, ativista e filósofa italiana Silvia Federici (2019), "**reprodução**", é muito mais do que você imagina e está presente em todas as facetas da vida humana, é tudo aquilo que mantém nossa segurança individual e social, seja em termos alimentícios, sanitários ou educacionais. Entretanto, mais do que nunca, estes sistemas de cuidado estão ameaçados, e precisam ser pautados com urgência.

Federici enfatiza que,

o desmantelamento do "sistema de bem-estar social" e a insistência neoliberal de que a reprodução é uma responsabilidade pessoal dos trabalhadores provocaram uma tendência contrária que está ganhando impulso e que será sem dúvida acelerada pela atual crise econômica. (FEDERICI, 2019, p. 257).

Desenvolvendo a citação acima, Federici (2019) aponta que forças de trabalho voltadas à manutenção e reprodução da vida, ou seja, ao cuidado com ela, remuneradas ou invisibilizadas, são a base oculta da economia mundial, pois, além de não existir economia sem pessoas, é um dos pilares de exploração e retenção de capital devido à sua desvalorização na perspectiva mercadológica. Na visão da ativista, este tipo de trabalho nunca poderá ser verdadeiramente remunerado, principalmente quando o sistema que vivemos prega exatamente o oposto destes princípios. **Com seu berço sendo o sacrifício e exploração de grande parte da população e sua subsistência o individualismo sobre a vida coletiva e a sistemática produção de competitividade e desigualdades crônicas.** Este assunto se torna ainda

mais volátil no momento em que nos encontramos, segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (VIGISAN, 2021), na maior crise sanitária e hospitalar do país. A organização aponta que "o Brasil tornou-se o epicentro da pandemia mundial, com falência do sistema de saúde e sem política econômica e social de mitigação." (VIGISAN, 2021. p. 13). Estamos falando sobre uma grande cadeia de cuidados se desmanchando perante nossos olhos sem poder fazer nada sobre isso. Testemunhamos o desinvestimento sistemático do Estado na reprodução, implementado por meio de programas de ajuste estrutural e pelo desmantelamento do "Estado de bem-estar social". Um grande exemplo é a famosa PEC do Teto de Gastos (PEC 241), em que, no momento que mais precisamos, temos gastos sociais congelados pelo período de 20 anos para evitar "despesas públicas desnecessárias", despesas estas principalmente voltadas à saúde e educação. (ALESSI, 2016). Portanto, neste texto e ao decorrer deste projeto, queremos deixar clara a importância do **cuidado como eixo e sistema base para qualquer desenvolvimento**, seja individual ou coletivo, sempre exaltando e cooperando com a manutenção de serviços ligados à qualidade de vida e bem-estar.

Ao falar de **individual e coletivo**, é impossível não apontarmos outro falso antagonismo. No contexto em que a competitividade é sinônimo de sobrevivência, todas as nossas ações começam a ser comandadas por ela, diluindo a ideia de que somos seres sociais e dependemos de estruturas coletivas para viver. Segundo Milton Santos (2011) é correto afirmar que "competir é, aliás, legitimado por uma ideologia largamente aceita e difundida, na medida em que a desobediência às suas regras implica perder posições e, até mesmo, desaparecer do cenário econômico" (SANTOS, 2011, p. 57). No seu livro *Por uma outra Globalização*, Santos (2011) exalta a questão do individualismo como um dos pilares deste desmantelamento de organizações comunais. O autor afirma, que, mesmo com grandes avanços tecnológicos, eles ainda se limitam às necessidades mercadológicas e de interesse individual, coisa que Santos (2011) chama de "ciência seletiva", arrematando seu pensamento de que **ao mesmo tempo que nos vemos no ápice do desenvolvimento da tecnociência, infelizmente este se condiciona, na maioria das vezes, ao mercado e não à coletividade**, desencadeando comportamentos primitivos e extremamente distópicos quando se fala de solidariedade, empatia e moralidade.

Nas palavras de Santos (2011, p. 54),

Na esfera da sociabilidade, levanta-se utilitarismos com regra de vida mediante a exacerbação do consumo, dos narcisismos, do imediatismo, do egoísmo, do abandono da solidariedade, com a implementação, galopante, de uma ética pragmática individualista.

Seguindo o raciocínio de Milton Santos (2011), podemos concluir que, no auge da globalização e do neoliberalismo radical, quando nossas bases governamentais são entregues ao capital corporativo privado e individualista, automaticamente as necessidades e seus fins também se tornam individuais, com a conta de suas irresponsabilidades caindo na mão da maioria da população. Federici (2019) constantemente reforça os danos causados quando falamos da ação corporativa aos recursos humanos e naturais.

A autora define que, “O capital corporativista não pode estender seu alcance sobre os recursos do planeta — dos mares às florestas, do trabalho das pessoas ao nosso caldeirão genético — sem gerar uma intensa resistência em todo o mundo”. (FEDERICI, 2019, p. 163).

Esta "resistência" ao capital natural e humano no qual, tanto a autora quanto Milton Santos (2011) pontuam, será tópico do próximo capítulo, propondo uma reflexão que, com a crise sanitária, se faz mais que urgente uma revisão quando se fala na generatividade das estruturas de cuidado, pontuando um recorte vital para sua propagação, a discussão perante reconfigurações de estruturas sociais num prisma sustentável.

2.2 SUSTENTABILIDADE COMO CUIDADO

"Nós não temos cuidado, nós somos cuidado."

Leonardo Boff.

No pensamento de Boff (2005), existe uma dimensão ontológica quando falamos de cuidado. Ou seja, ele considera como parte da natureza do ser humano ser cuidadoso ou, como determina o autor, um "modo-de-ser" no mundo, pois sem esse atributo internalizado em nossos corpos, não só não estaríamos onde estamos como nenhuma geração anterior à nossa existiria. **A vida é um eterno ato de cuidado e "a indiferença a morte do amor".** (BOFF, 2012, p. 3). O autor considera que existem duas formas de "modo-de-ser", **o trabalho e o cuidado** em si. O primeiro é considerado algo que extrapola o plano mercadológico, denominado como um

processo aplicado e consciente de **co-evolução entre o indivíduo e seu ecossistema**. O segundo, no qual é muito importante frisar que não é colidente ao primeiro, é considerado um "modo-de-ser" referente às **interações com esse ecossistema**, tanto com seus sujeitos quanto com outros seres. Ele provoca o rompimento de relações de cunho utilitarista-predatório, muito enraizado na nossa cultura, encarando nosso modo de organização social como atividade de **coexistência e interdependência** entre humano e natureza, ou seja, uma relação necessariamente **sustentável** e harmônica entre ambas as partes, encarando a biodiversidade de maneira horizontal e não como uma dinâmica *top-down* (de cima para baixo), muito presente na ideologia corporativa.

Isto posto, Boff (2012, p. 7) enfatiza que, “Dar centralidade ao cuidado, não significa deixar de trabalhar e de intervir no mundo. Significa renunciar a vontade de poder que reduz tudo a objetos, desconectados da subjetividade humana.”

Desse modo, a **discussão em cima do desenvolvimento sustentável é automaticamente uma discussão ligada ao nosso senso civilizatório**, o qual permeia todas as nossas esferas relacionais: as pessoas, nosso trabalho, nossa subjetividade, a natureza e todos os seres vivos que a constituem.

Em artigo publicado no Jornal do Brasil, Boff (2012) considera o conceito de sustentabilidade definido pela ONU correto, porém, com duas frentes limitantes. Segundo a organização, a sustentabilidade é “o atendimento das necessidades das gerações atuais, sem comprometer a possibilidade de satisfação das necessidades das gerações futuras” (ONU, 1987, p. 43), todavia, o autor enfatiza que a definição é antropocêntrica e exclui a importância de um **tecido social firme** para tal desenvolvimento, ou seja, desconsidera a visão holística de sua segunda definição de "modo-de-ser" pelo cuidado, citado anteriormente.

Portanto, nas palavras de Boff (2012), e reformulando a conceituação da ONU, podemos afirmar que sustentabilidade é,

Toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais e físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando a sua continuidade e ainda a atender as necessidades da geração presente e das futuras de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução. (BOFF, 2012).

Em conclusão, podemos dizer que para visualizar um cenário sustentável no futuro, considerando o humano como o principal ator capaz de interferir nos

processos naturais de maneira positiva e negativa, devemos entender que não basta a operacionalidade mecanizada dos processos de interdependência e inclusão. **Faz-se necessário reconstruir toda uma trama comunitária e suas respectivas estruturas coletivas, hoje danificadas pela atual crise civilizatória, entendendo que somos a natureza em si e não estamos acima dela. Ir de encontro com a sustentabilidade é ir de encontro com o cuidado em sua mais pura essência, desencadeando o que Manzini (2008) denomina nos seus estudos sobre o Design de "descontinuidade sistêmica".** O autor aponta que "pensar e promover a descontinuidade não é uma questão somente de política ambiental, mas sim a única maneira de imaginar um futuro que seja, na medida do possível, pacífico, tolerante e democrático." (MANZINI, 2008, p. 26). Em vista disso, para que esses projetos sejam aplicados, primeiramente devemos estar vivos, conscientes e unidos para fazê-lo, questionando as estruturas dominantes pré-definidas.

Por último, através destas colocações, destacamos a importância de um dos principais eixos desta rede de cuidados para a descontinuidade sistêmica no qual este projeto de Design se comprometerá a discutir. A agroecologia e seu papel tanto como gerador de subsistência alimentar orgânica e sua capacidade de geração de comunidades sociais mais fortes.

2.2.1 Agroecologia e Biopoder

"There's a whole network that is making for many woman easier to survive, and at the same time creating a tighter social fabric"

Silvia Federici

Com nossas reservas de financiamento social esgotando e nossas estruturas coletivas de cuidado desarranjadas, neste ano temos a triste notícia que, com o avanço da vulnerabilidade social causada pela pandemia, o Brasil retorna a altos índices de insegurança alimentar. Segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (VIGISAN, 2021) o país celebrou a saída do Mapa da Fome elaborado pela FAO-ONU no ano de 2014, com aproximadamente 96,4% da população com acesso a alimentos. No entanto, segundo estudos recentes da instituição, hoje "Do total de 211,7 milhões de brasileiros(as), 116,8 milhões convivem com algum grau de Insegurança Alimentar e,

destes, 43,4 milhões não têm alimentos em quantidade suficiente e 19 milhões de brasileiros(as) enfrentam a fome.” (VIGISAN, 2021 p. 10).

A pesquisa confirma que, além dessa tragédia ser seletiva, tem também lugar, gênero e cor. Estamos falando majoritariamente de mulheres negras de zonas rurais ou da periferia urbana.

Quando Boff (2012, p. 5) aponta que "o modo-de-ser do cuidado, concretiza a dimensão feminina do ser humano, homem e mulher", temos uma base importante de ser pautada quando falamos de saúde e alimentação sustentável, que é a sua correlação com o conceito de biopoder, criado por Michel Foucault. Na teoria do autor o conceito se ramifica em dois, a "anátomo-política do corpo" e a "biopolítica da população". A primeira se detém dos artifícios encarregados de exigir do corpo humano sua força produtiva, seja esta por controle do tempo e espaço, meios educacionais, corporativos, entre outros. E a segunda se caracterizando como a regulação das massas através da detenção ou disseminação de saberes e práticas. Dito isto, ao correlacionar estes dois aspectos do conceito, a descrição adequada para Biopoder se caracteriza, segundo Foucault (2008, p. 3) como, "O conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder".

Portanto, podemos concluir que o Biopoder consiste em dispositivos de intervenção e controle sobre processos vitais e biológicos do ser humano, o que o autor constantemente correlaciona à problemática do neoliberalismo. Segundo Souza e Carrieri (2010), o biopoder está ligado à questão da monetização e hierarquização de vidas puramente por uma questão biológica, enfatizando constantemente que culturalmente, o conceito biológico, binário e heteronormativo de gênero apenas determina quais corpos tem ou não direito a certos espaços. A partir do momento que se estabelece recursos a mecanismos de limitação das práticas estatais e públicas se delimita uma política segregatória que define relações sociais e comportamentos individuais, reduzindo seus indivíduos a seu papel biológico na sociedade. No caso das mulheres se constrói uma narrativa que certos indivíduos não são "capacitados" para certos espaços pois esconde uma real ideologia que constantemente tenta nos enquadrar à nossa "função biológica", como cuidar do ambiente doméstico e gerar e criar a próxima força de trabalho. Segundo Foucault (2008) a relação entre governo e economia encontra-se na formação de um

campo de intervenção governamental que se tornará uma verdade absoluta durante a ascensão deste formato e esta verdade é o mercado. A questão é que o mercado é seletivo, competitivo e incentiva a hierarquização de determinados corpos para o benefício de outros. **E não é nenhuma coincidência que mulheres negras sejam as mais afetadas por esse mecanismo, esta posição é sistematizada e intencional, pois, além de o mercado trabalhar num *modus operandi* completamente falocêntrico, determinando que mulheres são este "empecilho" ao lucro e produtividade, ele trabalha numa perspectiva segregatória branca, onde o racismo está completamente enraizado.** Dito isto, é possível afirmar que o mercado abomina qualquer personificação daquilo que vai contra seus princípios exclusivos, e as **mulheres são verdadeiros símbolos do que significa a cultura do cuidado para todos.** Portanto, num sistema onde a Biopolítica e o discurso meritocrático neoliberal estão completamente enraizados é necessário se manter atento a estas narrativas turvas que pregam que todos nascem iguais perante a lei. Devemos sempre nos perguntar: quem escreveu a lei? Quem a moldou? Quais corpos ela atende? Quem é reconhecido como ser humano neste conceito de "todos"?

A questão é, o que o Biopoder tem a ver com cuidado pela agroecologia? Em poucas palavras, tudo. **A visão feminista entre as mulheres rurais denunciou a naturalização da divisão sexual do trabalho como organizadora da produção, uma vez que invisibiliza e desconsidera o trabalho das mulheres em hortas, quintais e criação de pequenos animais como sendo uma extensão das tarefas domésticas e não fossem um trabalho produtivo.** (FEDERICI, 2019).

Boff (2012, p. 5) alega que durante toda nossa história, **"o cuidado foi difamado como feminilização das práticas humanas, como empecilho à objetividade da compreensão e como obstáculo à eficácia"** sendo assim, a dicotomia do masculino. Lélia Gonzalez (1984), enfatiza que a colonização e dominação do capital como discurso dominante, foi chave para o crescimento do androcentrismo (dominação do homem), gerando uma dinâmica de opressor e oprimido, buscando de todas as formas fragmentar organizações de cunho comunal, invisibilizar os trabalhos feitos por mulheres (incluindo a maternidade) e precarizar estruturas públicas de cuidado, ou seja, com esse **movimento transbordando para além das mulheres como indivíduos e sim para tudo que elas simbolizam.**

Nas palavras de Gonzalez (1983, p. 11), o funcionamento das estruturas sociais atuais se baseia numa cultura do medo, portanto,

A longo prazo, o que se visa é o impedimento de qualquer forma de unidade do grupo dominado, mediante a utilização de todos os meios que perpetuem a sua divisão interna. Enquanto isso, o discurso dominante justifica a atuação desse aparelho repressivo, falando de ordem e segurança social.

Já existiram e ainda existem em certas comunidades, uma regência através de lógicas patriarcais, que durante a história foram dizimadas por não estarem se adaptando às novas regras civilizatórias de desenvolvimento, sendo consideradas retrógradas e arcaicas. Porém, o ponto em questão é que: quem criou esta "civilidade" que até hoje conhecemos? Sim, homens. Souza e Carrieri (2010) enfatizam que o ambiente propício para o desenvolvimento do biopoder, são ambientes voláteis em que as bases são a alta competitividade, o controle e hierarquização de corpos, ou seja, características do nosso sistema. **A questão é, o capitalismo é falocêntrico, e é a essência do extermínio e fragmentação daquilo que, na visão dele, é feminino.**

Por outro lado, Federici (2019) destaca que **as mulheres são a linha de frente quando falamos em desenvolvimento sustentável**, e hoje, podemos ver que elas estão no **protagonismo de combate à pandemia com trabalhos de assistência social, sanitária e agrícola, trabalhos, não por coincidência, extremamente precarizados.** (HERNANDES; VIEIRA, 2020). **Mesmo que homens também tenham a capacidade intrínseca ao cuidado, estes de certa forma são punidos caso performem um ato considerado feminino.** Portanto foi estabelecido socialmente que somente mulheres poderiam desempenhar atividades desse cunho, o que, ao mesmo tempo que beneficiava a sociedade, as sobrecarregavam física e mentalmente. O fato é que estas práticas ainda estavam enquadradas em padrões mecanizados e patriarcais, **os quais isolaram mulheres da coletividade para performar um cuidado restritivo às necessidades de seu marido.** **Todavia, fora destes padrões restritivos, esta trajetória resultou nas mulheres se tornando essa personificação do cuidado, sendo diretamente relacionadas com símbolos e arquétipos ligados a natureza, zelo e comunidade.** Dito isso, é de bom tom frisar que, para falar de cuidado e bem-estar social, é importante dizer quem é sua principal defensora. Segundo a ONU,

Em muitos países, incluindo Quênia, Gana, Filipinas, Brasil e Guatemala, apesar da renda total das mulheres ser muito mais baixa do que a renda total dos homens, nos lares chefiados por mulheres há menos crianças gravemente desnutridas. (ONU,1992 apud FEDERICI, 2019, p. 191).

Federici (2019) defende a tese de que **uma agricultura sustentável depende muito da força de trabalho feminino e familiar**, pois é uma agricultura que não busca o lucro, mas o sustento das pessoas e de suas famílias. **As mulheres têm sido as principais apoiadoras, e as mais afetadas quando se fala de um uso não capitalista dos recursos naturais (terras, águas e florestas) e da agricultura orientada para a subsistência, e, portanto, ficaram no caminho tanto da completa comercialização da “natureza” quanto da destruição dos seus últimos recursos remanescentes.**

Santos (2011) aponta que, apesar da agroindústria se apresentar como inovadora e promotora da segurança alimentar, esse setor reforçou o papel historicamente atribuído aos territórios periféricos na divisão internacional do trabalho, fixando-os prioritariamente como exportadores de alimentos e matérias-primas com baixo valor agregado. O autor salienta que nos modelos atuais, a eficiência e investimento tecnológico para o aumento da produção de alimentos é voltada, principalmente, para exportação e mercado, o que não garante que pessoas mais pobres tenham acesso ao alimento, o que ainda se correlaciona com o seu conceito de "ciência seletiva". Em adendo, Federici (2019) também expõe que um dos principais objetivos de programas de ajuste estrutural da atualidade é a "modernização da agricultura". Esta modernização pode ser entendida, nas palavras de Petersen e Monteiro (2020b) como "o atrelamento subordinado da agricultura familiar às cadeias globalizadas do agronegócio." Todavia, Federici (2019) traz um adendo à esta frase quando dá ênfase ao recorte relacionado ao biopoder, pontuando que cada vez mais, territórios são direcionados para o cultivo agroindustrial e mais mulheres, as principais agricultoras de subsistência no mundo, são deslocadas de suas comunidades e expostas à vulnerabilidade social, evidenciando a extrapolação da lógica econômica sobre as relações sociais.

2.2.2 Agroecologia através de hortas urbanas

"Belief in one's ability for self-determination, individual and cultural pride, hope for the future, and a strong sense of place and ownership."

Margarita Fernández

O agravamento da crise econômica já existente no país, porém, deflagrado pela atual pandemia devido à inação política na manutenção das estruturas públicas

de cuidado, como já explanado antes, está fazendo com que a população brasileira passe fome. (LIMA, 2021). A partir deste cenário se faz urgente **provocar a discussão sobre uma transição brusca no sistema de produção alimentar**, uma discussão no qual este projeto de conclusão de curso visa impulsionar.

Como não existe saída individual para problemas sociais, se faz necessário, como pontuado por Manzini (2008) a criação de uma descontinuidade sistêmica que nos leve de uma matriz deficitária que visa o lucro e criação de *commodities* para exportação (quando a negociação de mercado aberto cria produtos padronizados em larga escala destinados para exportação, para os quais existe um mercado contínuo e com preço identificável), para uma lógica de produção que visa a regeneração territorial e a sustentabilidade, ou seja um pensar e fazer agroecológico.

Segundo Lopes *et al.* (2021), a agroecologia,

Se constitui pela combinação sinérgica entre ciência crítica, prática social e movimento político. Trata-se de um enfoque orientador de transformações nos sistemas alimentares, a geração de riquezas com distribuição de renda e a contínua regeneração dos processos ecossistêmicos.

Em vista disso, a agroecologia se expõe nesse cenário como um redirecionamento de rumos civilizatórios, algo extremamente substancial quando estamos falando de uma crise de cuidado extrema. Debater sobre sua proposta é crucial para o desenvolvimento de economias apoiadas em novos valores culturais e que propõem novos cenários de bem-estar social. Muitas unidades de produção sustentável, como por exemplo o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), já abraçam a visão agroecológica nas suas práticas. Este modo de lidar com a terra também se volta muito para uma visão anticolonialista da produção alimentar, pois **sua natureza se origina a partir das populações camponesas, povos indígenas e, também, quilombolas, povos estes que criaram sua subsistência alimentar sem dinâmicas de destruição do meio ambiente.**

Como pautado no subcapítulo anterior, **a diversidade produtiva na agroecologia também desencadeia a valorização do trabalho feminino.** (FEDERICI, 2019). Durante toda a história, mulheres fizeram de seus quintais e outras zonas de plantio verdadeiros **centros de biodiversidade e cuidado**, se responsabilizando por uma produção sustentável de alimentos para a venda e para o autoconsumo, assegurando uma subsistência saudável e diversificada para muitas famílias rurais e

da periferia urbana, as que hoje representam as localidades mais vulneráveis às situações de insegurança alimentar. (VIGISAN, 2021). **Esta prática cobra uma atuação direta do Estado e provoca a ordem hegemônica da agroindústria.** São sistemas curtos, que exaltam a **subsistência local** onde se reduz a dependência de combustíveis fósseis, contribuindo também para preços acessíveis. (LOPES *et al.* 2021). Exatamente pelo fato de estarmos falando de uma relação mais próxima entre produtor e consumidor que o debate de produção de hortas urbanas agroecológicas está mais em vigor do que nunca.

Na conceituação de Fernández (2003) hortas urbanas são espaços verdes abertos multifuncionais que começaram a se popularizar a partir do seu reconhecimento não apenas como geradores de subsistência alimentar, mas como catalisadores sociais. Para a autora, **as hortas são muito mais que uma fonte de segurança alimentar sustentável, são espaços de encontro e socialização, de produção de saberes e de intercâmbio cultural.** (FERNÁNDEZ, 2003). Em vista dessa multiplicidade que uma horta representa, alguns núcleos e organizações sociais já reconheceram e se inclinaram em uma direção onde se enxerga os jardins urbanos como parte relevante do panorama da cidade. Na visão da autora, hortas urbanas não devem ser subestimadas pois, os benefícios trazidos por elas incluem "educação, segurança alimentar, diversidade cultural, reforço da coesão comunitária e empoderamento social." (FERNANDEZ, 2003, p. 22, tradução nossa).

Quando Fernández (2003) pontua o conceito de "reforçar a coesão da comunidade" através das hortas, ela se refere ao seu papel de **local comum**, onde as pessoas se reúnem, não só para trabalhar na terra, mas para trocar experiências, celebrar datas festivas, fazer jantares e atividades múltiplas. Não menos importante é o fato de que as hortas funcionam como "um meio para a transmissão e o encontro de práticas culturais diversas." (FERNANDEZ, 2003. p. 26, tradução nossa), permitindo, por exemplo, que as práticas e artefatos indígenas se mesquem com aqueles provenientes de comunidades quilombolas. O grande destaque da agricultura urbana é que, além de produzir para um consumo local a partir do prisma sustentável agroecológico, **no momento que uma horta urbana nasce, se desenvolve em sua órbita dezenas de alianças e redes comunitárias.**

2.3 DESIGN ESTRATÉGICO

"O design é um campo essencialmente híbrido que opera a junção entre corpo e informação, entre artefacto, usuário e sistema"

Rafael Cardoso

O design, durante boa parte de seu trajeto histórico, sempre esteve muito vinculado à materialidade das coisas, sendo normalmente requisitado ao final da cadeia de produção de um produto para destacá-lo de maneira visual dos seus concorrentes de mercado, sendo considerado, nas palavras de Freire (2014, p. 2) "como 'estilo', capaz de agregar valor ao final do processo de desenvolvimento de novos produtos."

Freire (2014) reitera que conforme seu conceito foi amadurecendo, aos poucos o design foi conquistando outros espaços dentro desta "linha de montagem". A partir do momento que Zurlo (1999) identifica artifícios no design capazes de impulsionar a aprendizagem e desenvolvimento organizacional, o design passa a operar em um recorte tanto operacional quanto material, o que hoje podemos chamar de Sistema Produto-Serviço. Hoje, com uma cultura de design mais estabelecida, vemos esta profissão escorrer para todos os planos socioculturais e até mesmo para fora dos moldes industriais, dando margem para novas definições de sua função. Uma definição para o Design Estratégico segundo Mauri (1997 apud Zurlo, 1999, p. 9) se caracteriza como, "Uma atividade de projeção na qual o objeto de projeto é o conjunto integrado de produto, serviço e comunicação (sistema-produto) com a qual uma empresa se apresenta ao mercado, se coloca na sociedade e dá forma a própria estratégia."

Conforme fomos deixando para trás os conceitos rígidos da modernidade, na qual devia-se ser uma coisa ou outra (arte ou técnica), na era pós-industrial, denominada por Bauman (2001) de modernidade líquida, a noção de fluidez permitiu que o conceito de design fosse amadurecido pela sociedade como esta soma de arte com técnica e com ciência. Este processo projetual, a partir do momento que trabalha com sistemas, incentiva a multidisciplinaridade, tanto técnica quanto subjetiva de seus atores. Ou seja, incentivar a interdependência, a troca de diferentes perspectivas e conhecimentos de mundo pode gerar resultados complexos favoráveis ao nosso contexto sociotécnico. (MANZINI, 2008). Franzato et

al. (2017) ressaltam esta questão quando dizem que "o design estratégico promove uma mudança metodológica em direção a permitir e promover os processos de estruturação de relações ecossistêmicas e de sua prática projetual." (FRANZATO *et al.*, 2017, p. 103). Nesse sentido, de acordo com Zurlo (2010) a partir do momento que se entende a complexidade sociotécnica é necessário adquirir uma capacidade de leitura e interpretação dos sinais emitidos por esse meio, em aliança com a sensibilidade da projeção de cenários, sendo esse o eixo dos processos de design - a visualização das coisas não como são, mas como podem eventualmente ser. Nas palavras do autor,

O design estratégico permite propor inovação hipotizando novos contextos de uso e de comportamento por meio da técnica de planejamento por cenários. O planejamento de cenários permite focar em alguns futuros possíveis e os fatores que podem influenciá-lo. Isto é um pensamento estratégico. (ZURLO, 1999, p. 72).

Em conclusão, o processo projetual acaba incentivando "o exercício da previsão numa dimensão criativa, que partindo dos dados limitados e parciais, interpreta e antecipa aquilo que poderia ser" (ZURLO, 2010, p. 8) e a partir deste processo projetual conseguir "tornar visível o campo do possível". (ZURLO, 2010, p. 9). E este tipo de abordagem projetual sensível e provocadora se torna substancial para a inserção da perspectiva para inovação sustentável e coletiva como cenário possível e necessário, uma vez que, desenvolver arquétipos organizacionais de maneira visual tornam os diálogos intuitivos, e as lacunas comunicacionais perceptíveis.

2.3.1 Design Estratégico para Inovação Social e Sustentabilidade

*"Quanto mais olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para
[ver uma] coisa, tanto mais completo será nosso 'conceito'
dela."*

Nietzsche

Nos dias atuais, nós designers devemos ter intrínseco em nosso ser uma responsabilidade para com a realidade emergente. O que determina nossas escolhas são as circunstâncias históricas, culturais e comportamentais e com isso, num contexto em que, segundo Bauman (2001), a exploração capitalista, fator central no desencadeamento da crise do cuidado, deixou de ser vista como

exploração e passou a ser vista como uma relação natural, deve-se sempre estar muito atento ao nosso impacto sobre o meio, principalmente falando do âmbito do design. Manter a colaboração para o desenvolvimento das nossas estruturas de manutenção de vida exige presença, ética e ação, e o design em si é uma profissão regida pela ação. Morin (2000) exalta que a processo de criação, independente da área, por mais que se tenha ganhos no desenvolver de novos produtos e serviços pelo fato de agregar felicidade e bem-estar para as pessoas, há também um processo de reconfiguração social que se origina, onde antigos pensamentos agora reconhecidos como insustentáveis para a sociabilidade são repensados e, se necessário, descartados. O autor aponta que, “Não existem apenas inovações e criações. Existem também destruições. Estas podem trazer novos desenvolvimentos: assim, os avanços da técnica, da indústria e do capitalismo levaram à destruição de civilizações tradicionais”. (MORIN, 2000, p. 82).

Como estamos nos referindo a um projeto no qual visa a concepção de uma horta urbana, entramos novamente na pauta de reconfiguração social e visualização de realidades futuras e sustentáveis para a vida humana. Segundo Manzini (2008) o design para inovação social e sustentabilidade imerge neste conceito a partir do momento que "provoca novas ideias (produtos, serviços e modelos) que atendem a necessidades sociais e, ao mesmo tempo, criam novas relações ou colaborações sociais". (MANZINI, 2008, p. 25). Segundo o autor, o que difere a ação estratégica num prisma sustentável e disruptivo é tanto o fato de atender as necessidades do desenvolvimento sustentável por meio da prática, ensino e pesquisa, quanto exaltar trabalhos voltados diretamente a causas em nível social, criando assim, redes colaborativas ambientalmente responsáveis. (MANZINI, 2008). Mais do que nunca, ainda estamos falando a partir de uma ótica estratégica.

Para Manzini (2008, p. 12) o "design para a sustentabilidade requer mudanças sistêmicas e deve ser visto como o próprio meta-objetivo de design", entretanto, aponta que esta descontinuidade acontecerá de fato primeiramente em escalas locais, se tornando assim o que ele chama de "descontinuidades locais". A sustentabilidade como frente projetual do design é necessariamente sistêmica, pois deve considerar todos os planos de ação, considerando a revisão do contexto, atores e territorialidade, de maneira colaborativa à comunidade e seu ecossistema, se conscientizando das reais necessidades de quem reside neste contexto.

No contexto da agricultura urbana e comunitária, esta atividade se faz extremamente necessária, pois estamos falando de funções que exigem a colaboração de múltiplos atores e seus respectivos conhecimentos multidisciplinares. Para viabilizar o desenvolvimento agroecológico na área verde do Quilombo do Sopapo necessitamos de alternativas que disponibilizam diversas frentes metodológicas, sejam elas, sistemas, produtos, capacidades de gestão ou conexão. Somente com uma gama de habilidades geridas de maneira coletiva será possível gerar o desenvolvimento de um novo capital natural e social no Quilombo do Sopapo.

Em conclusão, ressaltamos que Morin (2000) afirma que o ato ético é um ato de ordem superior à realidade objetiva e uma ideia em comum dessa narrativa é a de que **estamos comprometidos em uma escala humanitária e planetária, na obra essencial da vida, ou seja, ao cuidado**. O ato moral é, neste sentido, um ato de religação do indivíduo com a sociedade e com a espécie humana, um ato capaz de provocar regeneração nas relações humanas e “soluções que rompam com modelos econômicos formando novos modelos que operam com base em motivações e expectativas de uma multiplicidade de atores”. (MANZINI, 2018 p. 27). Ao se pautar em questões tão complexas como o desenvolvimento de uma nova unidade produtiva e sustentável, características próprias da disciplina de Design Estratégico, como a capacidade interpretativa e a habilidade de "fazer ver" (ZURLO, 2010), podem favorecer o desenvolvimento de uma pluralidade de soluções e de cenários de futuro. (KRUCKEN, 2009).

Isto posto, acreditamos que o *design para a inovação social e sustentabilidade* é uma perspectiva de ação na qual somos completamente responsáveis por aquilo que colocamos no mundo. **Nosso trabalho não é apenas operacionalizar o ofício, mas sim avaliar o impacto social, ambiental, econômico e cultural deste. Embora nós designers tenhamos a obrigação de ganhar a vida com o melhor de nossas habilidades, completamente enquadrados neste contexto individualista e rodeados de desigualdades crônicas, fazê-lo às custas de outros é um desserviço para todos. Um designer busca construir a comunidade, não dividi-la e é isto que este projeto se propõe a incentivar.**

2.4 DESIGN TERRITORIAL

“Sustainable solutions necessarily refer to the local.”

Ezio Manzini

A produção de sentido está diretamente relacionada à linguagem e aos sistemas simbólicos culturalmente construídos. Segundo Beccari, Portugal e Padovani (2017), tudo que foi eventualmente materializado pelo homem, passou a ser um transmissor e articulador através de um sistema significativa daquele meio, onde "mesmo quando realizada por um indivíduo, a produção de sentido é sempre parcialmente social". (BECCARI; PORTUGAL; PADOVANI, 2017, p. 21-22). Isto posto, podemos afirmar que absolutamente tudo que é criado e faz parte de um tecido cultural, gera uma rede de simbolismos e significados que serão decodificados pelo seu meio.

Baudrillard (2008 apud BECCARI; PORTUGAL; PADOVANI, 2017, p. 21) argumenta que "o consumo não ocorre por ocasião de supostas 'necessidades', mas resulta de relações diferenciais à maneira como se constituem os signos linguísticos enquanto veículos de significado." O ponto é, eventualmente este produto e seus atributos entrarão em contato direto com o ecossistema, gerando consequências, sejam estas positivas ou negativas para este. Portanto, nas palavras dos autores,

Os próprios sentidos que a ação humana confere ou tenta conferir a artefatos, portanto, estão sempre articulados por sistemas significantes, de modo que não se deve encarar a produção de sentido como efeito singular de algum tipo de agência transcendental (o sujeito). (BECCARI; PORTUGAL; PADOVANI, 2017, p. 21-22).

Citamos inicialmente a geração de sistemas sociais significantes pelo fato do Design Territorial estar ligado direta e intencionalmente com a cultura em sua mais pura forma, normalmente direcionada a um recorte local. Segundo Krucken (2009) construir uma narrativa em cima de um produto significa externalizar suas peculiaridades históricas, culturais e sociais e esta vertente do design tem como objetivo a elaboração e visibilidade de produtos e serviços pautados nos costumes e construções sociais destas localidades, no sentido de exaltar o capital cultural dela. Segundo a autora tais produtos são “resultado de uma rede, tecida ao longo do

tempo, que envolve recursos da biodiversidade, modos tradicionais de produção, costumes e hábitos de consumo”. (KRUCKEN, 2009. p. 17).

Krucken (2009) ainda pontua que, fornecer a oportunidade de desenvolvimento e exaltação dos recursos de uma localidade, dão a esta, além de valorização patrimonial, a oportunidade de retornos para muito além do financeiro, retornos reais para a subsistência local como redes, resistência social e empoderamento cultural. Sendo assim, estas redes não são apenas compostas por relações humano e produto, mas trocas de experiências humanas. Segundo Krucken (2009, p. 22), “Países megadiversos, como o Brasil, possuem riqueza de culturas e etnias e também de recursos da biodiversidade. Essa riqueza constitui a base para o desenvolvimento de produtos fortemente ligados à origem e à comunidade local.”

A partir disso podemos compreender que, auxiliar no desenvolvimento e perceptibilidade de um recurso oriundo de um território, é uma oportunidade tanto de preservar a herança cultural daquele espaço, quanto de externalizar aquilo que está por trás do produto em si, este carregará consigo sistemas significantes daquela estrutura social e possibilitará que outros indivíduos, com estes mesmos valores, se conectem com este espaço.

Esta vertente, assim como o design para inovação social e sustentabilidade, conta com processos colaborativos entre designers e quem reside na comunidade. Krucken (2009) acredita que estas interações são uma janela para a pesquisa e criação de redes a partir do design, com isto se tornando algo muito relevante considerando a natureza deste projeto de conclusão. Na perspectiva da autora, é necessário um maior diálogo entre pesquisa, projeto e ação, fazendo-se necessário consolidar cada vez mais o olhar projetual e de pesquisa à uma escala coletiva, procurando incentivar uma tendência já em curso na área do design, a quebra de barreiras disciplinares, abraçando uma multidisciplinaridade projetual. Esta visão, também articulada por Franzato *et al.* (2017) pressupõe que o agir pelo design deve se escorar em práticas que visam a colaboratividade e pluralidade humana, reforçando esta visão sistêmica no qual projetos se tornam verdadeiros ciclos de aprendizado e conectividade. (FRANZATO *et al.* 2017).

A partir do prisma de estratégias para inovação social e sustentabilidade, a vertente territorial se faz útil a partir do momento que propõe tanto novas alternativas de disposição espacial e visibilidade para um território quanto a provocação de uma

prática colaborativa de design. Como estamos falando da concepção de uma horta urbana, desenvolver estratégias para uma nova geografia alimentar, como o encurtamento das distâncias físicas e sociais entre a produção e o consumo e gestão espacial adequada para o plantio, a “relocalização” ou “reterritorialização” dos sistemas alimentares, no qual Krucken (2009) constantemente se refere, entra em pauta. São em movimentos como este que tanto a agroecologia e o design para a inovação social se escoram, e os quais este projeto pretendeu defender.

3 OBJETO DE ESTUDO

*"Tem sempre uma mudança que
a sua caneta alcança" –
Grazi Mendes*

3.1 BAIRRO CRISTAL

O Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo é um centro cultural comunitário localizado no bairro Cristal de Porto Alegre, um local com muitas especificidades. Segundo Comim (2010), originalmente, o bairro era uma região de chácaras, com construções realizadas pela hospedaria estadual para novos imigrantes da cidade. A partir disto, o bairro então se inseriu no caráter de urbanização e modernização da época, levando em conta ter sido escolhido para abrigar o Hipódromo da cidade, o que se traduziu em urbanização, modernidade e status. Hoje em dia a zona sul é foco de muitos empreendimentos imobiliários consequentes de um fenômeno comum no capitalismo tardio que é a descentralização. Em tempos de pandemia isso ficou ainda mais evidente no momento em que pessoas procuraram sair de aglomerações urbanas verticais e procuraram espaços amplos e distanciados.

Entretanto, o bairro caracteriza-se por ser uma área de grandes contrastes. O desenvolvimento socioeconômico do Cristal é extremamente desigual. A proporção de pessoas vivendo em níveis extremos de pobreza no bairro atinge cerca de 47,5% da população local, enquanto o índice em proporção à cidade de Porto Alegre é de 34,3%. (COMIM, 2010). Em decorrência dessa disparidade de poder aquisitivo o bairro é caracterizado pela alta vulnerabilidade social, apresentando condições extremamente precárias quando se fala de condições sanitárias e educacionais. Espaços de convivência como parques não são usuais. Além da disparidade financeira, o "planejamento estratégico" do bairro construiu uma fragmentação espacial entre o ambiente rico e pobre, havendo pouquíssimos equipamentos de integração entre as áreas. Os obstáculos de acesso da população que não tem carro apenas reforça a desintegração. Isto posto, podemos afirmar que as políticas de mobilidade urbana do bairro Cristal constantemente tentam legitimar seus planos estratégicos mediante um discurso extremamente segregacionista e mercadológico, sem intenção de integração social e controle democrático do bairro como um todo.

3.2 QUILOMBO DO SOPAPO

O Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo tem o intuito de integrar e desenvolver ações de cunho cultural e artístico voltadas para a comunidade. As oficinas e empreendimentos dão ênfase a economia solidária, estimulam a afirmação dos direitos humanos e a construção de uma cultura de não violência. Atualmente, é composto por coletivos com projetos multidisciplinares que buscam incentivar e desenvolver ações comunitárias que integrem arte, cultura, cidadania, educação e economia solidária.

Fotografia 1 – Frente do Quilombo do Sopapo



Fonte: Registrada pela autora.

Este espaço, podendo ser visualizado na fotografia acima, (Fotografia 1), está localizado no bairro Cristal de Porto Alegre e se propõe a ser um centro comunitário de cultura, abrindo suas portas à comunidade praticamente todos os dias. Mantém, desde que foi criado, um Conselho Gestor Comunitário ativo, trabalhando para garantir a inclusão social pela cultura e dela gerar inclusão econômica e trabalhista, resistindo aos desafios de estabelecer um programa de cultura vivo, acessível a toda comunidade.

O nome Quilombo do Sopapo foi escolhido pelos membros criadores do Ponto de Cultura na intenção de solenizar e memorizar a cultura negra, tanto pela alusão histórica aos territórios de resistência à escravidão, os Quilombos, quanto pelo tambor nativo do extremo sul do Brasil, o Sopapo. (CÉ *et al.*, 2019). A

comunidade se originou a partir de uma parceria com a Guayí, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP).

Fotografia 2 – Moodboard Quilombo do Sopapo



Fonte: Registrada pela autora.

Hoje, o Ponto de Cultura é composto por diversas frentes artísticas dispostas pelo terreno. Na Fotografia 2, podemos observar algumas delas, como: estruturas arquitetônicas desenvolvidas a partir de conceitos como o de bioconstrução; um estúdio de gravação onde opera o coletivo feminista Sopapo de Mulheres com a rádio comunitária; diversas estruturas públicas para fins educacionais como um telecentro, biblioteca pública, um pré-Enem e uma marcenaria. E, finalmente, uma área verde inutilizada que ocupa cerca de 50% do terreno, podendo ver seu início na fotografia abaixo (Fotografia 3). Todas estas estruturas são regidas a partir de movimentos em prol da apropriação deste espaço comunitário da região.

Fotografia 3 – Início da área verde do Quilombo



Fonte: Registrada pela autora.

Por diversos períodos o território enfrentou e enfrenta dificuldades financeiras e com isso o adiamento de diversos projetos culturais. A Guayí sempre buscou implementar planos de autonomia em seus projetos, entretanto, na medida em que o Ponto de Cultura não consegue sustentar-se para além dos editais públicos, cabe a ela suprir as demandas básicas do espaço.

Cé *et al.* (2019, p. 107) enfatiza que “A precariedade da execução dos serviços não tem apenas um fator predominante, mas a questão econômica é um ponto-chave para a efetivação de um projeto, principalmente com os atrasos do poder público.”

Isto posto, um outro ponto que de certa forma isolou o Ponto de Cultura de mecanismos de financiamento para a construção de autonomia financeira é o fato de que o cerne do trabalho que ele opera, escora-se em um discurso anticapitalista, mantendo um posicionamento contrário às ideologias dominantes, conseqüentemente tendo dificuldade de inserir-se em redes mais amplas de mercado.

4 METODOLOGIA

4.1 METODOLOGIA DE PESQUISA

Este é um trabalho que visa uma pesquisa de cunho exploratório e qualitativo, ou seja, intenta uma maior familiaridade e imersão com o tema, construído com base em hipóteses e experiências prévias operadas por intuições. (GIL, 2002). A partir disto, definimos os seguintes procedimentos e coletas de dados:

Revisão Bibliográfica e Documental: Embasamos a pesquisa através de materiais de cunho tanto documental quanto bibliográfico. Foram fornecidos pela comunidade do Quilombo do Sopapo regulamentos, plantas do espaço, registros fotográficos, arquivos privados e gravações, sendo assim considerados documentos de caráter documental. (GIL, 2002). Em complemento a estes materiais fornecidos pela comunidade investigamos referências bibliográficas que embasaram a aplicação do projeto e ampliaram a gama de conhecimento sobre o assunto.

Pesquisa de Campo: Elaboramos um cronograma de visitas presenciais para levantamento de dados e validação no território de aplicação do projeto. Em diálogo com a comunidade, realizamos duas visitas para observação, imersão e testes em campo no território de estudo.

Entrevista em Profundidade: Com base em um roteiro construído para uma melhor dinâmica de interação (disponível no Apêndice B), realizamos uma entrevista em profundidade visando um maior alinhamento e horizontalidade entre projetista e comunidade. Através desta interação, realizada com a atual responsável pela área verde do Quilombo do Sopapo, espaço no qual o projeto foi focado, geremos um entendimento e contextualização para o projeto extremamente relevante. A partir deste método avaliamos e refinamos o direcionamento e síntese de projeto tomado.

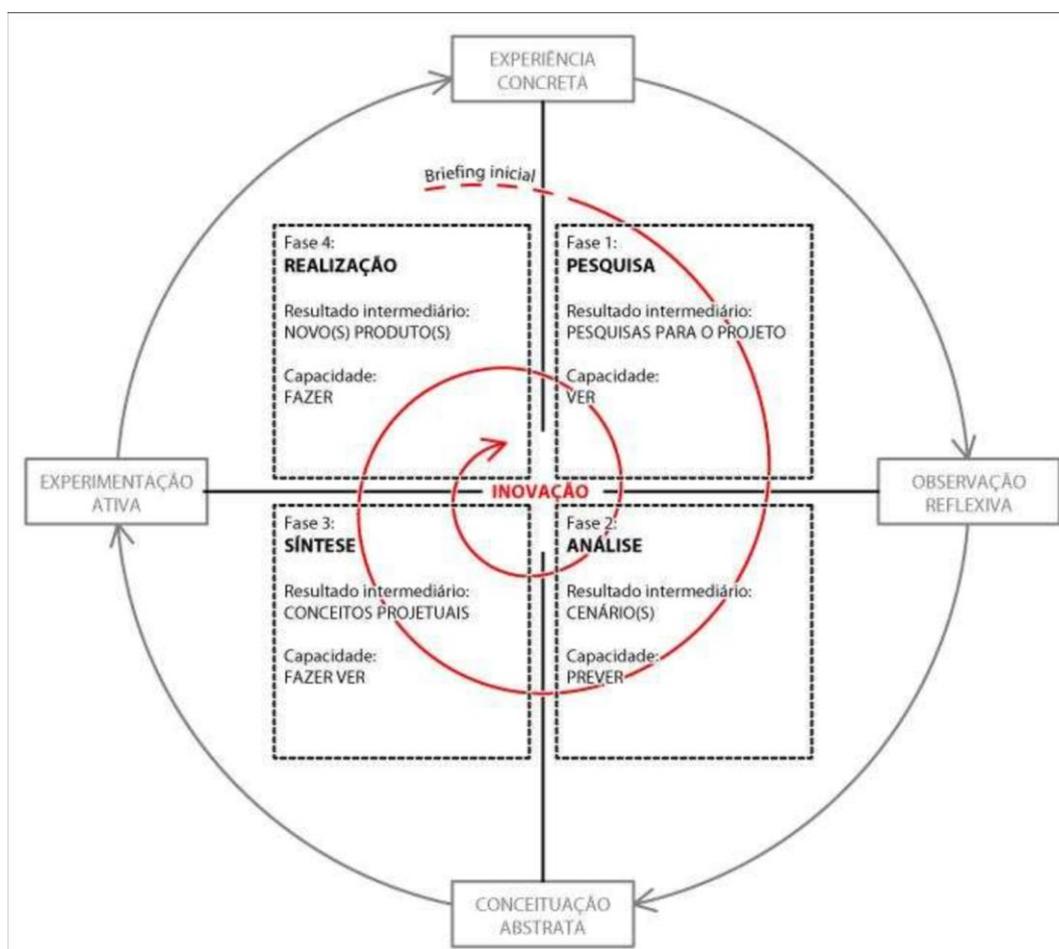
Análise de Referências: Realizamos uma pesquisa de cunho exploratório visando, não apenas para buscar referências de casos de sucesso no assunto da agroecologia urbana, design e sustentabilidade, mas para identificar processos aplicados em campos diversificados. Esta abordagem teve como propósito central, a geração de inspirações e ideias que direcionam uma operacionalidade de projetos viável e adequada, se enquadrando nas pesquisas de cunho contextual e não contextual (bluesky) do metaprojeto desenvolvido.

4.2 METODOLOGIA DE PROJETO

Considerando que o objetivo do projeto se escora nos valores do design para a inovação social e sustentabilidade, compreendemos a necessidade de sistemas de socialização habilitantes. Sistemas os quais, segundo Manzini (2008, p. 34) visam "estimular as capacidades sociais e reforçar o tecido social." Na intenção de estimular as capacidades coletivas e reforçar o tecido social, o método projetual selecionado para o desenvolvimento deste trabalho é o método proposto por Carlo Franzato (2011). Este modelo se caracteriza como uma representação de processos de Design Estratégico inclinados à inovação social, primordialmente devido à sua natureza cíclica. Esse formato projetual recursivo reforça a questão do ciclo de aprendizagem dos projetos (FRANZATO, 2011), principalmente quando se fala de validação de testes em campo, onde fazemos, avaliamos, testamos, repensamos, fazemos de novo, mostrando que o projeto está em constante reinvenção.

Fundamentado na Espiral da Inovação dirigida pelo design (Figura 1), compreendemos a forma cíclica a partir de quatro quadrantes, cada um sendo uma respectiva etapa no processo de inovação. As quatro fases principais que compõem o ciclo são: pesquisa, análise, síntese e realização. Estas atividades pertencentes a cada quadrante, subdividem os processos de design de uma maneira mais abrangente, possibilitando uma estruturação metodológica livre, pois também considera que, como designers, atuamos com realidades complexas e distintas, onde a construção de um cronograma metodológico é extremamente singular.

Figura 1 – Espiral da Inovação dirigida pelo design



Fonte: Franzato (2011, p. 53).

A primeira fase se caracteriza como uma etapa de avaliação de contexto e geração de ideias, em que as pesquisas realizadas nela desdobram duas frentes, uma contextual e uma não-contextual, também conhecida como *bluesky*. (FRANZATO, 2011). Com estas duas frentes nosso repertório teórico sobre o assunto se expande ao mesmo tempo que cria novos *insights* a partir de olhares projetuais mais abrangentes.

Após uma concentração de conteúdo considerável, entramos na fase de análise, em que os dados serão processados e avaliados considerando priorizar soluções para um melhor desenvolvimento projetual. Esta fase, segundo Franzato (2011), é uma fase extremamente analítica, e a partir da interpretação delas será possível planejar um cenário de atuação.

Antes de tudo, a fase de síntese é uma fase de visualização, é aquilo que Zurlo (2010) caracteriza nos processos de ideação de soluções possíveis, como

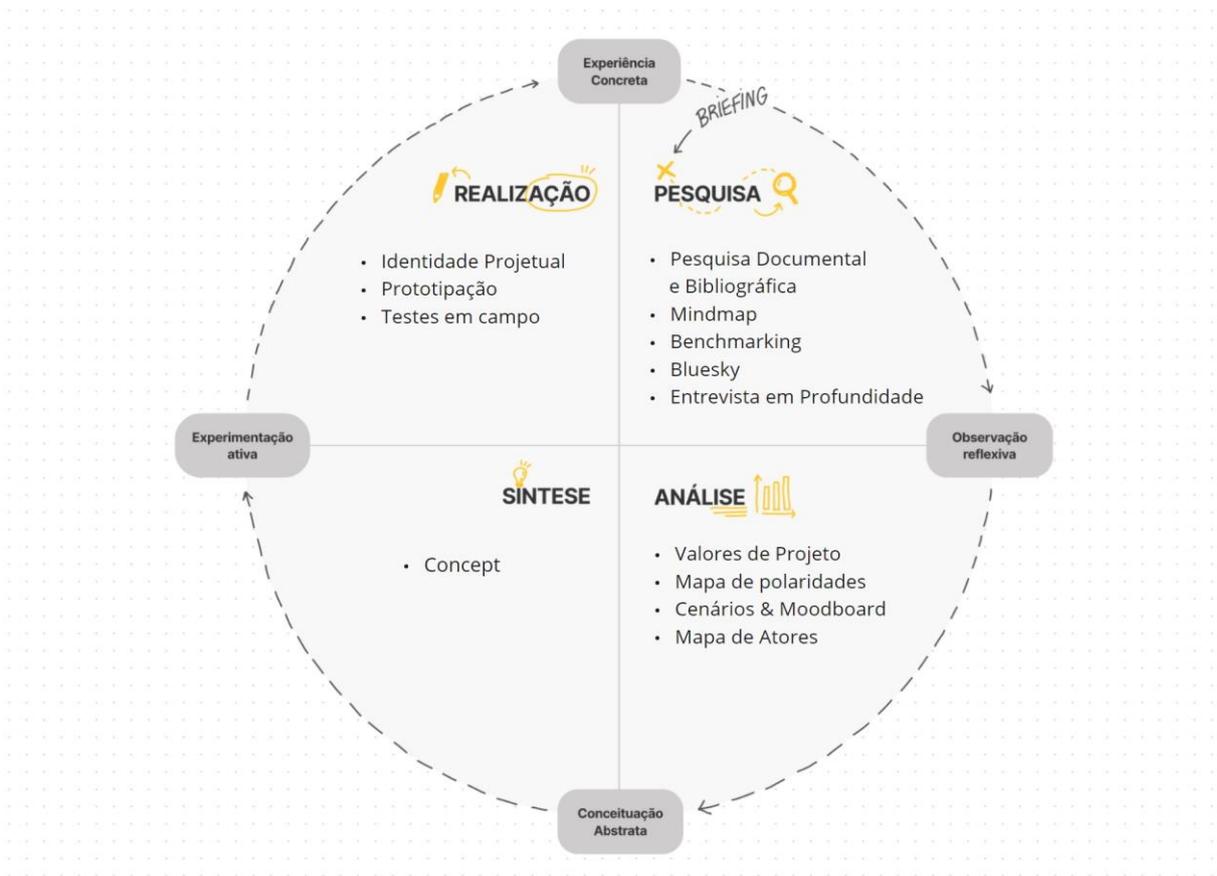
“tornar visível o campo do possível.” (ZURLO, 2010, p. 9). A ideia mais promissora selecionada na fase anterior será refinada e um plano de implementação será traçado. A partir desta fase "os designers expressam a sua maneira peculiar de agir". (FRANZATO, 2011, p. 54).

Com o conceito projetual amadurecido, a fase quatro se define como a implementação e análise de impacto propriamente dita. A fase de realização testa e identifica possíveis desafios de implementação dos conceitos projetuais desenvolvidos nas etapas anteriores. (FRANZATO, 2011). A partir de protótipos e MVPs (*Minimum Viable Product*) é possível avaliar o retorno trazido pelo projeto e eventualmente poder melhorá-lo se assim for sinalizado. Segundo o método de Franzato (2011), o projeto nunca propriamente acaba, mas sim sempre se reinventa, por isso a estruturação cíclica deste método, para ele é necessário "preservar a natureza do pensamento projetual amadurecido e continuar a ação centrípeta na direção da inovação." (FRANZATO, 2011, p. 55).

5 METAPROJETO

Neste capítulo, serão expostas as fases de pesquisa, análise e síntese que se referem à etapa metaprojetual deste trabalho. Na Figura 2, estão localizadas as técnicas específicas da metodologia de projeto utilizadas em cada fase.

Figura 2 – Interpretação do método de inovação pelo design



Fonte: Elaborada pela autora.

5.1 BRIEFING

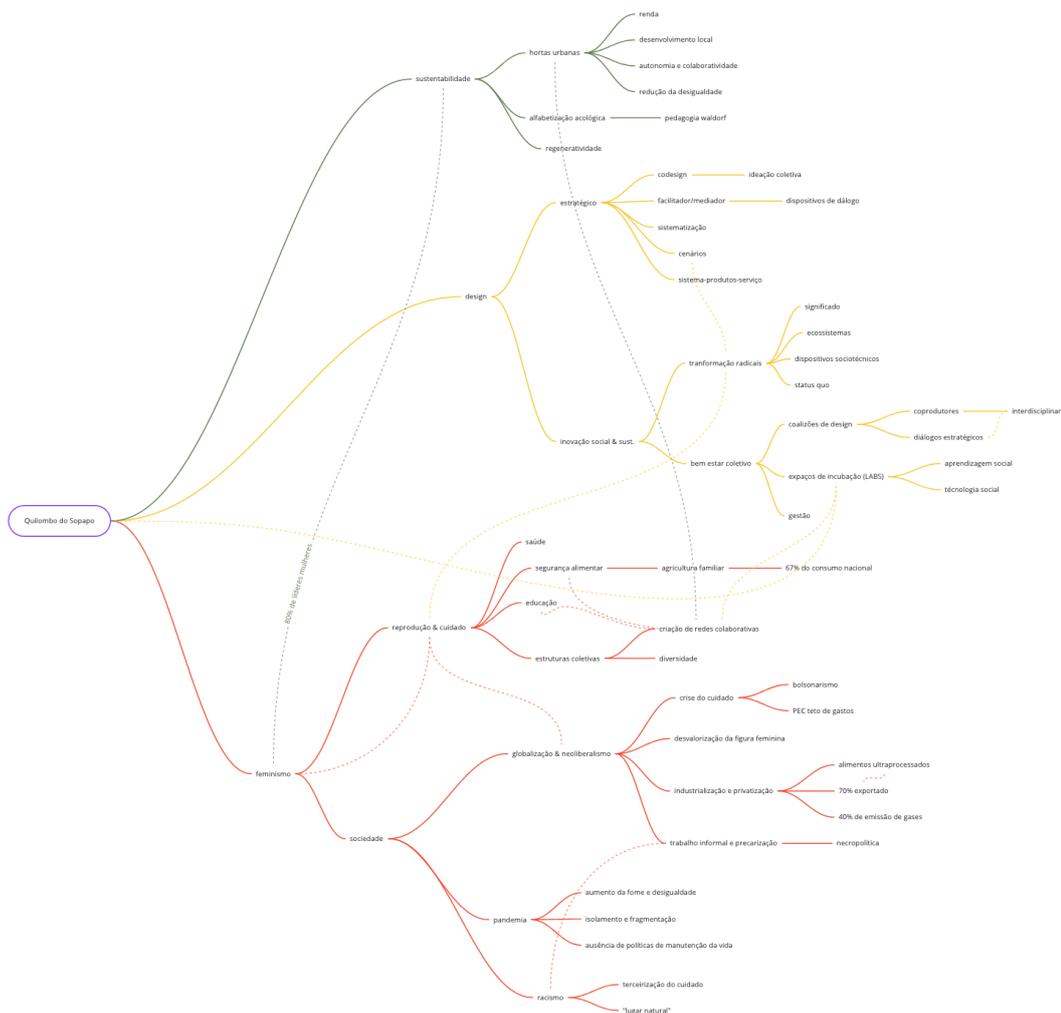
O briefing inicial para esse projeto, portanto, foi: criar, a partir do Design Estratégico para a inovação social e sustentabilidade, um sistema produto-serviço que busque soluções que favoreçam a ativação de uma horta urbana no ponto de cultura Quilombo do Sopapo.

5.2 PESQUISA

5.2.1 Mindmap

Na etapa de pesquisa, além da revisão bibliográfica e documental, desenvolvemos um mapa mental a fim de compreender a abrangência e possíveis desdobramentos dos temas projetuais selecionados em conjunto com seus eventuais pontos de contato. A partir da estrutura abaixo (Figura 3), é possível observar 3 temáticas principais elegidas a partir das quais o conteúdo se ramifica, estas sendo **a sustentabilidade, o design e o feminismo**. A partir deste desdobramento dos tópicos inicialmente selecionados como temática de projeto, percebemos as dimensões projetuais possíveis, para que então pudéssemos delinear as conexões com maior potencial de imersão e desenvolvimento.

Figura 3 – Mindmap

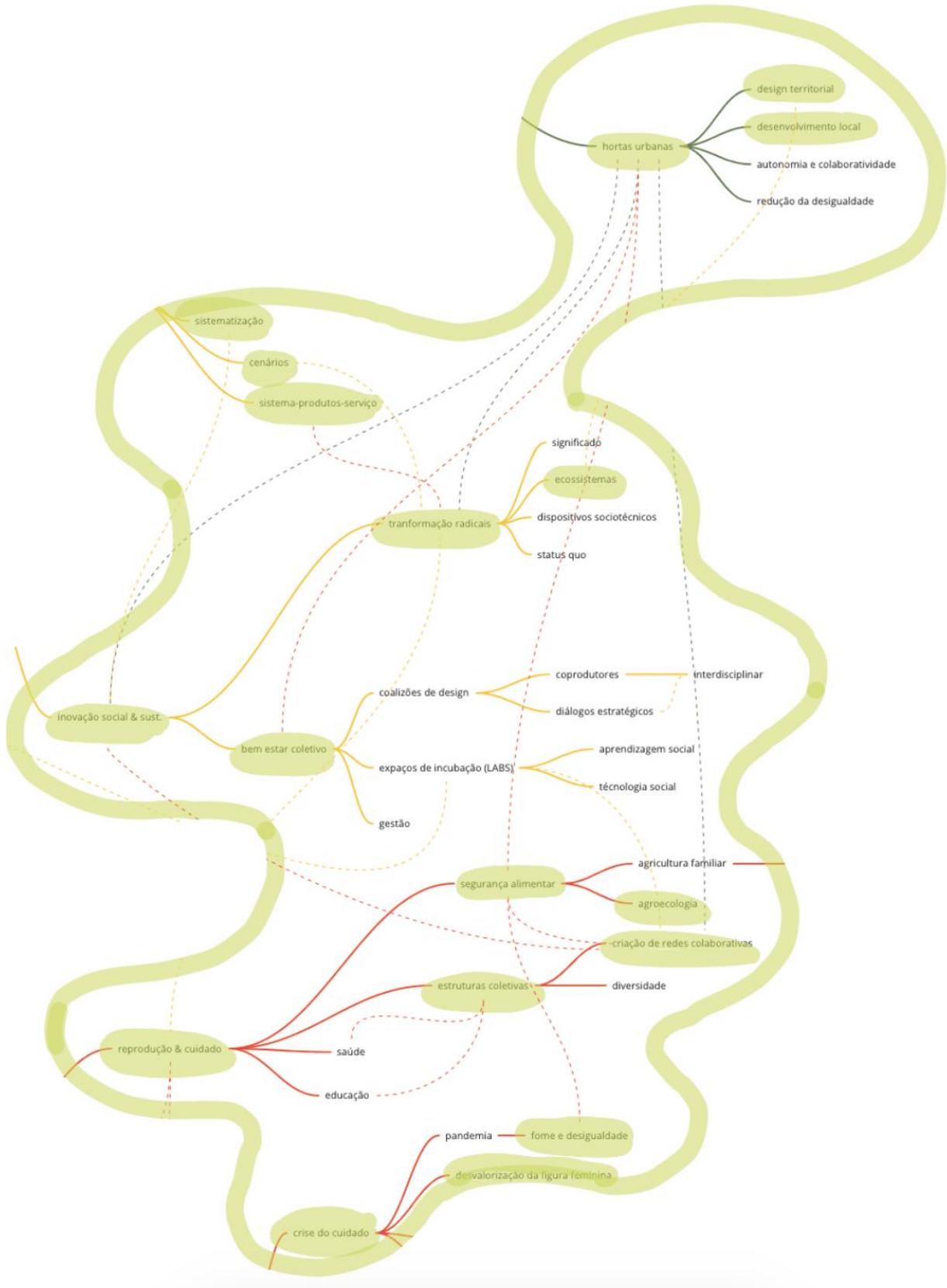


Fonte: Elaborada pela autora.

Por conseguinte, analisando quais variações temáticas poderiam dialogar com mais harmonia, encontramos um contorno satisfatório para o andamento projetual. Com base nesta dinâmica, delimitamos uma linha de raciocínio para o projeto. Além disso, ao enxergarmos os pontos de contato mais relevantes entre as ramificações geradas destes tópicos (Figura 4), determinamos o recorte das narrativas presentes no projeto, sendo algumas delas as seguintes:

- A atual crise do cuidado e a valorização do feminino;
- Valorização das estruturas de manutenção da vida;
- Design Territorial e o desenvolvimento local;
- Segurança alimentar e agroecologia;
- Hortas urbanas e redes colaborativas;
- Design Estratégico para inovação social e sustentabilidade;
- Visualização de cenários futuros sustentáveis através do design.

Figura 4 – Recorte das Ramificações Temáticas



Fonte: Elaborada pela autora.

5.2.2 Pesquisa Contextual

5.2.2.1 Benchmarking

A finalidade desta pesquisa se deu a partir da necessidade de um “ponto de referência”. Projetos de inovação social voltados à agroecologia urbana e inovação social se utilizam de diversos aparatos e dinâmicas de desenvolvimento. Portanto, realizar uma pesquisa de referências projetuais se fez extremamente necessária para uma imersão adequada no tópico. Os *benchmarks* são dinâmicas que buscam fatores-chaves que aumentem exponencialmente a efetividade projetual, rastreando como sua proposta de projeto, a partir de operações similares aplicadas, pode afetar o ecossistema. Esta prática normalmente se volta para o meio corporativo, todavia, com o crescimento de áreas como o design para inovação e sustentabilidade, suas atividades se mostraram promissoras mesmo fora do âmbito mercadológico.

Segundo Manzini (2011, p. 100, tradução nossa),

Nas últimas décadas, uma multiplicidade de "atores" sociais (incluindo instituições, empresas, organizações sem fins lucrativos, bem como cidadãos individuais e suas associações) provaram ser capazes de agir fora dos modelos econômicos convencionais e, ao fazê-lo, fornecem benchmarks que podem muito bem fornecer respostas para as preocupações e desafios mais urgentes de nosso tempo.

Os projetos foram mapeados a partir da rede DESIS (*Design for social innovation and sustainability*), uma comunidade criativa que, estabelecendo parcerias com outras entidades e desenvolvendo ao redor de mundo uma rede de *Design Labs* com base em universidades e outras unidades educacionais orientadas para o design, opera para promover e apoiar a mudança social em direção à sustentabilidade. As iniciativas analisadas partiram do que a rede denomina de "mapa de temáticas" (Figura 5), um esquema disponível no site da organização onde é possível encontrar temáticas projetuais específicas a partir de um eixo de palavras-chave.

Figura 5 – Mapa de Temáticas

	Food	Making	Clothing	Caring	Housing	Place-making	Others
Product for SI	12	37 46	23	(12)			30
Service for SI	32			5 24 25 28 33 35 44	22	19 (32)	
Infrastructuring	9					20 31	
Digital SI				16 18 (35)			
Income generation/ entrepreneurship	26	27 42	34	29		10 21	7
Environmental concern		43			41		15 (30)
Co-design	(1) 38	8				1 2 3 4 6 (8) 11	(11) 17a 17b
Design/art performances						(6)	13
Scenario building/ envisioning				40 45		36 39	
Design theory and practices			(34)				14 (17a 17b)

Fonte: DESIS Network (2021).

Os projetos que mais se correlacionaram e auxiliaram na criação de embasamento teórico e processual se encontram principalmente nos pontos de intersecção "*cuidado + serviço para inovação social*", "*alimentação + co-design*" e "*co-design + place-making*". Neles estão inclusos os projetos:

Creative Citizens - Um espaço de encontro entre designers, cidadãos, atores locais e instituições: O projeto é um programa semanal de sessões de co-design dedicado a 4 diferentes clusters de serviço: sistemas alimentares, serviços para compartilhamento de habilidades, serviços culturais, legais e burocráticos. O projeto utilizou um conjunto de técnicas participativas como co-design e *Human Centered Design* que são cruciais para conceber serviços que envolvam os cidadãos. *Storytelling*, protótipos, *mock ups* e outros dispositivos de diálogo foram cruciais para compartilhar ideias com a comunidade. Designers são capazes de dar substância às ideias, visualizando-as e prototipando-as, e isso é particularmente relevante ao se falar de serviços, que são intangíveis por definição. A capacidade dos designers em criar visões e objetos é importante para gerenciar uma conversa entre vários atores, porque oferece um item comum no qual dialoga; (NATIONS, 2015).

- **Co-projetar serviços colaborativos para promover a produção e consumo de alimentos sustentáveis em Ulsan:** O projeto visava desenvolver um empreendimento comunitário sustentável com modelos para apoiar produção alimentar e consumo sustentável em Ulsan. Facilitadas por designers, as partes interessadas participaram ativamente na tomada de decisões, desde a definição do problema de design para o desenvolvimento de soluções. O projeto foi realizado no âmbito da política governamental de apoio à comunidade, e os resultados finais, os modelos de negócios, foram incubados pelo governo e pelo distrito local; (UNIST, 2021?).
- **Beanor - Cultivo de broto de feijão como solução viável para pessoas encarceradas:** projeto de serviço para internos que estão prestando serviço comunitário em Wuxi. Tem como objetivo fornecer o novo estilo de vida para estas pessoas e ressocializá-las, plantando vegetais de broto de feijão com um novo negócio; (GONG; ZHANG, 2021?).
- **Izindaba Zokudla (Conversas sobre Alimentos): Inovação no Sistema Alimentar de Soweto:** A cidade de Joanesburgo (CoJ) implementou uma política de agricultura urbana como parte de uma iniciativa de mais segurança alimentar. Esta política criou oportunidades para o envolvimento de várias comunidades, e Izindaba Zokudla é destinado a criar um espaço para tal compromisso entre fazendeiros urbanos e a comunidade local. O projeto defende abordagens específicas para o desenvolvimento da agricultura urbana em Joanesburgo. Impulsiona uma pesquisa participativa para construir a capacidade de organizações de agricultores em Joanesburgo, para facilitar o engajamento com empresas de alimentos na cidade, e usar o Design e tecnologia como um meio para melhorar o desenvolvimento da agricultura; (CAMPBELL; MALAN, 2021).
- **Coltivando - O jardim de convivência no Politécnico di Milano:** Coltivando é uma comunidade universitária sendo considerada um jardim aberto para pessoas que trabalham/estudam no Campus Politécnico-Bovisa e para a vizinhança. Tem como objetivo devolver o espaço público do campus para a comunidade local, fornecer às

peças de comida orgânica fresca, e para fortalecer os relacionamentos sociais. Desde o início, Coltivando foi co-projetado e construído pela comunidade. Alguns membros são confiados com atribuições específicas, de acordo com as suas competências pessoais. O projeto tem se conectado com outros jardins, associações e escolas para promover as atividades de jardinagem e a relevância social dos espaços verdes públicos. O processo de design do Coltivando aborda questões complexas de design que forçaram os designers a trabalhar em equipes multidisciplinares. Eles tiveram que combinar suas competências para desenvolver a melhor solução e, além disso, enfrentar o *feedback* da comunidade a cada andamento do projeto. Ou seja, os designers também tiveram que aprender a ser mediadores sociais; (FASSI; SIMEONE, 2021).

- **Latham St. Commons - Reconnectando Pessoas em Necessidades da Vida Diária:** O local do projeto é um conjunto inutilizado de garagens na fronteira de dois bairros socioeconomicamente diversos. Nesse projeto, o Commons teve a oportunidade de unir pautas raciais e reduzir divisões sociais que perpetuam a pobreza e desigualdade do local. O Commons teve como objetivo realizar uma gestão deste espaço visando a produção de alimentos sustentáveis com o objetivo de planejar e operacionalizar uma estrutura que incentivasse a troca, interações positivas com a comunidade e um maior acesso a alimentos nutritivos. Projetar para esse ambiente complexo e delicado requereram colaboração não apenas entre esses programas, mas também envolvessem interação, engajamento e *feedback* da comunidade em cada etapa ao longo do caminho. (HUGHES; ARSCOTT; ZAK, 2021?).

Outros eixos do mapa foram pertinentes para o desenvolvimento de referências, entretanto estes projetos e seus respectivos pontos de contato foram as unidades mais pertinentes. Além de uma fundamentação a partir do design para inovação social e sustentabilidade como eixo central estes projetos paralelamente também se apoiavam em outros aspectos temáticos como:

- *Human Centered Design* (Design Centrado no Humano);
- Planejamento urbano sustentável;

- Treinamento e Design para a educação;
- Mudanças sociais pelo empoderamento;
- Prototipação de hortas;
- Criação de redes comunitárias urbanas.

Figura 6 – Referências Projetuais

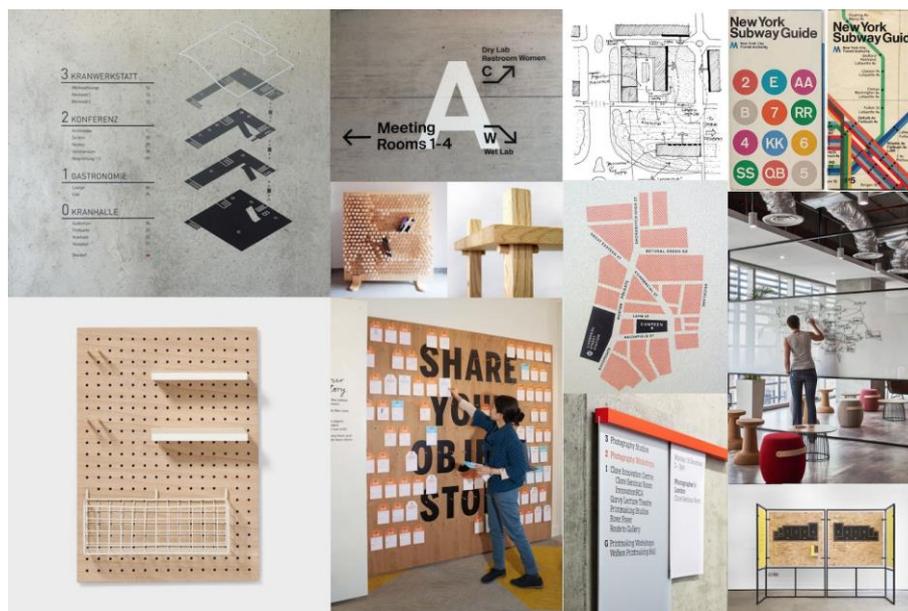


Fonte: DESIS Network (2021).

O maior retorno fornecido por esta pesquisa foi a compreensão das melhores práticas adotadas dentro de cada especificidade projetual (Figura 6). Conforme o projeto foi se desdobrando para um enfoque temático mais específico, atividades voltadas à aspectos de **criação de redes comunitárias e dispositivos de organização se fizeram** muito necessárias e presentes. A atividade a seguir, por exemplo, ainda explora este prisma, entretanto com um enfoque mais dilatado.

5.2.3 Bluesky

A pesquisa *bluesky* desenvolvida foi destinada à exploração de superfícies organizadoras de informações e/ou objetos dos mais diversos moldes. Segundo Reyes (2010, p. 6-7), esta dinâmica "constitui-se de procedimentos não contextuais que favorecem o processo criativo em uma espécie de visão ampla sobre tendências em outras áreas, definindo-se por um sistema de oportunidades." O objetivo central desta atividade veio a partir da necessidade de explorar matrizes de planejamento para fora do olhar particular da agricultura urbana e se direcionando para todos os planos de ordenação possíveis, sejam eles industriais, rodoviários, corporativos e até mesmo domiciliares.

Figura 7 – *Bluesky* de Superfície Organizadoras

Fonte: Elaborada pela autora.

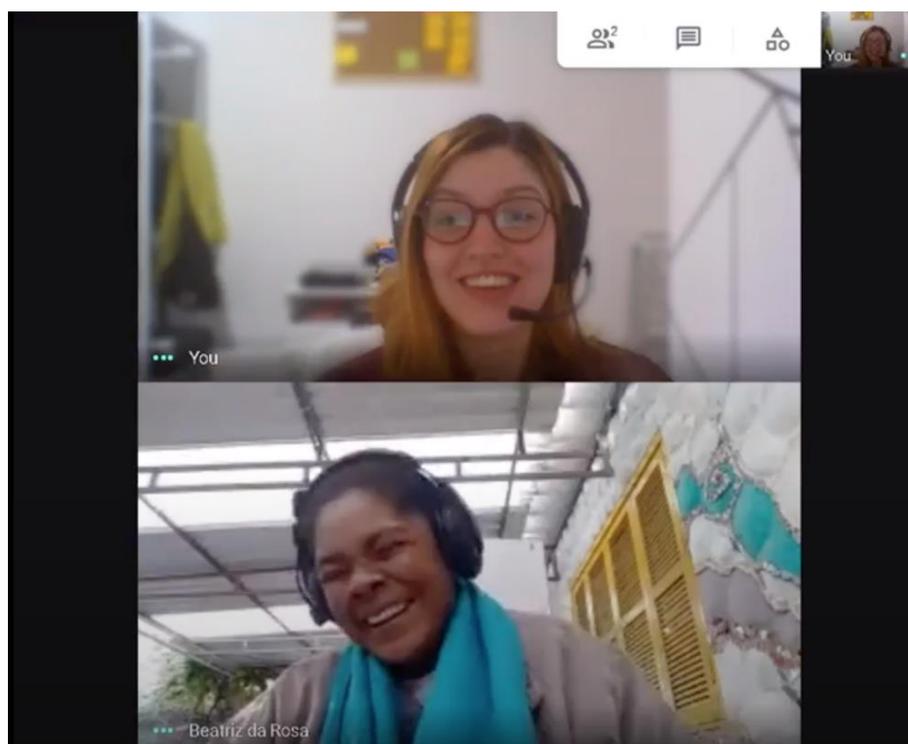
A partir desta pesquisa elaboramos um *moodboard* (Figura 7) com as principais peças que poderiam eventualmente se tornar um *insight* projetual. Esta dinâmica resultou na geração de ideias para possíveis ornamentos físicos voltados tanto para a gestão espacial quanto para construção de processos de engajamento e cocriação, estimulando indivíduos a contribuírem com este meio. Esta etapa também desencadeou uma necessidade de iniciar interações mais constantes com a comunidade do Quilombo do Sopapo, considerando que para projetar algo para um espaço, é preciso imergir neste. Preservar esta conexão ativa e próxima foi muito importante para entender as possíveis novas problemáticas, e restaurar esta dinâmica com múltiplas referências estruturais fez desta atividade um processo muito mais produtivo.

5.2.4 Entrevista em profundidade

Visando uma reconexão e revisão do levantamento de dados, realizamos uma entrevista em profundidade com um agente do território estudado diretamente envolvido com a área verde do Quilombo do Sopapo. A atividade também se fez pertinente a partir do momento que pode validar ou refutar hipóteses desenvolvidas com base nos levantamentos bibliográficos feitos no projeto. Segundo Gil (2008) entrevistas em profundidade são um "processo que, utilizando a metodologia

científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social." (GIL, 2008, p. 46), e a atual gestora da área verde do Ponto de Cultura, referida neste trabalho como B.R., foi a pessoa que nos forneceu estes conhecimentos de campo. O roteiro da entrevista está disponível no Apêndice A deste trabalho.

Fotografia 4 – Entrevista com B.R



Fonte: Registrado pela autora.

Os dados obtidos a partir desta dinâmica, realizada de forma online através da ferramenta Google Meet (Fotografia 4), foram utilizados tanto para traçar um melhor enfoque no que se tratou do planejamento estratégico traçado quanto para compreender qual seria, a partir de como B.R. visualiza o espaço, a essência e valores deste projeto. O roteiro desenvolvido tinha como objetivo cobrir duas finalidades: as lacunas e dificuldades enfrentadas atualmente no que se trata da implementação da horta; e as possíveis oportunidades de atuação a partir dos sonhos de B.R. sobre o local em que atua.

A conversa teve um tom informal, passando por tópicos até mesmo não-contextuais para que, quem sabe, novos *insights* surgissem a partir deles. Os principais pontos de destaque desta conversa (que podem ser visualizados na Figura 8) orbitaram perante o âmbito da **solidude e gerenciamento em relação à**

manutenção do espaço. B.R. coordena presencialmente a área verde do Quilombo em média três vezes na semana em turno integral. Ela enxerga o espaço como uma zona de múltiplas possibilidades, e sonha que este se torne uma verdadeira incubadora de projetos sustentáveis. Ao mesmo tempo, encontra muitas restrições quando se trata de operacionalizá-los. As principais limitações delineadas ao decorrer da conversa se centralizaram na **solidude de B. R. e na retração de outros membros, sejam da comunidade ou externos, na colaboração para com a área verde do Ponto de Cultura.** Sozinha, a regente dos jardins não consegue administrar seu tempo proporcionalmente com a amplitude espacial e operacional que o espaço demanda. Atualmente, o que consegue se manter no espaço são ervas de cunho medicinal, com as quais são elaborados temperos e até mesmo remédios naturais. Um ponto positivo na fala de B.R. foi a poda de uma fração da área verde, o que abre caminhos para uma atuação mais eficaz e direta na terra. Este foi um problema pontuado no projeto realizado em 2020 (descrito no Apêndice A) pelo difícil acesso à área verde por falta de poda. Felizmente, essa problemática foi, mesmo que parcialmente, solucionada.

Figura 8 – Pontos de Destaque da Entrevista



Fonte: Elaborada pela autora.

As principais oportunidades provenientes desta interação com B.R. emergiram a partir de uma colocação da gestora onde apontava que, todas as vezes que alguém tentava participar, além de ser uma ação pontual, não sabia exatamente

como proceder, o que resultava num maior contratempo do que um auxílio com o espaço. Para a gestora, "tudo está muito bem colocado na sua cabeça", entretanto, quando outros se relacionam com o trabalho, não conseguem ter esta "visualização do todo". Os principais *insights* gerados a partir desta fala e de toda a dinâmica da entrevista foram, primeiro, a necessidade de uma **rede colaborativa** que auxilie B.R. na concepção da futura horta, e, segundo, que estas pessoas tenham **dispositivos de alinhamento, interação e visualização** espacial coletiva do território.

5.3 ANÁLISE

5.3.1 Valores de projeto

Baseado no trajeto de projeto traçado até esta determinada etapa, delimitamos um conjunto de valores (exposto na Figura 9) que representassem a essência deste projeto. Beccari, Portugal e Padovani (2017) afirmam que toda esta seleção não apenas trata dos pontos relacionados à orientações projetuais (um exemplo desta finalidade foi o *mindmap*), mas também abrange uma dimensão muito maior como orientações éticas, morais e culturais. Estamos falando de um ato de "articulação de afetos". Valores de projeto, na sua forma mais pura, são a **sensibilidade de incorporar afeição e sistemas significantes no ato de projetar**. Os autores sustentam a tese de que,

Estão em jogo, aqui, não apenas os valores constitutivos do campo do design como atividade profissional, mas os valores que organizam e orientam nossa existência e que, portanto, embasam, por meio de pressupostos tácitos de como as coisas devem ser, qualquer tipo de proposição criativa sobre o mundo. (BECCARI; PORTUGAL; PADOVANI, 2017, p. 17).

Figura 9 – Valores de Projeto



Fonte: Elaborada pela autora.

Sendo assim, esta rede de valores que percorre o cerne do projeto são:

- **Orquestrado:** Este valor representa uma necessidade de consonância entre uma rede, ou seja, uma relação necessariamente sustentável e harmônica entre as partes envolvidas. Este valor incentiva o fornecimento de artifícios materiais e imateriais que estimulem trocas de maneira rítmica e harmoniosa;
- **Conectivo:** Se entende que para participar de alguma iniciativa, é necessário desenvolver vínculos afetivos com esta. Incentivar trocas significativas entre indivíduos e seu ecossistema estimulam a colaboração e engajamento na construção e criação coletiva. Portanto, não basta apenas uma operacionalidade mecanizada dos processos, mas sim construir uma trama de conexões e afetividades com aquilo/aqueles no nosso entorno;
- **Coletivo:** No contexto em que a competitividade é sinônimo de sobrevivência, a ideia de que somos seres sociais e dependemos de estruturas coletivas para viver é diluída. Este valor reforça que individualidade não é sinônimo de egoísmo, compreendendo que cada indivíduo pertence a uma esfera social e que, num momento em que nossa fragmentação é incentivada constantemente, encorajar e desenvolver ações de cunho coletivo é um ato revolucionário;

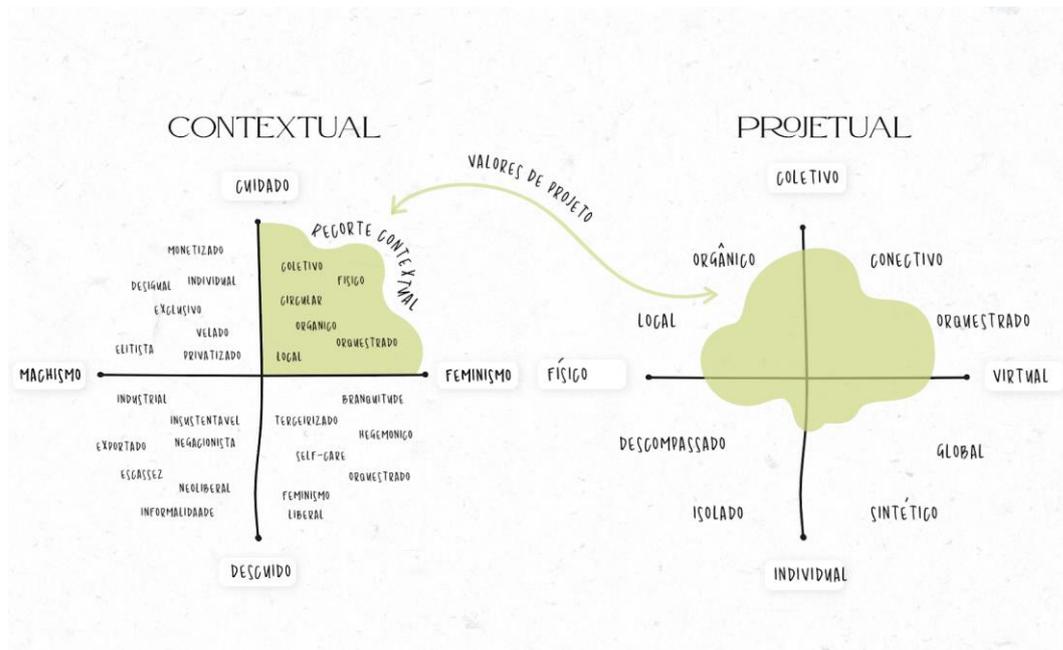
- **Orgânico:** Exalta aquilo que é natural, vivo e mantém nosso ecossistema em equilíbrio. Provocar valores que impulsionam o desenvolvimento daquilo que nos nutre, cria conexões e qualidade de vida para todos;
- **Local:** Se refere a intenção de desenvolver e exaltar artifícios locais. O local onde as pessoas se reúnem, trocam experiências e produzem para sua própria comunidade. Ter uma ótica voltada à uma localidade tanto dá visibilidade aos produtos e serviços pautados nos costumes e construções sociais fornecidos por este espaço quanto valoriza sua cultura;
- **Físico:** Este projeto carece de presença. Foi entendido a partir do estudo de agroecologia e hortas urbanas que a criação de hortas é muito mais do que a concepção de uma fonte de segurança alimentar sustentável, estes são verdadeiros espaços de encontro, socialização e intercâmbios culturais. (FERNÁNDEZ, 2003). Em vista disso, desenvolver um material que incentive, de maneira gradual, uma frente física de ativação de rede é muito importante para que estes relacionamentos entre indivíduos e indivíduos e entre indivíduos e território floresçam.

5.3.2 Mapa de polaridades

Fundamentados ao redor desta rede de valores estabelecida na etapa anterior, construímos dois mapas de polaridades (Figura 10) buscando orientar o processo de geração do cenário. O primeiro procurando entender onde o projeto se disporia a partir de uma **matriz contextual**, e outro visando estabelecer um segundo recorte a partir deste mesmo cenário gerado, onde os valores estabelecidos foram dispostos primeiramente, desta vez numa perspectiva de **desenvolvimento projetual**. Polaridades são como mapas sociais, dos quais as características de utilização dependem do olhar do designer, um olhar que, no nosso entendimento, deve perceber todas as dimensões e escalas de implementação no qual seu projeto se insere. Portanto, estamos falando de **polaridades coligadas em escalas distintas**. Uma primeiramente disposta num plano dilatado, visando esta disposição de valores no plano social, e num segundo momento, outra matriz trabalhada dentro

desta primeira intersecção. Esta abordagem em escala foi desenvolvida tendo em vista criar um cenário a partir do qual derivariam tanto ideias relativas ao detalhamento das trajetórias projetuais, quanto uma perspectiva ampla do quadro social que se almeja alcançar a partir desta implementação.

Figura 10 – Polaridades Coligadas



Fonte: Elaborada pela autora.

5.3.2.1 Matriz 1: Recorte Contextual

A fim de esclarecer possíveis 'terrenos' de desenvolvimento das estratégias projetuais, primeiramente foi necessário refletir, e delimitar em que plano do âmbito social, político e cultural estes valores estabelecidos se disporem caso fossem materializados a partir deste projeto.

Construímos esta primeira polaridade (matriz da esquerda) a partir do cruzamento entre fatores, pautados na fundamentação teórica, como eixos centrais nos quais foram firmadas as bases da nossa sociedade. Os polos selecionados para antagonizar a matriz foram "Cuidado - Descuido" e "Feminismo - Machismo". A partir deste prisma fica visivelmente claro que os valores de projeto se aplicariam, inteiramente, no quadrante "Cuidado - Feminismo". O objetivo de delimitar o recorte social através dos valores não se dá a partir da necessidade de visualização de como as coisas já são, mas como elas podem ser. Isto posto, acreditamos que a partir de projetos que visam inovação e sustentabilidade nos direcionam cada vez

mais a uma nova configuração social aqui representada pelo quadrante "*Cuidado - Feminismo*".

5.3.2.2 Matriz 2 - Recorte Projetual

Com o quadro contextual estabelecido pela rede de valores projetuais, foi possível realizar um segundo recorte, desta vez interno à matriz anterior, buscando desdobrar e lapidar ainda mais esta projeção, agora num plano de direcionamento projetual. Os seis valores definidos na etapa anterior - **Orquestrado, Conectivo, Coletivo, Orgânico, Local e Físico** - foram dispostos junto com suas respectivas dissemelhanças na matriz (Matriz Projetual). Desta vez, o delineamento não se manteve apenas em um quadrante do mapa, se atendo a um desenho mais orgânico sobre toda a superfície da matriz. Foi estabelecido que, para um bom desenvolvimento projetual, algumas atividades dialogassem, em alguma fração, com seu adverso. Se entende por exemplo que, para realizar projetos agroecológicos de cunho coletivo, a esfera do indivíduo não pode ser desconsiderada. Da mesma forma que, ambientes orquestrados também devem ter resquícios de descompasso, pois a arritmia também estimula o processo de diálogo e criação colaborativa. Em conclusão, a partir da coalizão destas matrizes relacionadas em escalas distintas partimos para a criação do cenário.

5.3.4 Cenário & Moodboard

O cenário estabelecido foi se construindo através de todo o desdobramento processual de pesquisas e análise, entretanto sua total visualização foi possível primariamente através da síntese de valores desencadeada pelo segundo mapa de polaridades (Figura 10). A partir do recorte de valores proveniente dos eixos delimitados, desenvolvemos um cenário o qual chamamos de "Zelar". O cenário construído (Figura 11) tem a intenção de "fazer ver" (ZURLO, 2010) a essência e incentivo à mudança que este projeto carrega.

Figura 11 – Moodboard do cenário Zelar



Fonte: Elaborada pela autora.

Cenário Zelar: Num futuro próximo, a sociedade é regida a partir de uma **ética do cuidado**, passando a operar em uma perspectiva sistêmica. A prática desta eticidade é, neste sentido, um ato de religação do indivíduo com a natureza, sociedade e com a espécie humana, um ato capaz de provocar regeneração nas escalas sociais, culturais, políticas, ambientais e econômicas. A sociedade resgatou aquilo que Boff (2005) apontou como sendo intrínseco e ontológico em todos os seres humanos, um cuidado numa escala macro e fora de mecanismos hierárquicos excludentes. Entretanto, mesmo que global, este sempre se adapta às peculiaridades e diversidades locais, pois não considera que relações têm apenas uma forma, cada indivíduo e meio cultural é considerado e respeitado. A trama comunitária anteriormente deteriorada pela antiga crise está mais forte do que nunca, e reconhece que somos a natureza em si e não estamos acima dela.

Nossa relação com alimentos se tornou mais abundante e menos hostil, com estes sendo majoritariamente provenientes da agricultura familiar e orgânica. O consumo consciente se popularizou tanto nas áreas rurais quanto urbanas, se democratizando o plantio do seu próprio alimento através de hortas comunitárias.

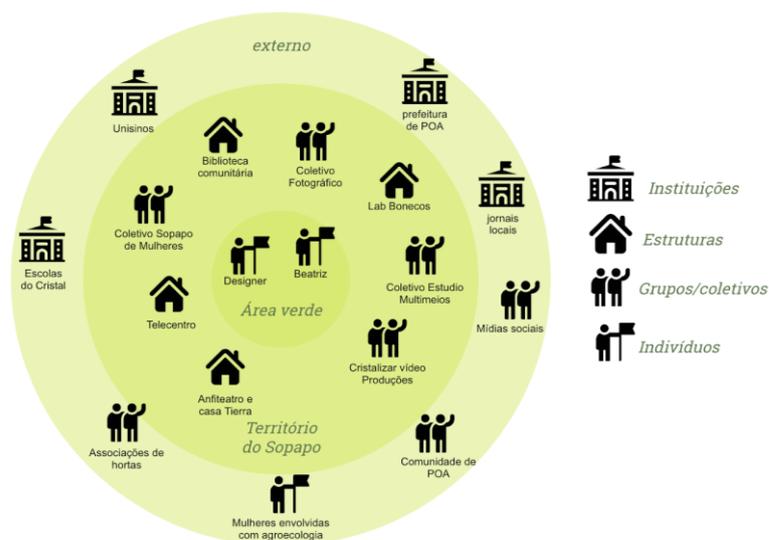
Políticas públicas foram redefinidas para que as zonas urbanas se adaptassem para um sistema de gestão espacial visando integração com a natureza e mobilidade, onde seja fácil se locomover para áreas naturais públicas. A criação de espaços comuns multifuncionais e laboratórios criativos de alta tecnologia se alastraram pela cidade sempre incentivando a inovação e conectividade pelo olhar colaborativo. E por último, mas não menos importante, como sociedade,

reconhecemos e valorizamos o papel do feminino na manutenção da vida coletiva, com mulheres sendo as principais lideranças da gestão ambiental, sanitária e de políticas públicas das cidades, sendo largamente recompensadas pelo ofício.

5.3.5 Mapa de Atores

Visando aprimorar cada vez mais a visualização da conjuntura em que este projeto será implementado, desenvolvemos um mapa dos atores (Figura 12) que se relacionam ou tem potencial de se vincular com produção da horta na área verde do Quilombo do Sopapo. Segundo Junior *et al.* (2020, p. 22) "denomina-se como 'ator' tudo que age, deixa traço ou produz efeito no mundo", portanto, foram destacados atores que se enquadram como indivíduos, grupos e coletivos, estruturas físicas e instituições. Estas figuras associadas ao espaço, de uma maneira ou de outra se mostram como possíveis influências para a concepção de uma rede de apoio à horta urbana. O entendimento de Freire (2006, p. 55 apud JUNIOR *et al.* 2020, p. 22) a partir de redes são o fato de que estas "remetem a fluxos, circulações e alianças, nas quais os atores envolvidos interferem e sofrem interferências constantes". Desse modo, os atores selecionados, provenientes de diferentes frentes disciplinares, têm o potencial de colaborar com o espaço com noções técnicas ou especializadas.

Figura 12 – Mapa de Atores



Fonte: Elaborada pela autora.

Levando em consideração que estamos falando de um Ponto de Cultura, além de unidades externas ao espaço, também foram mapeados os próprios coletivos que existem no território. Atualmente estes operam de maneira completamente desassociadas à manutenção da área verde, se mantendo desconexos deste espaço mesmo trabalhando no local. Esses coletivos são:

- **Coletivo Feminista Sopapo de Mulheres:** Coletivo feminista, autônomo, aberto e multidisciplinar. Fortalece e desenvolve as relações sociais por intermédio de um programa de rádio chamado Ruídos Urbanos, criado em 2013. Dentro da proposta são trabalhadas inúmeras temáticas atuais com oficinas, formações e a transmissão do programa em si. Os programas são divididos em duas partes: um bate-papo com mulheres atuantes em cada tema que o programa aborda e uma peça sonora, um caleidoscópio sonoro inspirado em cada assunto. Os programas são transmitidos ao vivo por *streaming* e pela Rádio Sopapo, 94.5 FM Já foi contemplado com o FAC/ SEDAC RS e com o Prêmio Mídias Livres, sendo reconhecido como Ponto de Mídia Livre pelo Ministério da Cultura;
- **Coletivo Fotográfico Imagens Faladas:** Projeto de fotografia no qual se realiza reportagens fotográficas da memória do território do Cristal. Realiza exposições fotográficas, percursos nas comunidades e tem um livro publicado também realizando um projeto pelo Programa Mais Cultura nas Escolas na Escola Paraná;
- **Coletivo Estúdio Multimeios:** Organização multidisciplinar ainda em fase de estruturação no Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo. Se organiza num estúdio muito bem equipado destinado à produção musical, suporte às ações de rádio comunitária, produção audiovisual e geração de trabalho e renda solidária;
- **Cristalizar Vídeo e Produções:** É um empreendimento cultural, econômico e solidário formado historicamente por jovens negras e negros da periferia de Porto Alegre desde 2009. Atua na cultura popular mostrando em seus vídeos que a comunicação comunitária é um caminho a trilhar. Incubada no Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, a CVP tem uma ponte com os outros 6 núcleos da casa de variadas linhas artísticas, música, teatro, arte, e etc... levando para outros espaços essas atividades

a partir da democratização da cultura e da comunicação na produção audiovisual de base comunitária como direito a cidadania e ao mundo do trabalho.

Com relação às estruturas físicas disposta no espaço, estas são:

- Biblioteca Comunitária;
- Lab Bonecos;
- Telecentro;
- Anfiteatro;
- Casa Tierra.

Se voltando para as instituições externas levantadas como potenciais colaboradoras da implementação da horta, esta foram:

- Escolas presentes na zona do Cristal;
- Prefeitura de Porto Alegre;
- Jornais e demais unidades de comunicação local;
- Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

E por último, mas não menos importante, foram selecionados como grupos e organizações coletivas externas:

- Associações de hortas de Porto Alegre;
- Redes sociais;
- Mulheres envolvidas com a agroecologia.
- E a comunidade civil de Porto Alegre como um todo.

É importante frisar que foi através do desdobramento deste mapa de atores que identificamos a importância de focar em um ator específico, e este foi definido como sendo as "**mulheres que já têm experiência com hortas**". Foi considerado que quanto mais frentes de acesso existem, maior o tempo demandado para administrá-las, um tempo que B.R. não tem. Com isso, a partir deste *insight*, foi estabelecido que trabalhar com apenas um foco de ação, possibilita tanto um maior cuidado e aprimoramento de estratégias, quanto uma dimensão mais concisa para alcançar o objetivo estabelecido.

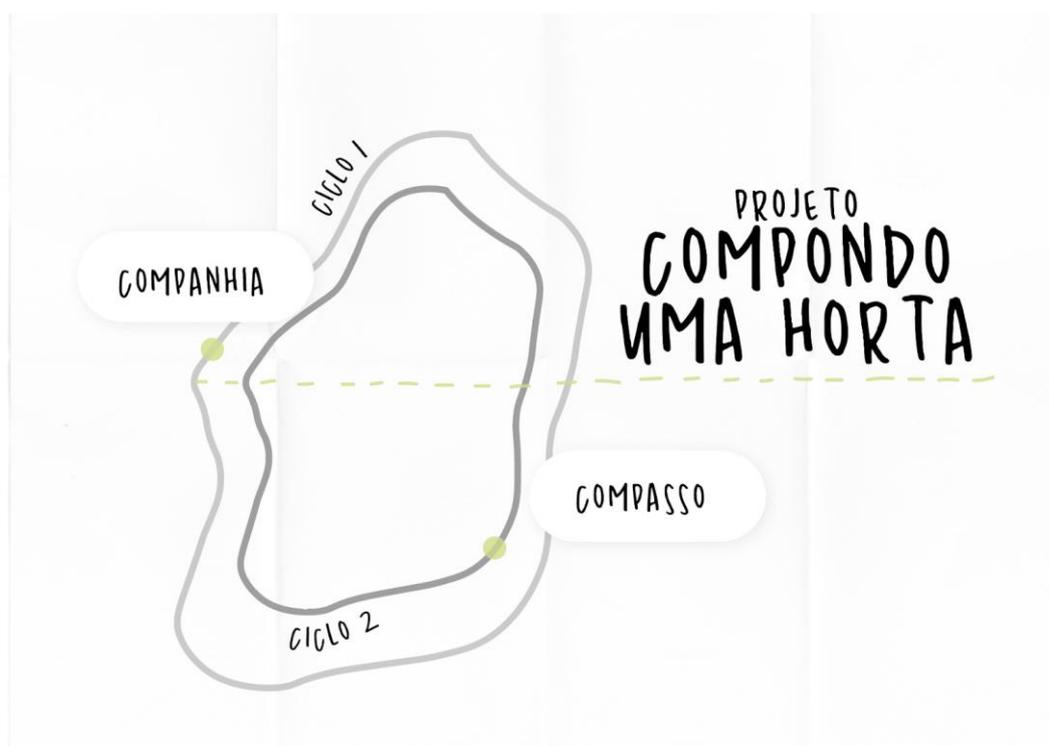
5.4 SÍNTESE

5.4.1 Concept

Com base nos principais *insights* gerados durante todo o percurso de criação, a solução na qual este projeto se propõe a desenvolver foi nomeada "Compondo uma Horta" e se caracteriza como um sistema produto-serviço de mobilização ao cuidado e ativação de rede para a criação de uma horta urbana a partir da troca entre mulheres conectadas ao movimento sustentável e agroecológico. Considerando o esquema abaixo (Figura 13) é possível identificar o percurso projetual deste sistema, sendo materializado através de dois ciclos:

- Companhia: Estratégias de Mobilização;
- Compasso: Ritmo, Instrumentalidade e Consonância.

Figura 13 – Projeto "Compondo uma Horta"



Fonte: Elaborada pela autora.

Este sistema foi denominado "Compondo um Horta" a partir de uma fala de B.R., atual gestora da área verde do Quilombo do Sopapo, durante a entrevista desenvolvida na etapa de pesquisa deste projeto. No decorrer da interação, a gestora ressalta que além de administrar os jardins e se conectar profundamente com a terra, gosta de se envolver com projetos relacionados à música, e que ela,

particularmente, se interessava pelo tambor. O último projeto que se envolveu no Ponto de Cultura se chamava "Na Trilha das Andarilhas", e se caracterizava como um cortejo performado por quatro bonecas gigantes produzidas no Lab Bonecos, uma marcenaria disposta no Quilombo do Sopapo. As músicas que embalsaram este cortejo foram criadas pela própria B.R., mostrando seu contato profundo com a musicalidade, além da terra. A gestora ainda pontua que essas músicas que produziu "são muito sobre a realidade que estamos vivendo, falando sobre o preconceito com as pessoas LGBTs, mulheres negras, e os maus tratos às crianças."

Figura 14 – Naming "Compondo uma Horta"



Fonte: Elaborada pela autora.

Este fragmento da conversa, em um primeiro momento, não foi considerado como algo relevante para a pesquisa e desenvolvimento projetual. Entretanto, ao pensarmos em termos que poderiam criar uma conectividade do espaço com este projeto, percebemos a representação de uma certa **associação linguística entre vocábulos ligados à musicalidade e a ativação de redes** no qual este trabalho se propõe a criar, podendo ser visualizado no esquema acima (Figura 14).

Além de B.R., o próprio Quilombo do Sopapo carrega em seu nome esta musicalidade, sendo o "Sopapo" um tambor nativo do extremo sul do Brasil, instrumento no qual B.R. também tem maior afeição. Para eles, o som do Sopapo presta homenagem à cultura negra e soleniza os territórios de resistência à escravidão. Isto posto, foi ponderada a proposta de que trabalhar com conceitos e linguagens claramente naturais para os membros da comunidade, além de trazer

segurança, verbaliza os valores nos quais eles se conectam, incentivando esta afetividade com o projeto.

Existe uma dualidade no verbo "compor". Além de descrever o ato de criar arranjos harmônicos e coordenados por meio da notação musical, este também apresenta a ação de comparecer, de se fazer presente ao todo. Os termos são destinados a fins diferentes, todavia, complementares. Em função disto, o projeto "Compondo uma Horta" visa estimular indivíduos a entrar em composição, a fim de integrar uma rede de cuidados com a horta do Quilombo do Sopapo. Contudo, para que se estabeleça ritmo e harmonização entre os compositores desta horta se fazem presentes dispositivos de diálogo, buscando estabelecer esta consonância na composição.

5.4.1.2 Companhia: Estratégias de Mobilização

A partir da escuta ativa da fala de B.R., foi compreendida uma questão chave no que se refere à manutenção da área verde do Quilombo do Sopapo. A gestora, na maior parte do tempo, opera os jardins do Ponto de Cultura de forma individual, sendo este o seu maior obstáculo: a administração do tempo em proporção a escala do espaço. Isto posto, o objetivo do ciclo Companhia é exatamente tirá-la desta solidão. Conectando-a, a partir de uma **estratégia de mapeamento e mobilização** (Figura 15), com mulheres que, como ela, gerenciam espaços verdes urbanos voltados a um prisma sustentável. Estamos, portanto, não apenas falando de mulheres, mas **compositoras** de iniciativas de cunho sustentável e que têm as competências estratégicas para contribuir com a sistematização de uma horta urbana.

Figura 15 – Ciclo Companhia



Fonte: Elaborada pela autora.

Um dos valores mais presentes neste projeto, destacado a partir do mapa de polaridades, é o valor "Orquestrado". Este valor representa não só uma necessidade de consonância entre a rede, mas uma predisposição a ela. **Para montar uma rede de cuidados, é preciso maestria.**

Mapeamento de Compositoras:

Este *concept* visa reconhecer que todo território já possui compositoras e, nem todas precisam ser o cerne de todo o conhecimento voltado à implementação de hortas. Portanto, este mapa (Figura 16) tem como objetivo localizar estas iniciativas geridas por elas e identificar potenciais parceiras que possuam, **além de maestria, um ritmo correspondente ao ritmo do Quilombo do Sopapo.** Dito isto, foi desenvolvido este *mapa*, destrinchando-o em categorias e especificidades. Compreender as peculiaridades e propostas de cada espaço auxilia num melhor discernimento na etapa de convite à composição.

Figura 16 – Mapa de Compositoras



Fonte: Elaborada pela autora.

Um convite para Compor:

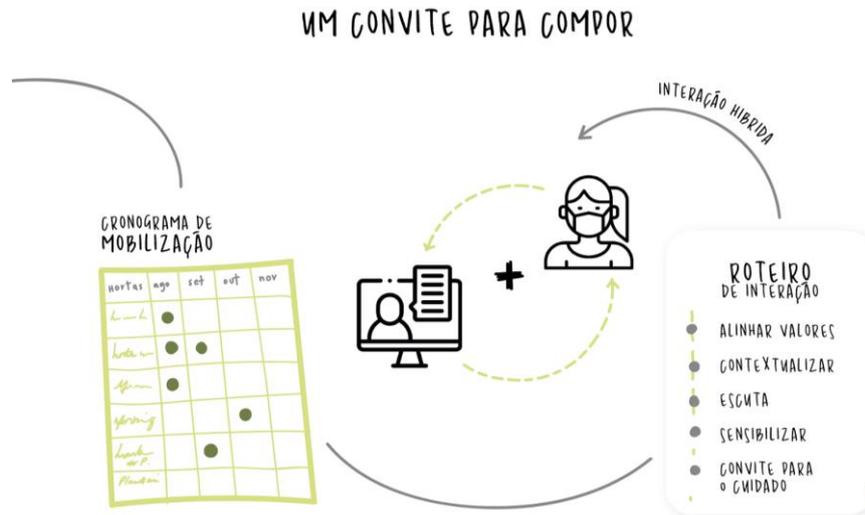
A partir do conhecimento da rede local construído através do mapa, é possível visualizar estas unidades geridas por mulheres que têm esta predisposição à composição da horta Quilombo do Sopapo. Com base nisso, foi delineado um cronograma de contato e interação com estas gestoras (Figura 17), tendo em vista fomentar a essência do projeto *Compondo uma Horta*.

A partir de um primeiro contato, levando em conta as gestoras que se sentirem conectadas com a proposta do projeto, previmos a criação de um roteiro a fim de orientar uma melhor interação, conectividade e mobilização destas mulheres com o projeto. Em um primeiro momento, entendemos que o roteiro deveria considerar uma frente híbrida de contato, podendo esta ser remota ou presencial, sempre seguindo os padrões sanitários estabelecidos pela OMS (Organização Mundial da Saúde). O curso traçado para o melhor andamento desta troca deveria contemplar as seguintes etapas:

- Alinhar valores;
- Contextualizar;
- Escutar;
- Sensibilizar;

- Convidar para o cuidado.

Figura 17 – Um convite para Compor



Fonte: Elaborada pela autora.

5.4.1.3 Compasso: Ritmo, Instrumentalidade e Consonância

Após o ciclo Companhia, adentramos uma segunda esfera do trajeto de projeto. Após escutar e convocar aquelas que se sentiram chamadas a compor a horta, é preciso estabelecer uma fonte que alavanque o início dos trabalhos em rede e a ativação do processo de cuidados. No ciclo Compasso entendemos que, se faz necessário o fornecimento de artifícios externos que estimulem e materializem estas trocas de maneira rítmica e harmoniosa. Estes artifícios também podem ser chamados, como designado por Szaniecki *et al.* (2020), de "dispositivos de diálogo". Segundo os autores, "os dispositivos são pensados de modo a construir processos abertos de engajamento e imaginação coletiva sobre visões possíveis, buscando alcançar uma estrutura mais horizontal e transversal." (SZANIECKI *et al.* 2020, p. 2).

Portanto, a partir desta definição, se compreende que para tornar o processo de composição mais orquestrado e circundante, é necessário tornar as ações visíveis, como partituras onde todos sabem o ritmo estabelecido pelos compositores.

Neste projeto, enxergamos este dispositivo como um verdadeiro regente, e por isso o denominamos de "Painel Maestro" (Figuras 18, 19 e 20), uma superfície

de estímulo à colaboração por meio de instrumentos de visualidade voltados ao cuidado com a horta.

Figura 18 – Concept Painel Maestro

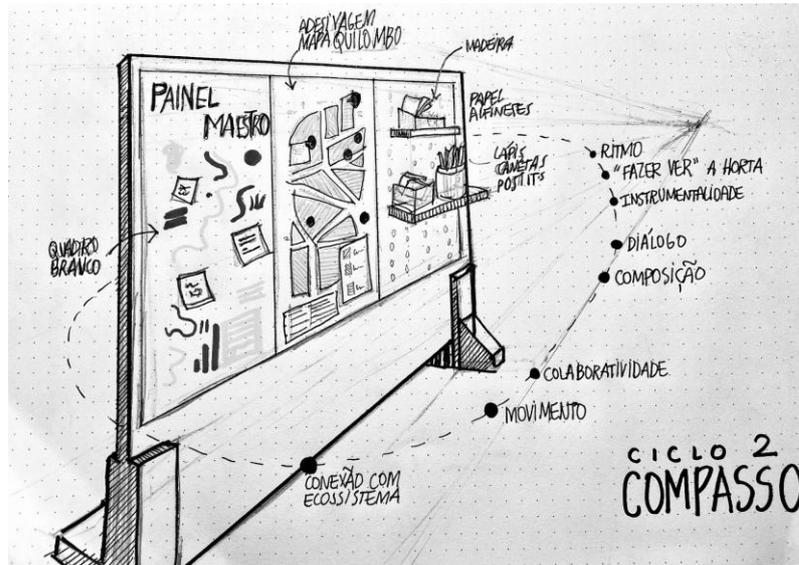


Fonte: Elaborada pela autora.

Com o intuito de estabelecer esta troca rítmica entre as compositoras da horta, estabelecemos três campos de interação:

- Um campo onde a instrumentalidade é fornecida através de canetas, *post-its*, fitas, *cards*, *pins* entre outros materiais de estímulo à composição;
- Um campo de visualização espacial onde se terá um mapa do espaço do Quilombo do Sopapo;
- Um campo de intervenção livre, onde as compositoras podem "fazer ver" suas ideias no intuito de minimizar possíveis embates, aumentar a eficiência coletiva e por fim desenvolver afetividade e conexão com o meio.

Figura 19 – Desenho Painel Maestro



Fonte: Elaborada pela autora.

Por fim, este *concept* buscou, a partir de todo o apanhado teórico pesquisado, responder ao objetivo geral delimitado no início deste trabalho de conclusão, este sendo retratado como: "criar, a partir do Design Estratégico para a inovação social e sustentabilidade, um sistema produto-serviço que busque soluções que favoreçam a ativação de uma horta urbana no ponto de cultura Quilombo do Sopapo."

Esta solução propicia um espaço de encontro, socialização, intercâmbio cultural e produção de saberes ao mesmo tempo que provoca a postura da figura feminina como protagonista destas narrativas de cuidado.

Figura 20 – Mulheres e Painel Maestro



Fonte: Elaborada pela autora.

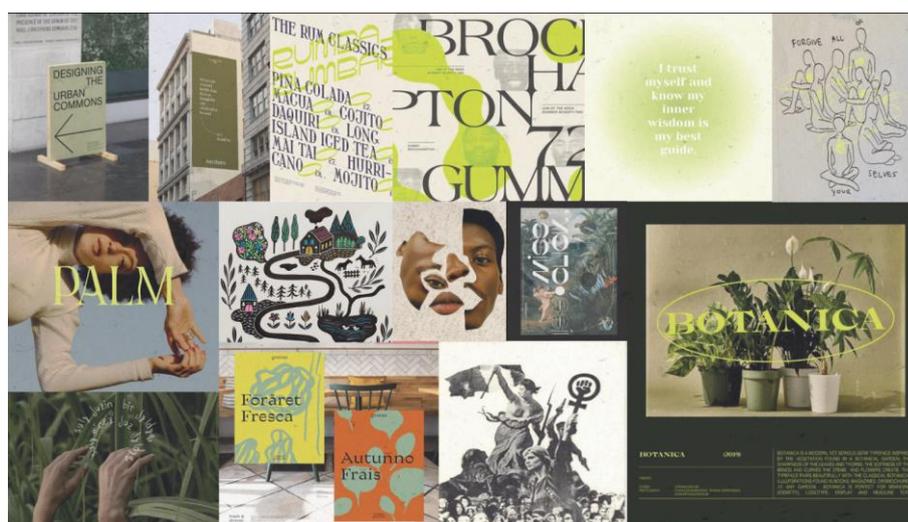
6 DESENVOLVIMENTO PROJETUAL

Este capítulo se refere ao último quadrante do método de projeto baseado em Franzato (2011), a realização. Portanto, nesta etapa estão descritos, além da identidade desenvolvida para ser aplicada em todas as fases do projeto, os processos de criação e implementação dos elementos que compõem o sistema produto-serviço denominado Compondo uma Horta.

6.1 IDENTIDADE PROJETUAL

Durante o desenvolvimento deste projeto, estabelecemos e reconhecemos o papel social que tem a criação de símbolos e significações. Portanto, a partir do entendimento da proposta e do constante diálogo com os conceitos e valores estabelecidos, foram desdobrando-se elementos visuais que externalizam esse processo de criação. A fim de compreender melhor a linguagem visual e o caminho do projeto buscado, elaboramos um *moodboard* (Figura 21) no qual se objetivou concentrar as características estéticas que melhor traduzem o conceito de projeto desenvolvido.

Figura 21 – *Moodboard* Identidade Visual



Fonte: Elaborada pela autora.

A partir do desenvolvimento desta peça, identificamos a necessidade de destacar atributos visuais tanto orgânicos e manuais - como colagens, gravuras e rabiscos - mas que também remetessem à delicadeza, cuidado e eurritmia a partir

de toques de proporcionalidade e simetria. Portanto, objetivamos traduzir a identidade da marca a partir do diálogo harmonioso entre dois dos valores de projeto, sendo eles **Orquestrado e Orgânico**, trazendo elementos com proporção e delicadeza, como na composição de elementos da musicalidade (partituras, compassos e melodias), ao mesmo tempo remetendo àquilo que é vivo e, portanto, espontâneo e imperfeito.

Esta identidade procurou, por conseguinte, uma conversa entre artifícios que em primeira partida são considerados díspares, procurando uma composição harmônica entre **simetria e imperfeição, clássico e contemporâneo, manual e digital**.

6.1.1 Logo e Símbolo

Considerando estas abordagens de fazer com que elementos, considerados adversos entrem em sintonia, a escolha de um logo se encaminhou para uma proposta mais voltada à simetria e delicadeza. O intuito é que, ao se falar de um projeto implementado num ecossistema completamente orgânico como uma horta, fazer com que ele orbite um ponto de contraste, definido pelo logo, cria uma composição disruptiva, ao mesmo tempo que harmoniosa, evocando a pauta da musicalidade presente no conceito de projeto e na cultura do Quilombo do Sopapo.

Dito isto, sendo este um projeto com múltiplos artifícios naturais e sinuosos, definimos neste logo (Figura 22) um ponto de contraste a partir da sua composição voltada à simetria e proporcionalidade. Este diálogo também se materializou a partir da escolha de dois estilos de fontes para o compor: a superior sendo clássica e serifada e a inferior mais contemporânea e apresentando uma forma côncava em direção ao título superior, como que o "abraçando".

Figura 22 – Logo Compondo uma Horta



Fonte: Elaborada pela autora.

Reforçando o conceito que este é um projeto cujos atributos transmitem o diálogo entre os valores Orquestrado e Orgânico, o símbolo que complementa o logo (Figura 23) também procura uma integração destes mesmos valores. A partir da abreviação do nome do projeto "Compondo uma Horta", encontramos elementos que, tanto remetem à musicalidade e natureza presentes no cerne do projeto, quanto se encaixam nas estruturas das abreviaturas "C" e "H". O elemento escolhido para representar a música foi a Clave de Sol, também chamada de Clave Feminina, símbolo musical que indica a posição da nota sol na pauta, sendo incorporada à letra "C". Entretanto, ela é impedida de completar o segundo ciclo da sua estrutura original pelo segundo elemento presente no conceito do projeto, a natureza, formando assim o princípio da letra "H", através da silhueta de uma folha.

Figura 23 – Composição do símbolo



Fonte: Elaborada pela autora.

Importante pontuar que o símbolo e o logo são artifícios que, sim, se complementam como pode ser visto no exemplo da Figura 24, mas estes também

podem ser usados de forma independente, apenas o logo, ou apenas o símbolo, com este funcionando como um selo do projeto.

Figura 24 – Logo e símbolo



Fonte: Elaborada pela autora.

6.1.2 Tipografia

Para a tipografia do logo, escolhemos a fonte **Atteron Personal Use** (Figura 25) devido a sua natureza serifada e delicada. A fonte traz, ao mesmo tempo, toques extremamente sutis de desnivelamento, com algumas letras se sobrepondo às outras dependendo da ordem e formato de cada sílaba. Em complemento a essa estrutura, escolhemos a fonte **Gothan** para estabelecer o equilíbrio, objetivo desta identidade. Considerando a proposta visual de encontrar harmonia entre aquilo que é contrastante, o diálogo destas fontes incorporou, de maneira tênue, o equilíbrio destes valores, sem perder legibilidade e presença.

Figura 25 – Tipografia

Fonte do Logo e Títulos

ATTERON PERSONAL USE

A B C D E F G H I J K L M N
O P Q R S T U V W X Y Z

Fonte do Logo e Corpo

GothanAa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Jj
Kk Ll Mm Nn Oo Pp Qq Rr Ss
Tt Uu Vv Ww Xx Yy Zz

Fonte para Subtítulo

SIMPLICITY REGULAR

Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Jj
Kk Ll Mm Nn Oo Pp Qq Rr Ss
Tt Uu Vv Ww Xx Yy Zz

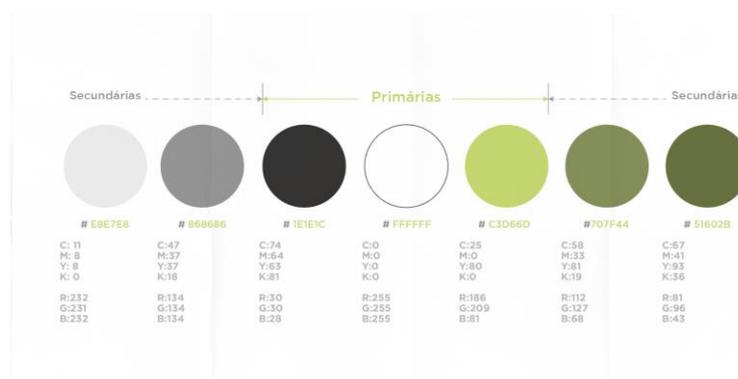
Fonte: Elaborada pela autora.

Seguindo para as fontes secundárias selecionadas e atendendo às características de comunicação definidas, foram designadas duas fontes não serifadas de caráter mais contemporâneo: **Gothan e Simplicity Regular**. A primeira, também utilizada no logo, sendo mais apropriada para o corpo de texto devido sua boa legibilidade em diversas escalas, e a segunda se adequando aos subtítulos, causando contraste ao acompanhar a fonte primária **Atteron Personal Use**. A fonte **Gothan** traz um formato mais limpo à identidade, pois se reduz ao essencial, sendo extremamente eficiente quanto à legibilidade devido às suas aberturas amplas e uma vasta família de espessuras. Já a fonte **Simplicity Regular** carrega consigo a essência do valor Orgânico devido a sua estrutura manual, fluida e imperfeita.

6.1.3 Paleta

Atendendo às características da comunicação baseada neste **contraste de valores**, definimos uma identidade cromática (Figura 26) que sustenta esta narrativa. Portanto, como cores primárias estabelecemos três tonalidades de intenso contraste entre si.

Figura 26 – Paleta de cores



Fonte: Elaborada pela autora.

Primeiramente, o preto e branco, pois obedecem a uma linguagem universal de dois aspectos: facilitar a leitura do conteúdo ao mesmo tempo que estabelece contraste e “peso” visual para as peças. Acompanhando estas duas cores na classificação primária temos um intenso verde limão, que, como podemos observar na Figura 27, estrategicamente não perde o seu contraste ao se sobrepor tanto ao branco quanto o preto.

Figura 27 – Contraste de cores primárias



Fonte: Elaborada pela autora.

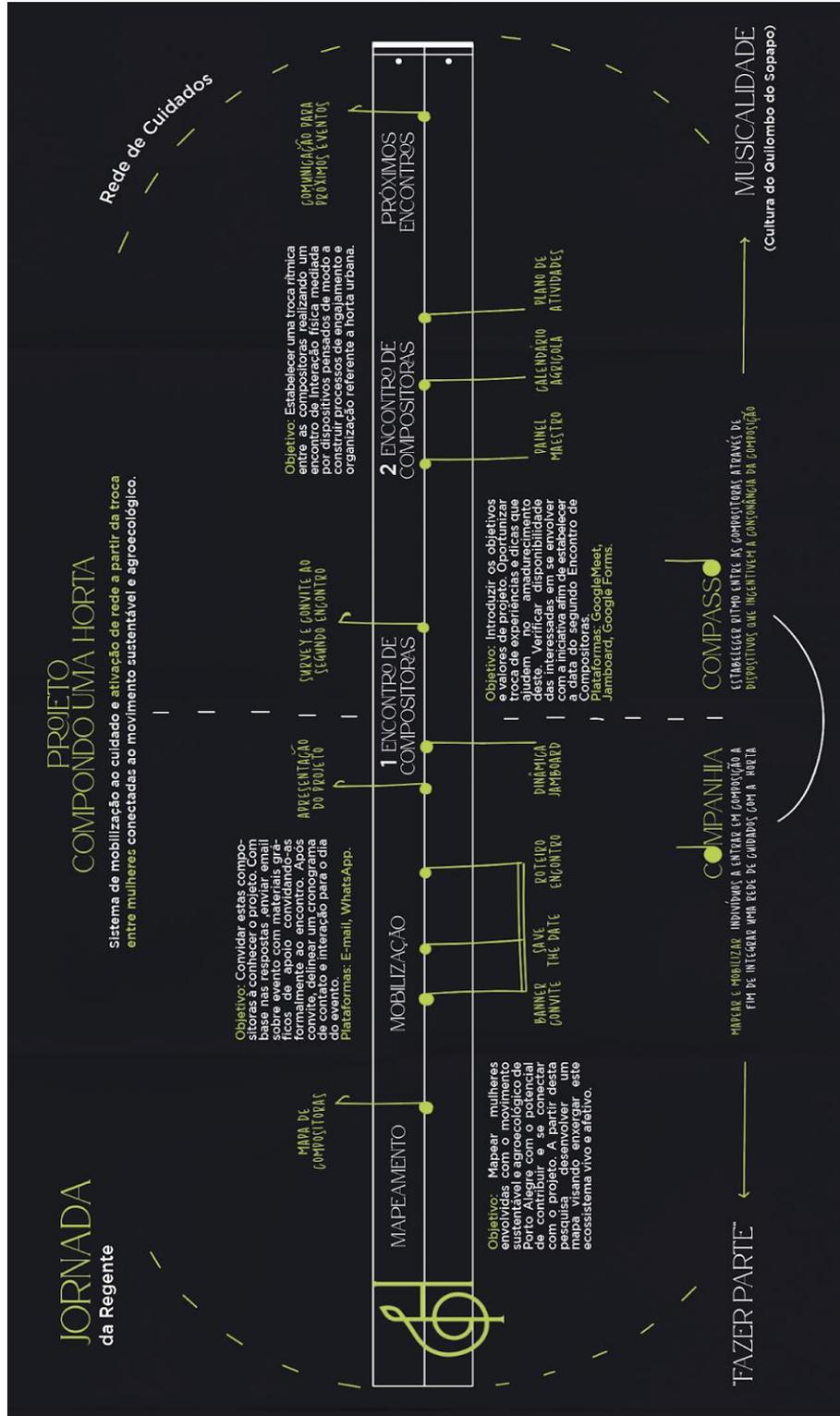
Referente às cores secundárias, definimos tonalidades próximas das cores primárias estabelecidas. Ou seja, outras duas tonalidades de verde, desta vez mais escuras, representando assim a diversidade desta cor dentro da natureza, e duas tonalidades de cinza as quais representam este diálogo harmônico entre o branco e o preto. Os demais desdobramentos do conceito visual construído serão aplicados e desenvolvidos nos próximos subcapítulos.

6.2 JORNADA DA REGENTE

Para ilustrar todo o sistema produto-serviço desenvolvido, elaboramos um trajeto com todas as suas etapas. Denominamos esse trajeto como "Jornada da Regente" (Figura 28) pois, além de sinalizarmos e descrevermos cada etapa projetual e suas respectivas peças, o construímos a partir do ponto de vista da Regente, ou seja: aquela (ou aquele) que visa organizar e implementar um projeto de mobilização e ativação de uma rede de pessoas para a criação de uma horta. Este instrumento também permite que outros indivíduos que tenham este mesmo propósito possam replicar esse modelo em seus próprios contextos, mas claro, adaptando-o às especificidades de sua própria realidade.

A fim de evocar a musicalidade presente neste projeto, construímos a jornada a partir de símbolos comuns na construção de partituras, com sua pauta sendo a linha do tempo em que cada etapa ocorre, suas notas sendo as peças que as compõem, entre outras simbologias que serão referidas adiante.

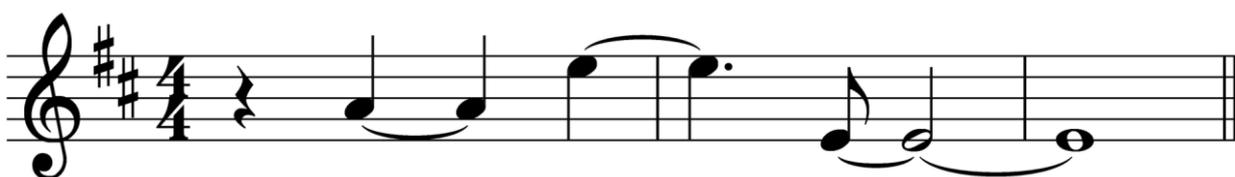
Figura 28 – Jornada do Sistema Produto-Serviço



Fonte: Elaborada pela autora.

Dito isto, é possível afirmar que esta jornada é traçada pelos dois momentos de projeto Companhia e Compasso, anteriormente, referidos como ciclos separados no *concept* e agora entendidos como momentos que se sobrepõem. É importante frisar que o começo de um momento, não significa o fim de outro. Ao se implementar as etapas respectivas ao momento Compasso, ainda se faz presente o momento Companhia. Por isso, posicionamos, conectando os dois momentos, um legato (Figura 29) que é uma linha curva posicionada acima ou abaixo de notas musicais. Este símbolo representa, nas partituras musicais, o sinal de ligação e continuidade, ou seja, um estilo de execução musical em que as notas de uma passagem se sucedem com fluidez, sem interrupções e ligadas. Seu objetivo é que não se sucedam pausas perceptíveis entre as notas. Na prática, é como se as notas fossem conectadas em uma única frase, e o cantor as cantasse em uma respiração contínua.

Figura 29 – Legato



Fonte: Campaña (2017)

Outra simbologia importante de ser apontada na jornada da Regente é a sinalização da repetição do projeto, representada pelo ritornelo (Figura 30): um ícone de dois pontos diante de duas linhas verticais usado para delimitar um trecho musical em uma partitura que deve ser repetido. Segundo o método projetual elaborado por Franzato (2011), um projeto nunca propriamente acaba, mas sim sempre se reinventa, por isso a natureza recursiva de seu método. Para ele, é necessário "preservar a natureza do pensamento projetual amadurecido e continuar a ação centrípeta na direção da inovação." (FRANZATO, 2011, p. 55). Portanto, o ritornelo indica que, não somente o processo projetual aplicado pode amadurecer conforme for replicado, mas também que, ao se tratar da construção de uma horta deve ser executado de maneira sempiterna, na medida que uma horta sobrevive a partir de uma mobilização constante daqueles que a compõe.

Figura 30 – Ritornelo



Fonte: Camelo (2017)

Nos subcapítulos a seguir serão detalhados cada momento e suas etapas dispostas nessa jornada em conjunto com a identidade projetual construída.

6.3 COMPANHIA

6.3.1 Mapeamento de Compositoras

A primeira etapa do momento Companhia se tratou do serviço de mapeamento de compositoras em potencial que eventualmente poderiam agregar e se conectar ao projeto Compondo uma Horta. Realizamos esta articulação a partir de uma rede de contatos dentro do movimento sustentável e agroecológico de Porto Alegre, a qual podemos chamar de “rede de conectoras”. A partir de reuniões e conversas via *e-mail* e WhatsApp com essas conectoras, formamos uma trama de contatos de possíveis mulheres a serem mobilizadas para participar do projeto. Além dessas conectoras, outra fonte de pesquisa deste mapeamento foram as redes sociais. O resultado dessas articulações gerou uma planilha, com os nomes de oito mulheres mapeadas, as iniciativas nas quais fazem parte e seus contatos.

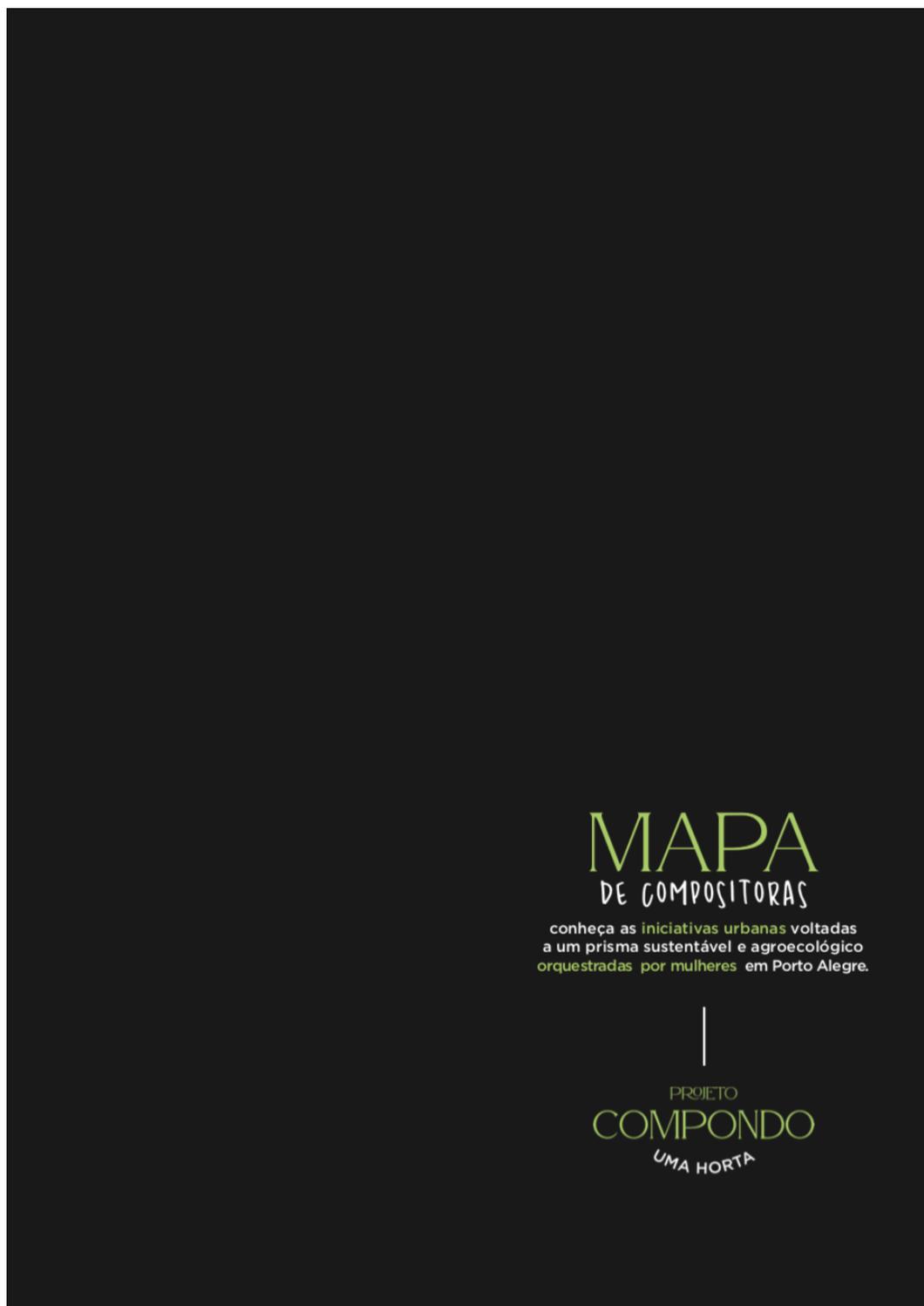
A partir dessa planilha, criamos um mapa do ecossistema onde elas se encontram no território. Disto isto, chamamos esta peça de Mapa de Compositoras (Figuras 31 e 32), pois aponta estes movimentos de Porto Alegre nos quais mulheres têm um papel de protagonismo.

Figura 31 – Mapa de Compositoras (frente)



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 32 – Mapa de Compositoras (verso)



Fonte: Elaborada pela autora.

Criamos o mapa com o objetivo de expô-lo no território do Quilombo do Sopapo junto com as outras peças que compõem o Projeto Compondo uma Horta. E também, para a entrega à Regente, às compositoras e àqueles que frequentam e visitam o Ponto de Cultura. Este mapa foi desenvolvido em papel Offset 90g/m2,

tendo o tamanho de uma folha A3 (297 x 420 mm). O mapa possui duas dobraduras, a primeira na vertical e a segunda na horizontal, se comprimindo ao formato A5 (148 x 210 mm). Com a dobradura forma-se, então, uma capa para o mapa (Figura 33).

Figura 33 – Mapa de Compositoras impresso



Fonte: Elaborada pela autora.

6.3.2 Mobilização

Após o mapeamento destas mulheres e visando convidá-las a conhecer o projeto Compondo uma Horta, na etapa de Mobilização enviamos um pequeno texto

introdutório sobre o projeto via WhatsApp, contextualizando-as sobre seus valores e objetivos. Às compositoras que se mostraram abertas e interessadas em conhecer o projeto solicitamos que compartilhassem seus *e-mails* para o envio de um convite formal convidando-as para o Primeiro Encontro de Compositoras.

Como estratégia de mobilização, entendemos que fornecer peças de comunicação tanto em anexo ao *e-mail* de convite quanto no Whatsapp era um movimento importante para um discernimento inicial sobre a proposta. Portanto, desenvolvemos um banner (Figura 34) informando o dia e hora do evento em conjunto com uma chamada à ação direcionada a essas mulheres envolvidas com o movimento sustentável.

Figura 34 – Banner Convite à Compor



Fonte: Elaborada pela autora.

A fim de reforçar o convite ao evento e ter a maior adesão possível, enviamos, via WhatsApp, dois dias antes do evento, um *Banner Save the Date* (Figura 35) destacando em sua estrutura a data do encontro.

Figura 35 – Banner Save the Date



Fonte: Elaborada pela autora.

6.3.3 Primeiro Encontro de Compositoras

Conforme mencionado anteriormente no *concept*, consideramos que os encontros das compositoras poderiam tomar uma frente híbrida de contato, podendo estes ser **remotos ou presenciais**, dependendo das questões sanitárias orientadas pela OMS (Organização Mundial da Saúde) ou da própria disponibilidade das convidadas. Em consequência desses fatores, o Primeiro Encontro de Compositoras aconteceu de maneira remota.

Como comunicado nos materiais de divulgação, o Primeiro Encontro de Compositoras ocorreu no dia 26 de outubro de 2021 às 19h via *Google Meet* (*link* para a gravação encontra-se no Apêndice C) recepcionando 6 mulheres envolvidas com o movimento sustentável e agroecológico de Porto Alegre. Como a antiga Horta da Formiga, Horta da Lomba do Pinheiro, Horta do Morro da Cruz entre outros.

Abaixo apresentaremos brevemente cada compositora presente neste evento (seus nomes, por questão de privacidade e direito de imagem, foram reservados). Dito isto, as mulheres presentes no Primeiro Encontro de Compositoras foram:

- **B.R:** Regente dos Jardins do Quilombo do Sopapo há mais de 6 anos, onde além de protagonizar esta zona de sustentabilidade do Ponto de

Cultura, rege e compõe projetos musicais como cortejos performados pelas bonecas gigantes produzidas no Ateliê de Bonecos. Tem conhecimento majoritariamente em ervas as quais são pauta de seu empreendimento chamado Plantando para Viver onde produz chás, temperos e farinhas para distribuir para a comunidade;

- **I.F:** Agricultora urbana, ativista social e feminista da marcha das mulheres, é vinculada ao projeto da horta do Morro da Cruz onde produz berçários de plantas para doação e disseminação nos bairros de Porto Alegre e região;
- **R.V:** Terapeuta Ayurveda e formada em comunicação social, é agricultora da zona sul de Porto Alegre, onde tem certificação orgânica pela RAMA (Associação dos Produtores da Rede Agroecológica Metropolitana). No seu sítio cultiva um jardim culinário, onde faz plantações tanto de vegetais, flores e ervas, as quais deram início a seu vínculo com a terra. Neste seu espaço também produz produtos voltados a outros terapeutas de Ayurveda;
- **L.G:** Promotora legal e regente da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, L.G Migrou do interior para Porto Alegre e sempre se manteve em contato direto com o manejo, preparação e organização de hortas. No seu trabalho sempre busca exaltar os conhecimentos ancestrais das mulheres que vieram antes de nós, pautando uma cultura de segurança alimentar, sororidade e troca de conhecimentos;
- **C.F:** Membro e administradora da antiga Horta da Formiga. Tinha como objetivo gerir pessoas das mais variadas tribos para manejar o espaço. Acredita que uma horta, além de trazer nutrição e segurança alimentar, mobiliza pessoas e às une para um propósito maior;
- **A.C:** Nordestina, vegana e feminista, já foi membro e administradora da antiga Horta da Formiga. Tem experiência com gestão de pessoas, alinhamento de expectativas e administração de funções em mutirões em hortas.

A pauta do encontro foi organizada a partir de dois momentos, uma breve apresentação de projeto e uma dinâmica realizada na plataforma *Jamboard*. Este

quadro branco digital foi escolhido por sua estrutura intuitiva e de fácil usabilidade, sendo uma forma simples, porém efetiva de instigar e registrar trocas e debates.

Dito isso, o evento percorreu os seguintes objetivos: alinhar os valores do projeto; contextualizar; sensibilizar; escutar; e convidar para o cuidado. Fundamentado nesta pauta e planejado para percorrer dentro do período de 1 hora e 30 minutos, estabelecemos o seguinte roteiro:

- Apresentação do projeto (15 min);
- Dinâmicas de interação no *Jamboard* (1h):
 - Dinâmica 1: Apresentação das compositoras (15 min).
 - Dinâmica 2: Compartilhamento de saberes (15 min).
 - Dinâmica 3: Compartilhamento de dicas sobre hortas (15 min).
 - Dinâmica 4: Debate sobre o Painel Maestro: (15 min).
- Fechamento e convite para próximos eventos (15min).

Para a apresentação do projeto elaboramos um material gráfico que se encontra na íntegra no Apêndice C. Essa apresentação inicial (Fotografia 5) percorreu, de maneira sucinta, as características, valores e objetivos que o projeto Compondo uma Horta carrega, no intuito de fornecer uma visão do todo para as compositoras. A exposição forneceu um breve olhar sobre as ligações do Design Estratégico com a sustentabilidade e agroecologia, para em seguida apresentar o projeto, explicando os momentos Companhia e Compasso. Para um melhor entendimento das proporções do espaço da horta, além de fotos foi também apresentado um breve vídeo de B.R percorrendo o terreno do Quilombo do Sopapo e descrevendo as características e peculiaridades de cada área do terreno.

Fotografia 5 – Apresentação do Projeto Compondo uma Horta



Fonte: Registrada pela autora.

Finalizamos a apresentação com o fornecimento de um *link* e de um convite para a realização das dinâmicas de interação na plataforma *Jamboard*. Esta atividade foi desenhada para ser muito simples e objetiva, pelo fato dessas mulheres terem jornadas e habilidades tecnológicas distintas, com restrições até mesmo de sinal de internet. Isto posto, essa dinâmica foi dividida em 4 *boards* dentro da plataforma.

A primeira dinâmica teve como objetivo uma breve apresentação das Compositoras, em que convidamos cada uma a escrever em um *Post-it* (nota autoadesiva) seu nome e uma planta que melhor a representava (Figura 36). A seguir, foram convidadas também a falar sobre o que escreveram e informar o motivo da escolha da planta.

Figura 36 – Dinâmica 1

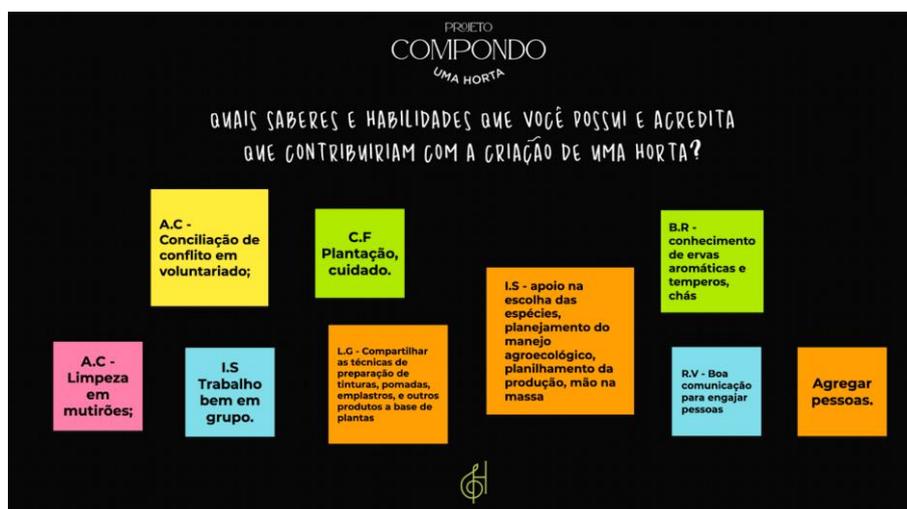


Fonte: Elaborada pela autora.

A segunda dinâmica foi direcionada ao compartilhamento dos saberes de cada compositora, a fim de entender de que maneira cada uma poderia contribuir com a ativação da horta. Cada saber descrito pelas compositoras (Figura 37) foi considerado de extrema importância para a composição de uma horta, não se atendo apenas a capacidades técnicas como o planejamento e manejo de plantas, mas, também, a capacidades sociais como, por exemplo, conciliação de conflitos e comunicação e engajamento de pessoas para mutirões. Este ponto sobre conciliação de conflitos foi muito pertinente e muito bem colocado por A.C, onde

dissertou que as pessoas que chegam a uma horta têm motivações diferentes, e precisamos compreender cada uma dessas motivações, para assim "agregar todos na sua própria particularidade". Entendemos a partir desta fala que o conflito é algo orgânico do voluntariado e saber conciliar as vivências e caminhadas de todos que compõem este espaço é de extrema importância. Ao pautar este tema A.C reforçou a narrativa deste projeto de fornecer materialidades que reduzam estes possíveis conflitos e "façam ver" este processo de ideação conjunta de uma maneira mais harmônica, pois como disse A.C "uma horta não é apenas uma zona de plantar e colher no sentido literal, ela é um plantar e colher de relações sociais".

Figura 37 – Dinâmica 2



Fonte: Elaborada pela autora.

Na terceira dinâmica, debatemos, a partir das caminhadas e saberes que as compositoras carregam, dicas e orientações voltadas à ativação da horta que elas consideram valiosas (Figura 38). Além de orientações quanto à demanda de um planejamento preciso e de uma análise do que o solo do ecossistema tem a oferecer, alguns dos retornos mais significativos se ativeram à necessidade de envolver a comunidade com o projeto, principalmente as mulheres, pois sem elas o projeto não existe. Compreendemos que, sim, num primeiro momento, mobilizar mulheres com competências estratégicas para contribuir com a sistematização de uma horta é muito importante, entretanto, conforme o projeto for amadurecendo, mobilizar a comunidade em volta do Quilombo do Sopapo para se conectar com o projeto será um passo a se tomar no futuro.

Figura 38 – Dinâmica 3



Fonte: Elaborada pela autora.

Por último, apresentamos uma representação visual do Painel Maestro (Figura 39) a fim de gerar um debate sobre seus potenciais de uso e sobre os materiais que as compositoras consideram interessantes de estarem nele e que podem contribuir para a organização e planejamento de construção da horta. Estes retornos geraram grande impacto na construção final do painel, desencadeando em dois materiais adicionais que acompanham a peça, sendo esses o Calendário Agrícola e o Plano de Atividades para Mutirões (ambos serão descritos no subcapítulo a respeito do momento Compasso). Ambas estas peças, nos olhares destas mulheres, são essenciais para um bom planejamento e alinhamento coletivo direcionado à construção de uma horta e serão de extremo auxílio para a Regente e aquelas que permanecerão conectadas a iniciativa.

Figura 39 – Dinâmica Jamboard 4



Fonte: Elaborada pela autora.

Após a finalização da última dinâmica e do agradecimento pelo comparecimento de cada compositora, compartilhamos um *link* direcionando a um formulário *online* (Figura 40), solicitando que elas o preenchessem. Neste formulário foram dispostas perguntas referentes ao interesse de cada compositora em continuar contribuindo com o Projeto Compondo uma Horta e se afirmativo, suas disponibilidades de turnos e horários para que as datas dos próximos eventos pudessem ser traçadas de maneira mais precisa.

Figura 40 – Formulário



Projeto Compondo uma Horta!

Obrigada por comparecer no nosso Encontro de Compositoras! Esperamos que nossa proposta tenha te tocado e te engajado a se juntar a nós! As perguntas abaixo são referentes tanto ao nível de envolvimento que você deseja e poderia ter com nossa proposta quanto sua permissão para o uso de imagem na documentação deste projeto acadêmico. Qualquer dúvida você pode enviar um email (mariadeathaydes@gmail.com) ou um whats (51 981603141). Esperamos te ver em breve!

Nome Completo

Texto de resposta curta
.....

Você gostaria de seguir participando do Projeto Compondo uma Horta para contribuir na ativação da horta urbana do Quilombo do Sopapo?

Sim

Não

Qual a sua disponibilidade, se houver, em termos de dias da semana e turnos para futuras participações no projeto?

Texto de resposta curta
.....

Você poderá comparecer no nosso encontro dia 30/10 às 14h30 no Quilombo do Sopapo (Av. Capivari, 602 - Cristal, Porto Alegre) para instalação do painel de gestão espacial?

Sim

Não

Talvez

Você autoriza o uso de sua imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Projeto Compondo uma Horta: uma proposta de design, agroecológica e feminista, para inovação social e sustentabilidade de Maria Eduarda de Athaydes?

Sim

Não

Fonte: Elaborada pela autora.

Em conclusão, este espaço de troca promovido pelo Primeiro Encontro de Compositoras foi de extrema relevância tanto para a criação de afetividade e vínculo destas mulheres relacionadas a territórios sustentáveis com a proposta de projeto Compondo uma Horta, desencadeando na mobilização e ativação de rede objetivada no momento Companhia, mas também no próprio sistema produto-serviço.

6.3.4 Próximos Encontros de Compositoras

A partir do resultado das dinâmicas de compartilhamento de saberes e de dicas sobre hortas do Primeiro Encontro de Compositoras, projetamos encontros futuros entre as participantes do projeto. Esses encontros também têm a intenção de agregar mais pessoas ao projeto Compondo uma Horta. Cabe ressaltar que os encontros não foram realizados, apenas previstos para que ocorram presencialmente quando os protocolos de convívio social durante a pandemia de coronavírus permitirem.

Intentando "fazer ver" esses próximos Encontros de Compositoras que acontecerão futuramente conforme o projeto for amadurecendo, elaboramos peças de comunicação que ilustram esses futuros convites e possíveis propósitos para cada encontro. Estas peças têm como objetivo serem divulgadas via *e-mail* e WhatsApp para as compositoras da horta, podendo ser encaminhadas para outras pessoas.

Compreendemos o fato de que, para ativar uma horta, é preciso fazer uma limpeza e preparo da terra. Portanto, elaboramos comunicações voltadas à mutirões para o desenvolvimento desta ativação da área verde do território do Quilombo (Figura 41).

Figura 41 – Peça de divulgação de Mutirão



Fonte: Elaborada pela autora.

Além de encontros voltados ao trabalho na terra propriamente dita, realizar reuniões de troca, alinhamento e planejamento com o espaço se faz de extrema importância. Em função disso, desenvolvemos uma peça que representa esta convocação aos próximos Encontros de Compositoras (Figura 42).

Figura 42 – Peça de divulgação de Encontro de Compositoras



Fonte: Elaborada pela autora.

Por último, considerando os saberes e habilidades de cada compositora, idealizamos que elas poderiam futuramente fornecer oficinas sobre estes assuntos sobre os quais têm mais propriedade. Durante o Primeiro Encontro de Compositoras, uma das convidadas se mostrou experiente no que se trata do cultivo e cuidado com PANCS (plantas alimentícias não convencionais), portanto desenvolvemos esta peça ilustrando esse curso (Figura 43).

Figura 43 – Peça de divulgação de Oficina de PANCS



Fonte: Elaborada pela autora.

6.4 COMPASSO

Este capítulo adentra o momento Compasso, definido neste projeto como um período que, ao estarmos em companhia, auxilia no estabelecimento de ritmo e alinhamento entre as compositoras. Portanto, nos subcapítulos a seguir serão detalhados estes dispositivos criados como soluções pensadas de modo a contruir processos de engajamento e organização referente a ativação horta do Quilombo do Sopapo.

6.4.1. Visita 1

No dia 2 de setembro de 2021, realizamos a primeira visita à campo no território do Quilombo do Sopapo. O objetivo desta visita foi, primeiramente, alinhar e debater os aspectos de projeto definidos até aquele momento, em destaque o Painel Maestro, para em seguida estabelecer algumas especificações referente a este,

baseadas tanto no *feedback* da comunidade quanto nos aspectos físicos do território. Para que esta troca fosse mais fluida, páginas com estas especificações do conceito de projeto foram impressas em folhas A4 e distribuídas (Fotografias 6 e 7), objetivando que as pessoas tivessem mais proximidade e propriedade para debater sobre o projeto.

Fotografia 6 – Impressões



Fonte: Registrada pela autora.

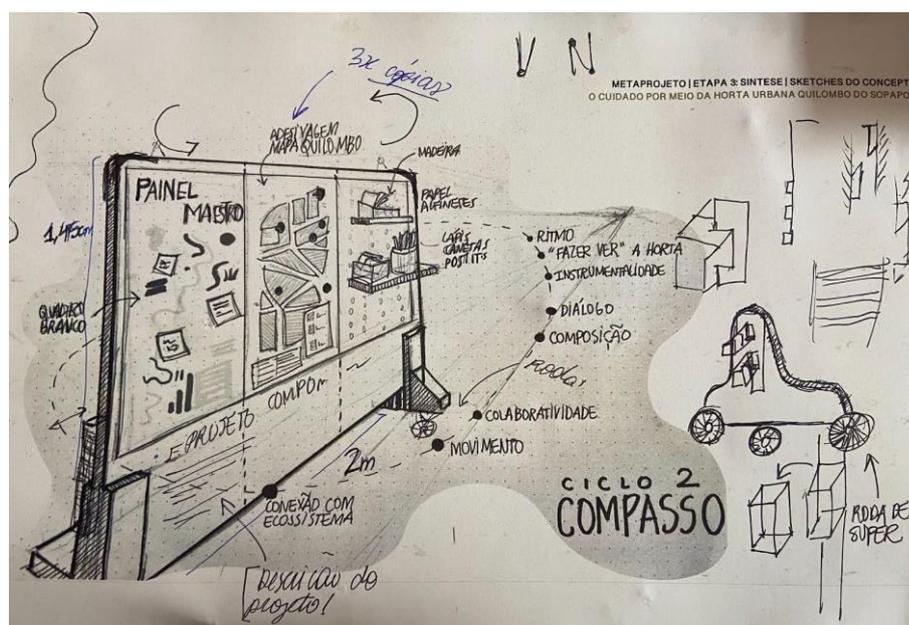
Fotografia 7 – B.R. olhando as impressões



Fonte: Registrada pela autora.

De forma geral, o retorno referente a estrutura do painel e o conceito de projeto foi positivo, e as eventuais críticas a alguns pontos específicos foram construtivas e organicamente debatidas e refinadas durante o diálogo. A partir deste debate, e com o auxílio dos materiais impressos, os quais foram sendo rabiscados durante o processo (Figura 44), definimos as medidas e espessuras do painel e adicionamos um novo elemento a sua estrutura: a descrição do projeto. Entendemos, a partir de uma fala de um dos integrantes do Quilombo do Sopapo que, para que as pessoas se apropriem e compreendam os valores que este projeto carrega, é necessário lhes fornece uma breve descrição sobre do que se trata. Outras características referentes ao painel definidas durante esta visita foram: necessidade de uma madeira resistente, porém de fácil transporte; adesivos com proteção UV, considerando que o painel pode ser exposto ao sol durante o trabalho na horta; e pranchas dobráveis (como um biombo) caso haja necessidade de transportá-lo ou armazená-lo.

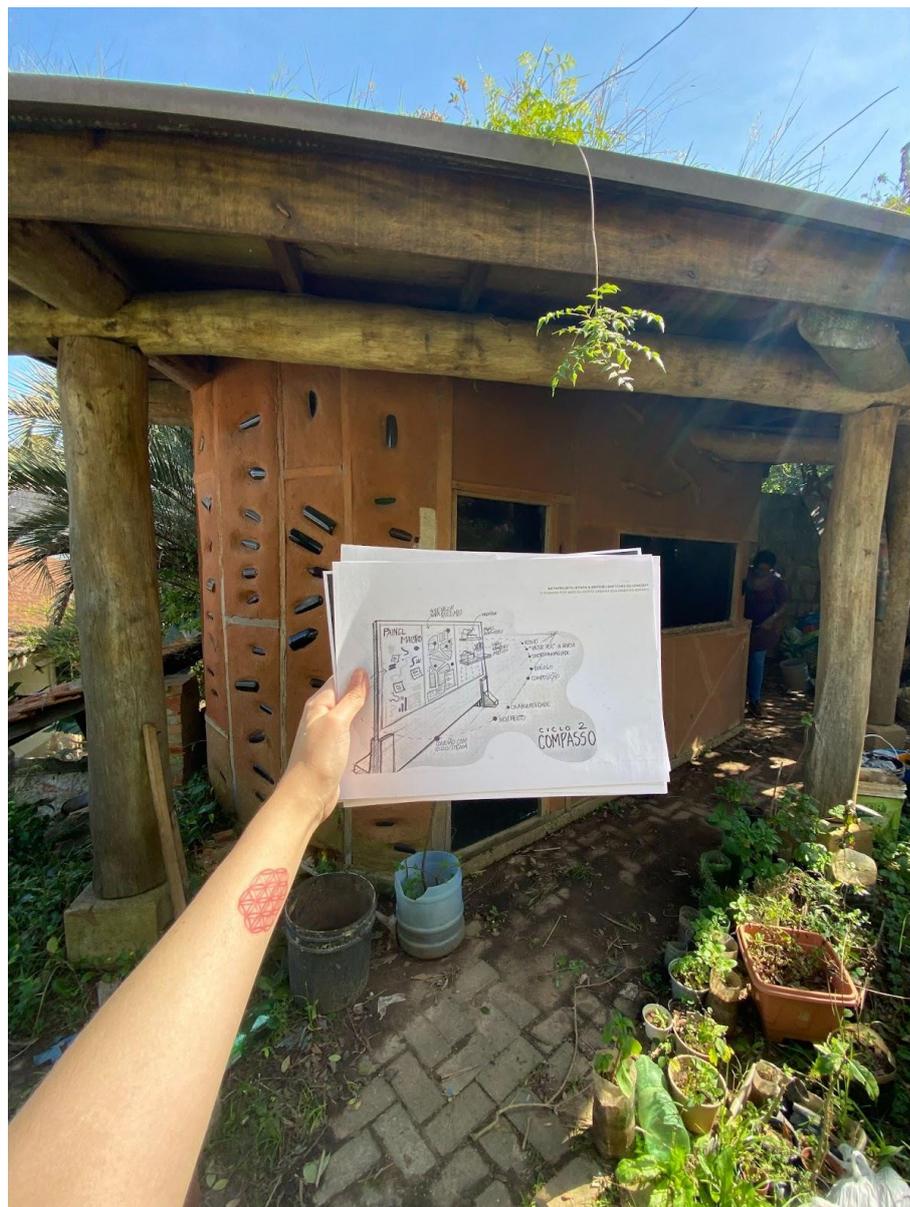
Figura 44 – Material impresso rabiscado



Fonte: Elaborada pela autora.

Por último, definimos o local mais adequado para acomodar o Painel Maestro dentro do território do Quilombo do Sopapo. Após uma série de debates decidimos que o local que o resguardaria seria a Casa-Terra (Fotografia 8), uma casa feita com técnicas de bioconstrução pelos próprios integrantes da comunidade há mais de 10 anos. Compreendemos o extremo simbolismo que é um painel que carrega em si dispositivos pensados para cocriação de uma horta, ser abrigado dentro de uma casa que, literalmente, a terra concebeu. Dentro da Casa-Terra, o Painel Maestro foi visto com um verdadeiro embrião, sendo germinado dentro do útero da mãe-terra.

Fotografia 8 – Casa-Terra



Fonte: Registrada pela autora.

6.4.2 Painel Maestro

Como detalhado no *concept*, entendemos que para estabelecer um processo de composição mais orquestrado e harmônico, é necessário tornar as ações visíveis, como partituras onde todos sabem o ritmo estabelecido pelas compositoras. Não apenas visíveis, mas interativas, fornecendo instrumentos pensados de modo a construir processos de engajamento e organização. Este é o objetivo do Painel Maestro, estabelecer este ritmo, instrumentalidade e consonância entre as

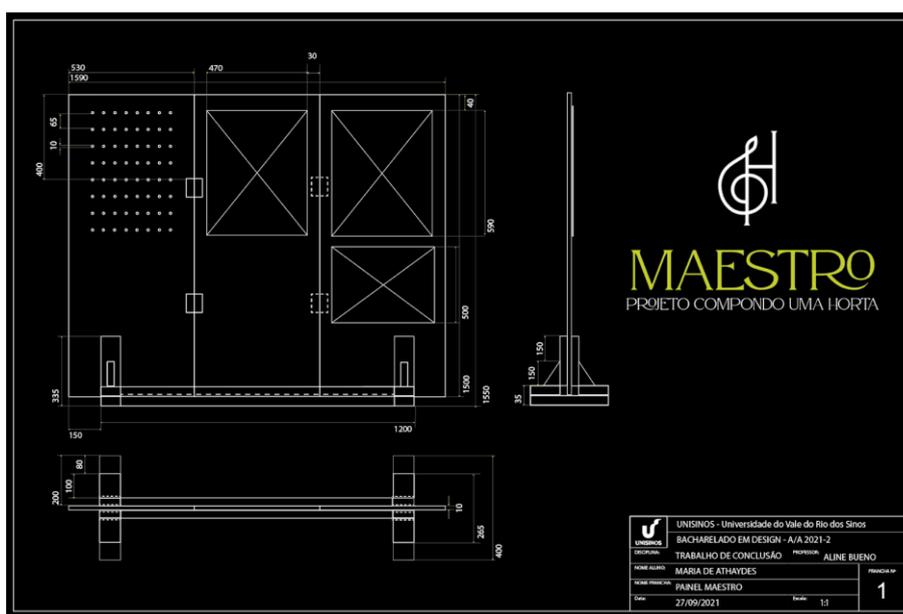
compositoras. No subcapítulo a seguir estão descritos os materiais e definições técnicas do Painel Maestro.

6.4.2.1 Materiais e Detalhamento Técnico

A partir das definições estabelecidas no debate com a comunidade na primeira visita, em conjunto com a análise da infraestrutura da alocação disponível para abrigar o Painel Maestro, estabelecemos suas especificidades técnicas e materiais. É importante apontar que a estrutura desenvolvida foi construída em escala real, sendo assim, realmente implantada no território e visando ser operada pelas compositoras do projeto futuramente.

Isto posto, determinamos que o painel teria a altura de 1550mm, sendo também considerada próxima à média da estatura da mulher brasileira (1600mm). Como podemos observar na Figura 45, seu comprimento é constituído de 3 chapas de madeira de 530mm cada, resultando na extensão total de 1590mm. Estas chapas foram parafusadas com duas dobradiças de aço inox (375X47mm) em cada lado, com suas distâncias entre cada extremidade de 400mm. Estas dobradiças foram parafusadas de maneira que estas chapas fossem facilmente dobráveis, uma para cada lado, como um biombo, podendo ser dispostas como tal ou apenas fechadas e armazenadas.

Figura 45 – Desenho técnico Painel Maestro



Fonte: Elaborada pela autora.

Com relação à sua base, concluímos que, para conter a possível instabilidade das chapas dobráveis e o fato de este painel poder ser levado à campo e operado na terra, era necessário criar uma única peça onde estas se encaixassem e se estabilizassem. Portanto, seus pés acompanham quase que todo seu comprimento, tendo a dimensão total de 1200mm, deixando assim uma margem de 150mm de cada lado. A disposição desta base se constitui de duas estruturas de sustentação mais altas e reforçadas nas extremidades ligadas por um trilho de madeira com um pequeno vão planejado para o encaixe das chapas, com estas tendo 10mm de espessura.

A madeira utilizada para a composição do painel foi o compensado naval (Figura 46), uma série de chapas finas de madeiras que são sobrepostas umas sobre as outras, sendo submetidas a alta pressão e coladas com cola fenólica, a qual possui alta resistência à água. A razão pela qual este material foi selecionado se deve ao fato de que, devido a sua maior resistência, o compensado naval é recomendado para locais onde exista um grande contato com a umidade, locais como a Casa-Terra, a qual é rodeada por plantas que são regadas regularmente.

Figura 46 – Protótipo Painel Maestro

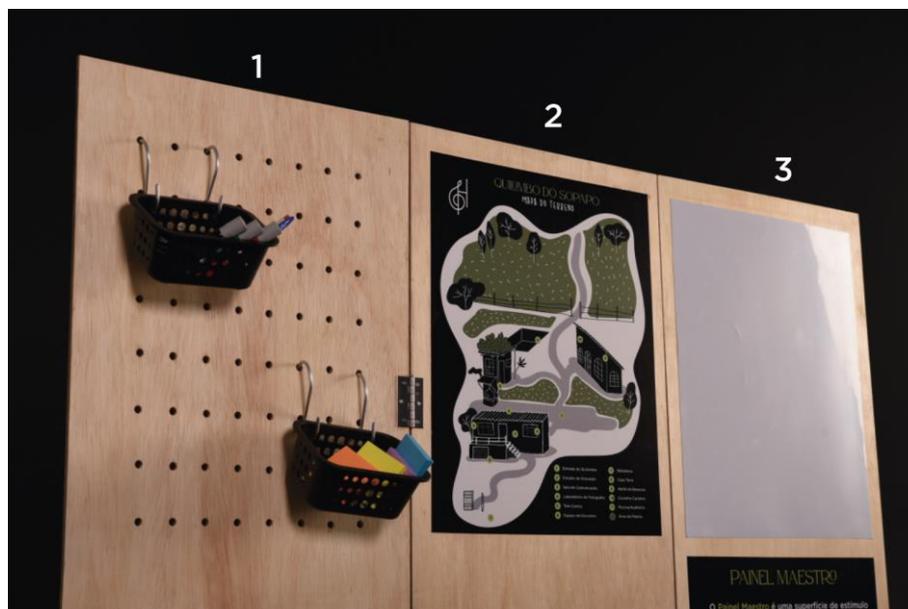


Fonte: Elaborada pela autora.

Como descrito anteriormente, o intuito do Painel Maestro é estabelecer esta troca rítmica entre as compositoras da horta. Portanto, foram estabelecidos para ele três campos de interação (Figura 47): 1) O campo da instrumentalidade; 2) O campo

de visualização do ecossistema em que se encontra a horta; 3) O campo de intervenção livre, onde as compositoras podem "fazer ver" suas ideias.

Figura 47 – Superfícies de Interação do Painel Maestro



Fonte: Elaborada pela autora.

A primeira superfície (Figura 48), foi planejada de maneira que os instrumentos fornecidos para intervenção no painel fossem pendurados nesta. Em vista disso, fizemos pequenos furos na superfície da primeira prancha, no intuito de dispor ganchos que sustentam estes materiais. Nestes ganchos dispomos cestas de polipropileno (PP) preto com o intuito de sustentar esses instrumentos de intervenção, como *Post-its*, marcadores, adesivos, etc. Previmos a entrega de uma quantidade considerável de ganchos com o painel a partir do entendimento que conforme o projeto for amadurecendo, novas instrumentalidades podem se fazer presentes e úteis na construção da horta, podendo sim, serem dispostas no painel da maneira que for mais conveniente para as compositoras.

Figura 48 – Superfície 1: Instrumentalidade



Fonte: Elaborada pela autora.

Desenvolvemos um mapa do território do Quilombo do Sopapo para a segunda superfície (Figura 49). O mapa apresenta todas as áreas disponíveis para plantio dentro do terreno do Ponto de Cultura em conjunto com a disposição de todas as unidades artísticas e culturais presentes no espaço. Seu intuito é fornecer um campo de visualização espacial onde as compositoras possam ter uma visão precisa do terreno do Quilombo do Sopapo. Este mapa foi desenvolvido em adesivo de vinil 470x600mm com proteção UV e resistência à água, considerando que estamos falando de um material produzido para ativar e gerenciar a construção de uma horta.

Figura 49 – Mapa do Terreno do Quilombo do Sopapo



Fonte: Elaborada pela autora.

Por fim, temos a terceira estrutura do Painel Maestro, o quadro branco (Figura 50). Este tem o intuito de "fazer ver" o processo de ideação conjunta. Após se estabelecer uma rede no momento Companhia, buscamos nesta terceira superfície uma minimização de possíveis embates entre este, consolidando a transição para o momento Compasso. Dito isto, esta superfície intenta aumentar a eficiência coletiva ao mesmo tempo que desenvolve afetividade e conexão com o meio. Tem as mesmas dimensões do mapa do terreno (470x600mm) e é feito de laminado melamínico (fórmica) branco brilhante.

Figura 50 – Superfície 3 :Quadro Branco para Intervenção livre

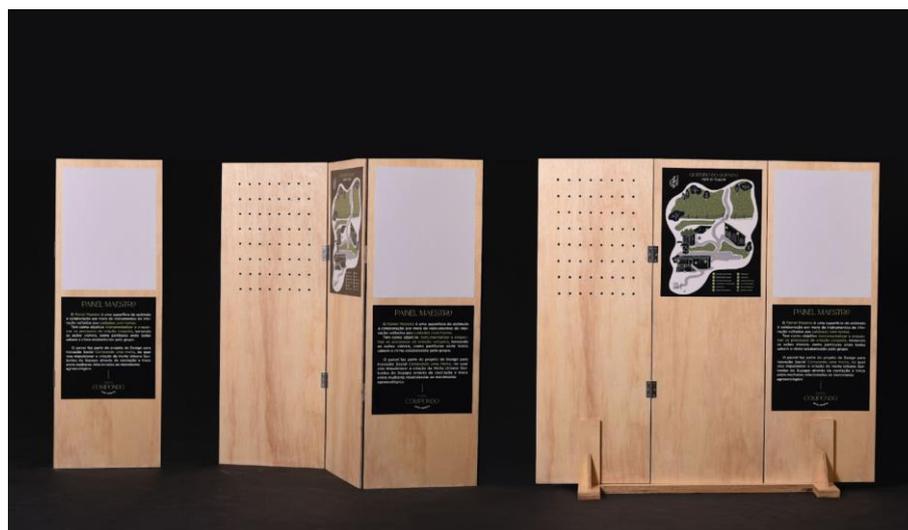


Fonte: Elaborada pela autora.

Em adendo a essas superfícies e levando em consideração um *feedback* de extrema importância de um dos membros do Quilombo do Sopapo na primeira visita de campo, adicionamos à estrutura uma breve descrição do que se trata o projeto Composto uma Horta e sobre o painel que o compõe. Produzida em adesivo vinílico (470x500mm) com proteção UV, a descrição foi disposta na parte inferior direita do painel, no intuito de estabelecer um posicionamento estratégico que viabilize a visualização contínua da peça independente da estrutura do painel (Figura 51).

Em relação às outras superfícies inferiores de cada chapa de madeira, idealizamos que estas poderão ser espaços de intervenção livre em que a própria comunidade encontrará aos poucos seu propósito, fechando assim a narrativa de que este é um trabalho colaborativo e que todos podem e devem externalizar um pedaço de si, da maneira que for. Após se criar companhia e compasso, se cria afetividade, e conseqüentemente apropriação e intervenção por parte da comunidade.

Figura 51 – Vistas do Painel Maestro



Fonte: Elaborada pela autora.

6.4.3 Calendário Agrícola

Considerando o *feedback* dado no Primeiro Encontro de Compositoras, para acompanhar o Painel Maestro, desenvolvemos outros instrumentos de planejamento e organização voltados à ativação da horta do Quilombo do Sopapo. Um destes instrumentos é o calendário agrícola (Figura 60) direcionado à região sul do Brasil, região onde o Quilombo do Sopapo se encontra. Este material tem uma estrutura padrão já popularizada no meio agroecológico, portanto seu conteúdo já pré-estabelecido foi mantido, sendo adaptado à identidade padrão deste projeto e adicionado ao sistema produto-serviço.

A partir das trocas ocorridas durante o Primeiro Encontro de Compositoras entendemos que, para evitar possíveis perdas, elas precisam estar atentas a vários fatores direcionados aos cuidados com o território, como a qualificação da mão de obra, qualidade do solo, emprego de tecnologias que favoreçam o plantio, produtos que serão utilizados, clima, datas, entre outros fatores. Em função disso, para se manter rentável e eficiente, todas as etapas do processo devem ser bem planejadas e executadas para que os prejuízos sejam evitados. Uma prática altamente recomendada é a disponibilização do uso do calendário agrícola. Seu objetivo é orientar as compositoras em relação à época correta para realizar o cultivo, o plantio e a colheita, funcionando como um guia. A ferramenta ajuda na organização e no

controle de datas, períodos e plantas mais condizentes com a região e o clima em que a produção está inserida.

Figura 52 – Calendário Agrícola



Cultivo	Plantio	Colheita
Ameixa	Julho	Set-Out
Amendoim	Setembro	Jan-Abril
Arroz	Setembro	Nov-Abril
Aveia	Abril	Out-Dez
Café	Setembro	Maió-Nov
Cítricos	Outubro	Dez-Março
Erva Mate	Abril ^x	Março-Ago
Feijão	Agosto	Out-Março
Maçã	Dezembro	Jan-Abril
Milho	Agosto	Dez-Jun
Tomate	Agosto	***
Trigo	Maio	Set-Dez
Uva	Julho	Out-Dez

PROJETO
COMPONDO
UMA HORTA

Fonte: Elaborada pela autora.

Este calendário foi desenvolvido em formato de cartilha A5 (148 x 210 mm) a fim de ser posicionado no Painel Maestro para a visualização de todas as compositoras. Objetivando ter uma boa resistência foi impresso em papel couché fosco gramatura 300 gr/m².

6.4.4 Plano de Atividades

Visando dar continuidade aos apontamentos dados pelas compositoras no primeiro encontro, desenvolvemos para acompanhar o Painel Maestro e o Calendário Agrícola, um Plano de Atividades (Figura 53) para uma melhor

Figura 54 – Plano de Atividades na prancheta



Fonte: Elaborada pela autora.

Para facilitar a mobilidade, concebemos este Plano de Atividades para ser sobreposto a uma prancheta de madeira A4 (Figura 54), podendo ser pendurada no Painel Maestro ou levada à campo. O papel selecionado para impressão foi offset com gramatura 90gr/m² no tamanho A4 (210x297mm).

6.4.5 Visita 2

No dia 30 de outubro de 2021 realizamos a segunda visita à campo no Quilombo do Sopapo. O objetivo foi a instalação do Painel Maestro dentro da Casa-Terra (Fotografia 9) e a orientação de B.R, a regente da horta, quanto aos cuidados e utilidades de cada superfície e material fornecido.

Fotografia 9 – Instalação do Painel Maestro



Fonte: Registrada pela autora.

Antes de instalá-lo, realizamos uma limpeza e organização da Casa-Terra para recebê-lo propriamente. A casa, até aquele momento, estava servindo apenas para abrigar os instrumentos de cuidado com a terra e como depósito de documentos. Com a hospedagem das peças (Fotografia 10), esta casa se torna não apenas uma zona de trabalho e planejamento, mas uma zona de encontros e trocas entre mulheres que aspiram uma configuração social mais sustentável, conectiva e cuidadosa.

Fotografia 10 – Painel Maestro na Casa-Terra do Quilombo do Sopapo



Fonte: Registrada pela autora.

Esta segunda e última visita à campo concretizou a passagem pelos dois momentos de projeto, Companhia e Compasso, os quais, como dito anteriormente, serão revisitados constantemente conforme o amadurecimento do Compondo uma Horta e os próximos encontros das compositoras. Dito isto, esta visita se traduziu como uma primeira interação da regente com seus dispositivos de engajamento e organização aos cuidados com a horta (Fotografia 11) amparada também pelos materiais e serviços produzidos no momento Companhia (Mapa e Mobilização de Compositoras).

Por fim, apresentamos na Figura 55 uma colagem da “composição final” do projeto Compondo Uma Horta em que podemos ver uma rede de mulheres, conectadas pela perspectiva do cuidado e da agroecologia, para ativarem uma horta urbana no Quilombo do Sopapo, fazendo uso dos materiais desenvolvidos para a organização dessa atividade.

Fotografia 11 – Regente ao redor do painel



Fonte: Registrada pela autora.

Figura 55 – Composição Final do Compendo uma Horta



Fonte: Elaborada pela autora.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este trajeto projetual, entendemos que nós mulheres representamos resistência de maneiras muito peculiares. Todavia, uma das maneiras mais importantes que resistimos a esses ataques diários à cultura de cuidado que representamos, é criando redes. Redes estas que lutam para que uma nova configuração social se estabeleça através de uma cultura que se impõe à destruição do nosso ecossistema por fins monetários, que coloca comida de verdade na nossa mesa e que nutre e une nossa comunidade. Estas lutas não são apenas lutas de militância, de protesto, de oposição, mas também são lutas que estão criando novas formas de cuidado no nosso cotidiano. Um cuidado mais cooperativo, colaborativo, horizontal e sustentável. Um cuidado que enfrenta a vulnerabilidade e a subalternação em que mulheres, principalmente mulheres negras, são expostas nesse contexto socioeconômico e que tem sido nossa maior fraqueza.

Portanto, o projeto buscou exatamente isso, a ativação dessas redes de cuidado com o objetivo de favorecer a criação da horta urbana do Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo. E durante todo seu desenrolar até este momento concluímos que sim, **criar uma horta pauta não apenas a instalação de uma cultura de segurança alimentar para todos, mas de uma cultura que desenvolve laços, solidariedade e que nos torna suscetíveis à resistência.**

A partir desta visão, as metodologias de Design Territorial e para Inovação Social e Sustentabilidade foram utilizadas com estas ferramentas onde o cuidado está inevitavelmente intrínseco. Durante as pesquisas teóricas indicadas como objetivo específico deste projeto, isso se tornou irrefutável a partir do momento que se tornou ostensiva a correlação de seus conceitos com as pautas do cuidado e agroecologia, levando em conta que **todas propõem formas alternativas de existência por uma lógica circular, inclusiva, cooperativa e incentivando a subsistência da cultura local.**

Ao compreendermos o papel da Regente como esta figura que visa organizar e implementar um projeto de mobilização e ativação de rede, constatamos que este

se sobrepõe tanto ao papel do designer, como mediador, quanto ao papel da administradora do espaço da horta, como especialista naquele ecossistema, no caso B.R. Portanto, o que se sucedeu, neste projeto especificamente, foi uma **relação de co-regência**, entre designer e responsável pelo território, formando esta relação interdisciplinar de habilidades e saberes muito presente na narrativa do Design Estratégico.

Compreendemos como uma das maiores limitações projetuais a questão de que este projeto foi implementado num momento sanitário muito delicado na nossa história, ao mesmo tempo que reforçou constantemente a necessidade de se fazer presente e entrar em composição. A pandemia tornou a realização de eventos presenciais inviáveis para este momento, dificultando justamente a orquestração e conexão desses indivíduos tanto com os valores quanto com toda a materialidade do projeto. Todavia, os formatos cabíveis a este contexto nos direcionaram a um planejamento de projeto a longo prazo, fornecendo todos os artifícios necessários para o fortalecimento desta rede que se criou. Esta lógica proporcionou uma visão de projeto que se certificou que a iniciativa percorra lentamente a este cenário presencial, que se torna cada vez mais favorável, e que as construções de afetividades com o ecossistema do Quilombo do Sopapo não sejam apressadas e se tornem cada dia mais firmes.

Em conclusão, se adequando ao cenário apresentado e dispondo do olhar de um "**design para o cuidado**" durante todo o percurso projetual, este trabalho nos proporcionou colocar em prática uma visão holística de projeto que o Design Estratégico constantemente reforça. Não apenas passando pelas duas dimensões no qual seu sistema se apoia (produto e serviço) mas onde, cada vez mais, se busca quebrar restrições mercadológicas, abraçando esta **multidisciplinaridade projetual** e finalmente se embasado numa cultura de *design* voltada a um recorte sistêmico, ético, colaborativo, inclusivo e plural.

REFERÊNCIAS

A SEDE. *In*: Quilombo do Sopapo. Porto Alegre, [2021?]. Disponível em: <http://quilombodosopapo.redelivre.org.br/album/>. Acesso em: 19 jun. 2021.

ALESSI, Gil. Entenda o que é a PEC 241 (ou 55) e como ela pode afetar sua vida. *In*: EL PAÍS. São Paulo, 13 dez. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/politica/1476125574_221053.html. Acesso em: 3 maio 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BECCARI, Marcos; PORTUGAL, Daniel B.; PADOVANI, Stephania. Seis eixos para uma filosofia do design. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/download/432/262>. Acesso em: 05 mai. 2021.

BOFF, Leonardo. Não há Sustentabilidade sem o Cuidado. *In*: Leonardo Boff. [S.l.]. 18 maio 2012. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2012/05/18/nao-ha-sustentabilidade-sem-o-cuidado/>. Acesso em: 14 maio 2021.

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão social**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 28-35. 2005. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503>. Acesso em: 09 maio 2021.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 2000. Disponível em: <https://renasf.fiocruz.br/sites/renasf.fiocruz.br/files/artigos/BOFF%2C%20Leonardo.%20Saber%20cuidar.%20%C3%A9tica%20do%20humano%2C%20compaix%C3%A3o%20pela%20terra.pdf>. Acesso em: 08 maio 2021

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade**. 5. ed. rev., ampl. [S.l.]: 2017. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2020/09/23/sustentabilidade/>. Acesso em: 4 maio 2021.

BRASIL. **Proposta De Emenda à Constituição nº 241, de 2016**. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2016. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1468431&filename=PEC+241/2016. Acesso 02 maio 2021

CAMELO, Brian. Sinais de Repetição: Curso online de Leitura e Escrita Musical. Disponível em: <https://docplayer.com.br/69188124-Aula-11-sinais-de-repeticao-i.html>. Acesso em: 09 nov. 2021.

CAMPAÑA, Ravier. Ligadura de Prolongacion y de Expression, 2017. Disponível em: <https://www.clasedelenguajemusical.com/1-15/> . Acesso em: 15 out. 2021.

CAMPBELL, Angus Donald; MALAN, Naudé. **Izindaba Zokudla (Conversations About Food):** Innovation in the Soweto Food System. Milano: Politecnico di Milano Polimi DESIS Lab Italy,[2021?]. *E-book*. Disponível em: http://www.desisnetwork.org/wp-content/uploads/2016/03/2014_PrjFormat_AngusNaude.pdf. Acesso 06 jun. 2021

CÉ, João Pedro; JALMUSNY, Yasmine; HAMANN, Cristiano; PIZZINATO, Adolfo. Quilombo do Sopapo: aproximação etnográfica de um núcleo de “Cultura Viva.” Fractal: **Revista de Psicologia**, [S.l.], v. 31, n. 2, p. 102, maio/ ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/mZcnJWqCqMjmnjYXGPH8Zqp/?lang=pt>. Acesso 16 maio 2021.

COMIM, Daniela Oliveira. **Planejando ou vendendo a cidade:** gestão urbana no caso do bairro Cristal. 81 f. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26031>. Acesso: 23 jun. 2021

“CONTRIBUA com sua vida para salvar a economia”, diz prefeito de Porto Alegre sobre isolamento. *In: Hypheness*. [S.l.]. 26 fev. 2021. Disponível em: <https://www.hypheness.com.br/2021/02/contribua-com-sua-vida-para-salvar-a-economia-diz-prefeito-de-porto-alegre-sobre-isolamento/>. Acesso em: 3 maio 2021.

DESI NETWORK. Thematic Map. *In: DESIS Network*. Disponível em: <https://www.desisnetwork.org/the-desis-map/>. Acesso em: 24 jun. 2021.

FASSI, Davide; SIMEONE, Giulia. **Coltivando:** the convivial garden at Politecnico di Milano. Milano: Politecnico di Milano Polimi DESIS Lab Italy,[2021?]. *E-book*. Disponível em: http://www.desisnetwork.org/wp-content/uploads/2016/03/2014_PrjFormat_Coltivando.pdf. Acesso em: 24 jun. 2021

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução:** trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução de Coletivo Sycorax. [S.l.]: Editora Elefante, abr. 2019. 388 p.

FEDERICI, Silvia. Pandemia, Reprodução e Comuns. *In: Outras Palavras: Jornalismo de Profundidade e Pós-Capitalismo*, [S.l.], 28 abr. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/pandemia-reproducao-e-comuns/>. Acesso em: 19 jun.2021.

FERNANDEZ, Margarita; BURCH, William. **Cultivating community, food, and empowerment: Urban gardens in New York City**. Project course paper, New Heaven, 2003. Disponível em: https://hixon.yale.edu/sites/default/files/files/fellows/paper/fernandez_margarita_2003_report.pdf. Acesso em 15 jun 2021.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANZATO, Carlo. O processo de inovação dirigida pelo design: um modelo teórico. **Redige**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 50-62, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/2510909/O_processo_de_inova%C3%A7%C3%A3o_dirigida_pelo_design_Um_modelo_te%C3%B3rico. 14 jun. 2021.

FRANZATO, Carlo. Redes de projeto: formas de organização do design contemporâneo em direção à sustentabilidade. *In*: OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de.; FRANZATO, Carlo; GAUDIO, Chiara Del. (org.) **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 99-110. Cap. 9. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Carlo-Franzato/publication/318484006_Redes_de_projeto_formas_de_organizacao_do_design_contemporaneo_em_direcao_a_sustentabilidade/links/5990cac30f7e9bf4fbd5a273/Redes-de-projeto-formas-de-organizacao-do-design-contemporaneo-em-direcao-a-sustentabilidade.pdf. Acesso 02 jun. 2021

FREIRE, Karine de Mello. Inovação social dirigida pelo design. **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. p. 111- 124. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/download-pdf/351/20545>. Acesso 10 jun. 2021.

FREIRE, Karine de Mello; Design Estratégico: Origens e desdobramentos. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 1., 2014, Gramado. Anais eletrônicos [...]. São Leopoldo: Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), 2014. v. 1, n. 4, p. 02-13. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/11ped/01074.pdf>. Acesso: 18 jun. 2021

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002. v. 4. p. 44-45.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atla, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.

GONG, Miaosen; ZHANG, Li; LI, Huan. **Beanor**: bean sprout farming as a viable solution for IDPs. Milano: Politecnico di Milano Polimi DESIS Lab Italy,[2021?]. *E-book*. Disponível em: http://www.desisnetwork.org/wp-content/uploads/2016/03/2014_PrjFormat_JUBean_final2.pdf. Acesso em 28 jun. 2021.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Brasília, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20C%20A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em 28 jun. 2021.

HERNANDES, Elizabeth; VIEIRA, Luciana. A guerra tem rosto de mulher: trabalhadoras da saúde no enfrentamento à Covid-19. *In*: Associação Nacional dos Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental (ANESP). [S.l.], 17 abr. 2020. Disponível em: <http://anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/4/16/a-guerra-tem-rosto-de-mulher-trabalhadoras-da-sade-no-enfrentamento-covid-19>. Acesso em: 1 maio 2021.
<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: 12 maio 2020.

HUGHE, Kristin; ARSCOTT, Mary-Lou. ZAK, Tim. Latham St. Commons: Reconnecting People Through Daily Life Needs. Milano: Politecnico di Milano Polimi DESIS Lab Italy,[2021?]. *E-book*. Disponível em: http://www.desisnetwork.org/wp-content/uploads/2016/05/2014_LathamCommons_DESIS_PDF.pdf. Acesso em 28 jun. 2021.

JUNIOR, Wilton Antonio Machado; DOMINGOS, Bianca Siqueira Martins; RIBEIRO, Rosinei Batista; MELLO, Adilson da Silva. Teoria ator-rede e design: relações culturais e territoriais na construção de artefatos cerâmicos com a técnica de Raku na cidade de Cunha/São Paulo. **Humanidades & Inovação**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 20-37, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1422>. Acesso em 14 jun. 2021.

KRUCKEN, Lia. **Design e território**: valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/215640372_Design_e_territorio_valorizacao_de_identidades_e_produtos_locais. Acesso em: 01 jun. 2021.

LIMA, Mário Sérgio. Inflação e pandemia podem empurrar Brasil de volta ao Mapa da Fome. *In: CNN Brasil*. [S.l.], 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/04/01/inflacao-e-pandemia-podem-empurrar-brasil-de-volta-ao-mapa-da-fome>. Acesso em: 19 jun. 2021.

LOPES, Helena R; ROMANO, Jorge O; PETERSEN, Paulo F; BITTENCOURT, Thais P. Agro, um mau negócio. *Le Monde Diplomatique Brasil*. ed. 166, [S.l.], 03 maio 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/agro-um-mau-negocio/>. Acesso em: 16 maio 2021.

LORRAN, Tácio. Brasil atinge marca de 400 mil mortes por Covid-19. *In: Metrôpoles*, [S.l.], 2 abr. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/brasil-atinge-marca-de-400-mil-mortos-por-covid-19>. Acesso em: 3 maio 2021.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade**: Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2008. 104 p.

MANZINI, Ezio. **The new way of the future**: Small, local, open and connected. *Social Space*, p. 100-105, 2011. Disponível em: https://ink.library.smu.edu.sg/cgi/viewcontent.cgi?article=1086&context=lien_research. Acesso em: 29 jun. 2021.

MONTEIRO, Denis; PETERSEN, Paulo. Agroecologia ou Colapso (1). *In: Outras Palavras – Jornalismo de Profundidade e Pós-Capitalismo*. [S.l.], 5 maio 2020a. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-brasileira/agroecologia-ou-colapso-1/>. Acesso em: 1 maio 2021.

MONTEIRO, Denis; PETERSEN, Paulo. Agroecologia ou Colapso (2). *In: Outras Palavras – Jornalismo de Profundidade e Pós-Capitalismo*. [S.l.], 5 maio 2020b. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/agroecologia-ou-colapso-2/>. Acesso em: 16 maio 2021.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NACIONAL, Jornal. Brasil passa pela maior crise sanitária e hospitalar da história, diz Fiocruz. *In: G1*. [São Paulo], 17 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/03/17/brasil-passa-pela-maior-crise-sanitaria-e-hospitalar-da-historia-diz-fiocruz.ghtml>. Acesso em: 2 maio 2021.

NATIONS, United, **Brundtland Comission, na publicação "Our Common Future"**, Oxford University Press, 1987.

NATIONS, United. Sustainable Development Goal 11: Cidades e comunidades sustentáveis. Sustainable Development Goal 11: Cidades e comunidades sustentáveis. *In: The United Nations in Brasil*. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/11>. Acesso em: 19 jun. 2021.

NATIONS, United. **Sustainable Development Goal 2: Fome zero e agricultura sustentável. Sustainable** Development Goal 2: Fome zero e agricultura sustentável. *In: The United Nations in Brasil*. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/2>. Acesso em: 16 maio 2021.

NATIONS, United. Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. *In: Nações Unidas Brasil*. [S.l.], 2015. Disponível em: NETO, Chico. Mulheres são 70% da linha de frente contra a covid-19. *In: Agência Brasília*. [S.l.], 9 mar. 2021. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2021/03/09/mulheres>. Acesso 9 jun. 2021

OLIVEIRA, Francine Marcondes Castro. A relação entre homem e natureza na pedagogia de Waldorf. 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA (FAO). Insegurança Alimentar e Covid-19 no Brasil. [S.l.:s.n.], 2021. *E-book*. Disponível em: http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf. Acesso em: 15 maio 2021.

REYES, Paulo. Construção de cenários no design: o papel da imagem e do tempo. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO*, 4., 2016, Porto Alegre. **Anais [...]** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2010. p. 3-12. Disponível em: <https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-4/SESSAO%2048/S48-06-REYES,%20P.pdf>. Acesso 12 jun. 2021

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

SELLONI, Daniela. **Creative Citizens**: a meeting space between designers, citizens, local stakeholders and institutions. Milano: Politecnico di Milano Polimi DESIS Lab Italy,[2021?]. *E-book*. Disponível em: http://www.desisnetwork.org/wp-content/uploads/2016/03/Creative-Citizens_DESIS-1.pdf. Acesso: 19 maio 2021.

SZANIECKI, Barbara *et al.* Jogos como dispositivos de conversação: investigando modos de participação e design. *In: FESTIVAL INTERNACIONAL DE LA IMAGEN*, 19., 2020., Manizales. **Anais eletrônicos [...]**. Manizales: Participatory Design

Conference (PDC), v. 3, 2020, p. 132-140. Disponível em: <http://www.pdc2020.org/wp-content/uploads/2020/06/Jogos-como-dispositivos-de-conversac%CC%A7a%CC%83o-investigando-modos-de-participac%CC%A7a%CC%83o-e-design.pdf>. Acesso: 28 maio 2021.

SOUZA, Eloisio Moulin de; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 3, p. 46-70, 2010.

ULSAN NATIONAL INSTITUTE OF SCIENCE AND TECHNOLOGY (UNIST). **Co-designing collaborative services to promote sustainable food production and consumption in Ulsan**. Politecnico di Milano Polimi DESIS Lab Italy,[2021?]. *E-book*. Disponível em: <http://www.desisnetwork.org/wp-content/uploads/2017/04/Introduction-to-DESI-at-UNIST.pdf>. Acesso: 14 maio 2021.

VIGISAN. Insegurança alimentar e Covid-19 no Brasil. *In*: MALUF, Renato Sérgio Jamil (coord.). **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. [S.l.]: Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN), 2021. Disponível em: http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf. Acesso: 13 maio 2021.

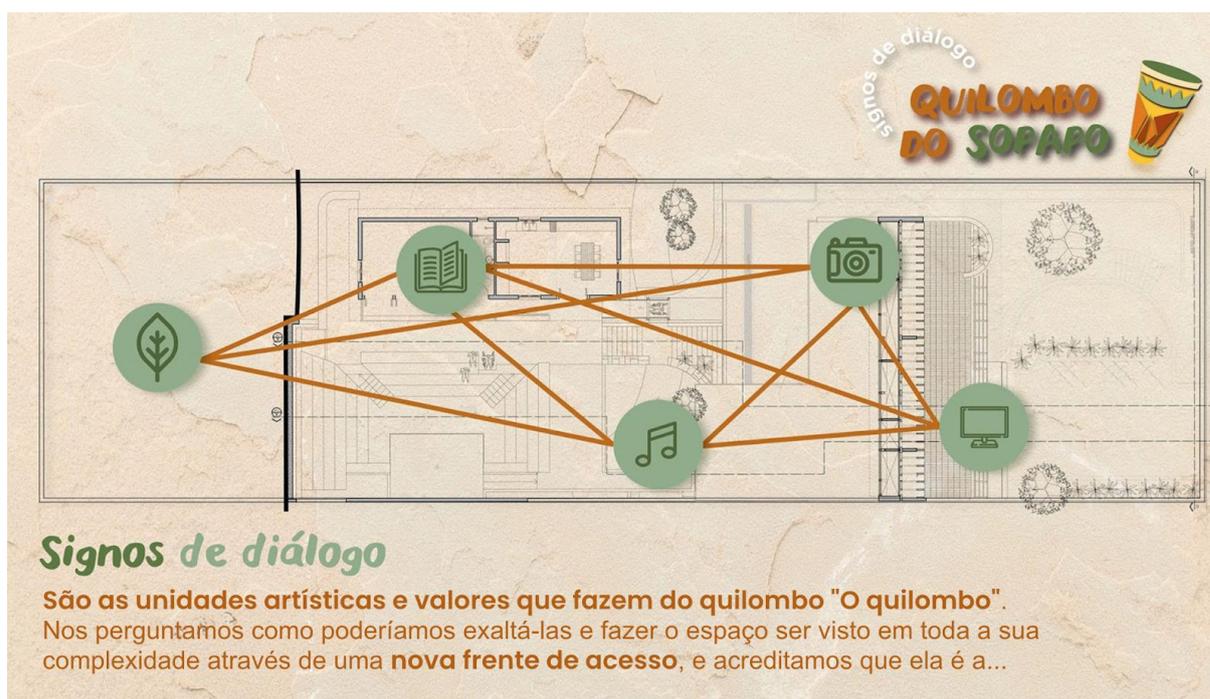
ZURLO, Francesco. **Design Strategico**. *In*: XXI Secolo, vol. IV, Gli spazi e le arti. Roma: Enciclopedia Treccani. 2010. Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/designstrategico_\(XXIsecolo\)](http://www.treccani.it/enciclopedia/designstrategico_(XXIsecolo)). Acesso 26 maio 2021.

APÊNDICE A – ATELIÊ DE PROJETO 6

O diálogo com o Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo se deu a partir de uma das edições da disciplina de Ateliê do curso de design, uma Atividade Acadêmica que nos acompanhou durante todo o percurso da graduação, e em cada semestre propôs uma abordagem do Design para trabalharmos. A proposta do sexto semestre foi desenvolver um projeto de design de cunho territorial voltado ao turismo de base comunitária, uma vertente do design que, como já dito no capítulo acima, tem a função de potencializar tanto os recursos territoriais e culturais de uma localidade específica quanto a visibilidade deles na sociedade. (KRUCKEN, 2009). Como grupo, acreditamos que promover uma atividade deste cunho para um território como o Quilombo do Sopapo, possibilitaria que os recursos lá disponíveis, que são muitos, se transformassem eventualmente em benefícios reais e duráveis para aquela comunidade e, conseqüentemente, gerando uma valorização da cultura do local.

O princípio de nossa interação com o Ponto de Cultura começou com o mapeamento das características e especificidades do local. A partir desta necessidade, uma série de encontros remotos de alinhamento foram realizados com os membros do Quilombo do Sopapo. Estas reuniões foram extremamente úteis para o nosso desenvolvimento projetual, entretanto ainda sentíamos a necessidade de estar presentes e de entender como o espaço em si opera. Foi então que fizemos uma visita ao local, podendo compreender de fato com o que estávamos trabalhando. Foi a partir desta visita, das pesquisas e das reuniões realizadas com os membros do Ponto de Cultura, que conseguimos mapear as reais dificuldades do espaço, estas sendo principalmente: a manutenção do espaço, a geração de renda e gestão financeira, a pouca visibilidade e contato com o meio externo, e a falta de manejo da área verde.

A partir da visita e do mapeamento das dificuldades que englobam todas as unidades coletivas presentes no Quilombo do Sopapo, definimos aquilo que denominamos de "signos de diálogo". Estes se caracterizam por aquilo que representa tanto as unidades artísticas quanto os melhores valores presentes dentro do Quilombo do Sopapo, os signos são o que faz do Sopapo essa zona extremamente rica culturalmente falando. Então, elencamos os seguintes signos: Sustentabilidade, Música, Arte, Tecnologia e Educação.



Signos do Quilombo do Sopapo: Sustentabilidade, Educação, Música e Tecnologia.

Com os signos de diálogo definidos, começamos a refletir de que maneira seria possível exaltar essa zona de diálogo e qual frente seria a mais interessante de explorar. O que traria mais retorno? Através das pesquisas desenvolvidas e dos diagnósticos feitos com a visita e reuniões, nós chegamos à conclusão de que explorar a área verde do Quilombo do Sopapo, uma área ainda não tão desenvolvida quanto as outras unidades, seria de extrema riqueza. Dessa maneira, nossa proposta de *concept* foi caracterizada como "um modelo de visibilidade e desenvolvimento territorial para o desenvolvimento de uma horta, usando a sustentabilidade como matriz." Objetivo no qual este trabalho de conclusão, sendo uma continuação do projeto descrito, ainda pretende concluir.

O detalhamento do *concept* foi materializado em um sistema de quatro etapas: comunicar, apoiar, consolidar e ativar. Começando com a etapa de "comunicar": em que ressaltamos a importância de gerar recursos e visibilidade para o espaço através de uma campanha que comunicasse o projeto de forma pontual e direcionasse as pessoas que se interessam pela iniciativa a contribuir. Então, foi criada uma campanha nas redes sociais com materiais audiovisuais e gráficos voltados à divulgação da futura horta e uma *call to action* para um financiamento coletivo voltado à viabilização inicial dela, que fizeram parte da segunda etapa,

"Apoiar". As duas últimas etapas "Consolidar" e "Ativar" foram mais voltadas para a questão de gestão e organização. Na primeira, procuramos gerar canais de conexão para o Quilombo do Sopapo, entramos em contato com uma associação de hortas de Porto Alegre, para que alguém com propriedade no assunto pudesse se conectar com os membros e ajudá-los nesse trajeto. Este sendo um projeto que envolve diversos atores, na etapa "Ativar", foram adicionados e organizados na plataforma do Google Drive, em conta criada especialmente para o projeto, materiais de alinhamento projetual, trajetos do serviço e cronogramas de postagens.



Blueprint do projeto

Esta última fase visava muito autonomia do espaço, para protagonizar o projeto. Percebemos que nós projetamos todo este sistema para incentivar esse tipo de comportamento, pensamos em ferramentas que nos tirassem da linha de frente e fizessem do espaço protagonista de suas ações.

O resultado gerado a partir do projeto de Ateliê 6 foi a abertura para que outros cursos passassem a dialogar com o Quilombo do Sopapo, a partir do vínculo com o Programa de Extensão Universitária Cidades Sustentáveis da Unisinos. A iniciativa é um grande guarda-chuva no qual engloba diversos projetos voltados à inovação social e desenvolvimento sustentável. O intuito do programa é contribuir, através da atuação de diferentes cursos da Unisinos, para o alcance do Objetivo de

Desenvolvimento Sustentável nº 11 da ONU de tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

O projeto realizado em 2020 no Ponto de Cultura abriu oportunidades para que hoje, outros cursos e projetos, como este respectivo trabalho de conclusão, pudessem dar continuidade com a parceria e aplicar seus conhecimentos visando o desenvolvimento do local. É importante pontuar que, o que existe no Quilombo do Sopapo não é uma horta ainda, o desejo e a estrutura existem, mas está em processo de amadurecimento. Este projeto realizado em 2020 no qual me refiro serviu exatamente para isto, inspirar e deixar visíveis as potencialidades do espaço para seus membros e a comunidade ao seu redor, para que isso, aos poucos, caminhe para a realidade. Ao resgatar a parceria com o Quilombo do Sopapo através deste trabalho de conclusão, resgato a mesma intenção de desenvolver "um modelo de visibilidade e desenvolvimento territorial para o desenvolvimento de uma horta, usando a sustentabilidade como matriz", porém, através de outro recorte projetual e perspectiva metodológica, tentando compreender os pontos falhos do projeto anterior, refinando-os e, se necessário, descartando-os.

APÊNDICE B – ENTREVISTA

ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

B.R.

Gestora da área verde do Quilombo do Sopapo

Introdução:

Recapitulação do Projeto de Ateliê 6

- Projeto de design territorial no qual visa a manutenção e visibilidade do espaço
- Incentivar o manejo da parte vegetal
- Planejamento
- Retorno alimentício e financeiro
- Necessidade de uma ação colaborativa para estas características e valores de quem pertence ao local
- A criação de uma horta serve como elemento importante de estratégia para atrair colaboradores e criar conexões, serve para valorizar e dar mais voz aos outros elementos da propriedade, como música e arte, e desperta uma possibilidade de renda futura.
- "O plantio orgânico favorece a melhoria nos hábitos alimentares, trazendo benefícios para o corpo físico e amenizando tensões do dia a dia. Possibilita maior convívio social, além de promover um ambiente saudável, ocupando e transformando espaços ociosos.
- O espaço da horta constitui ainda um instrumento pedagógico, para atividades de educação ambiental e de ações terapêuticas." por isso te faço esse convite para criarmos juntas uma solução

Perguntas:

- 1) Primeiramente gostaria de te perguntar sobre sua rotina pessoal. Quero saber do seu dia a dia. Como funciona sua dinâmica de trabalho da horta, quantos dias na semana você está lá, você tem algum planejamento padrão durante o dia ou até semana?

- 2) No decorrer da sua rotina tu encontra algum tipo de dificuldade? Algo que te impeça de realizar seu trabalho de maneira satisfatória, ou que te desgasta mais do que deveria?
- 3) Você tem costume de usar algum tipo de ferramenta específica? Quais instrumentos estão mais presentes na tua rotina no Sopapo?
- 4) Você geralmente tem algum tipo de suporte de alguém. As pessoas gostam de se envolver na manutenção do jardim com você?
- 5) Você gostaria de ter mais ajuda? Quem você gostaria que frequentasse e utilizasse mais esse espaço com você?
- 6) O que significa pra ti cuidar dessas plantas e manter essa terra viva? Quais os sentimentos que te vêm?
- 7) O que você mais gosta de plantar? E o que plantaria no jardim que ainda não se encontra lá?
- 8) Pensa como se você não tivesse nenhum empecilho ou limitação para manejar o espaço, qual seria seu grande sonho? O que você faria que hoje você não consegue? Que possibilidades você enxerga nesse espaço?
- 9) E o que você acha que isso (o sonho) trará de benefícios tanto pro quilombo quanto para a comunidade ao redor?
- 10) Eu gostaria de estar mais presente, e entender seu processo mais de perto. Gostaria de, até o final do ano, fazer uma visita mensal, e te acompanhar, entender mais o espaço que vou trabalhar, como você se sente sobre isso e quando seria mais adequado?

Link de acesso à gravação:

https://drive.google.com/file/d/1JZX43XyvxVnKpv_eqntV8KAjO6wFV9GX/view?usp=sharing

APÊNDICE C – APRESENTAÇÃO ENCONTRO DE COMpositorAS



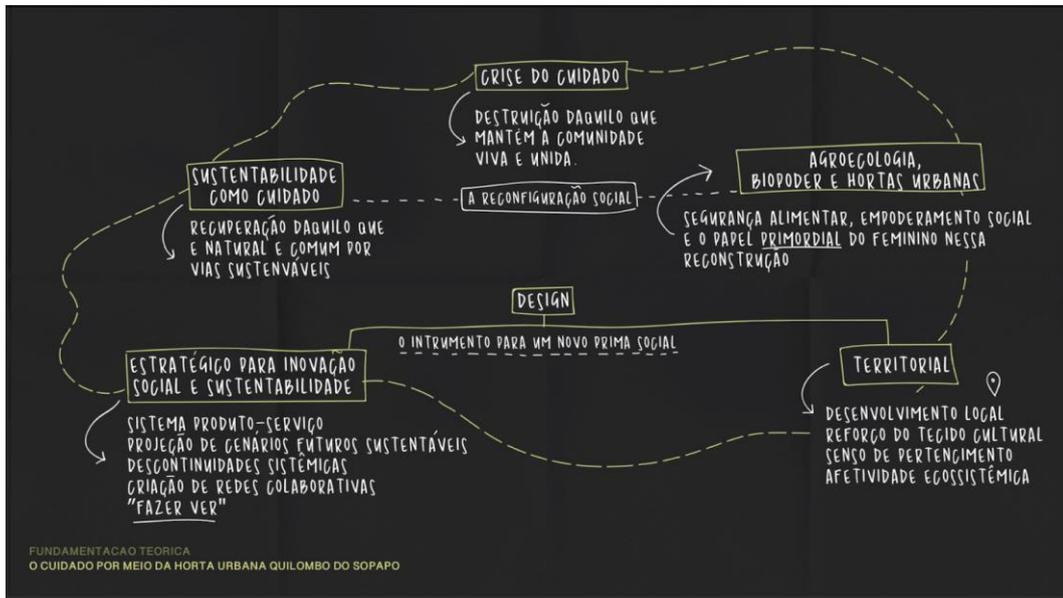
MARIA DE ATHAYDES
DESIGNER ESTRATÉGICA

DESIGN ESTRATÉGICO

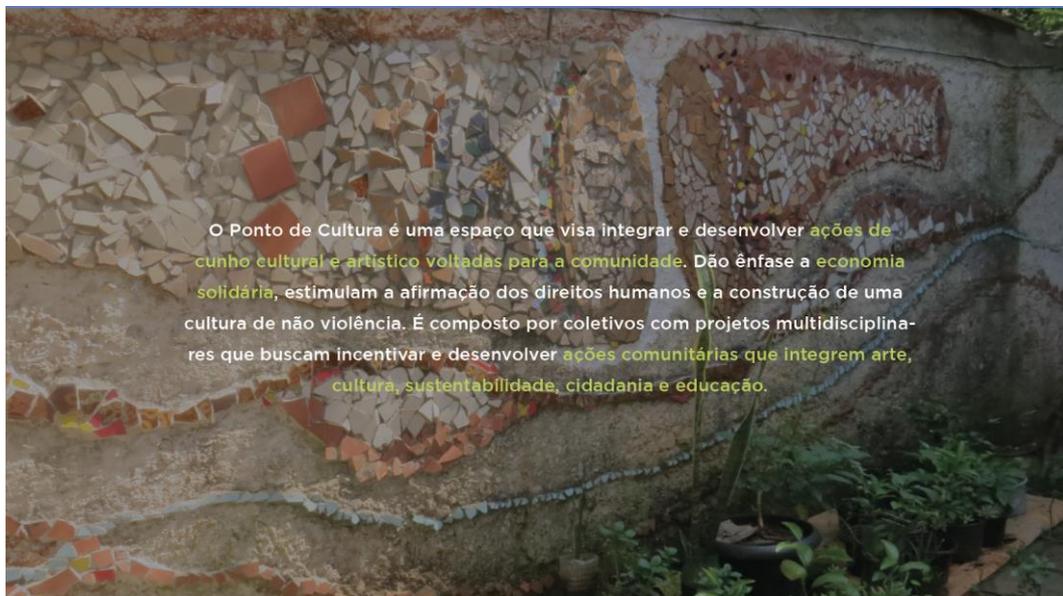
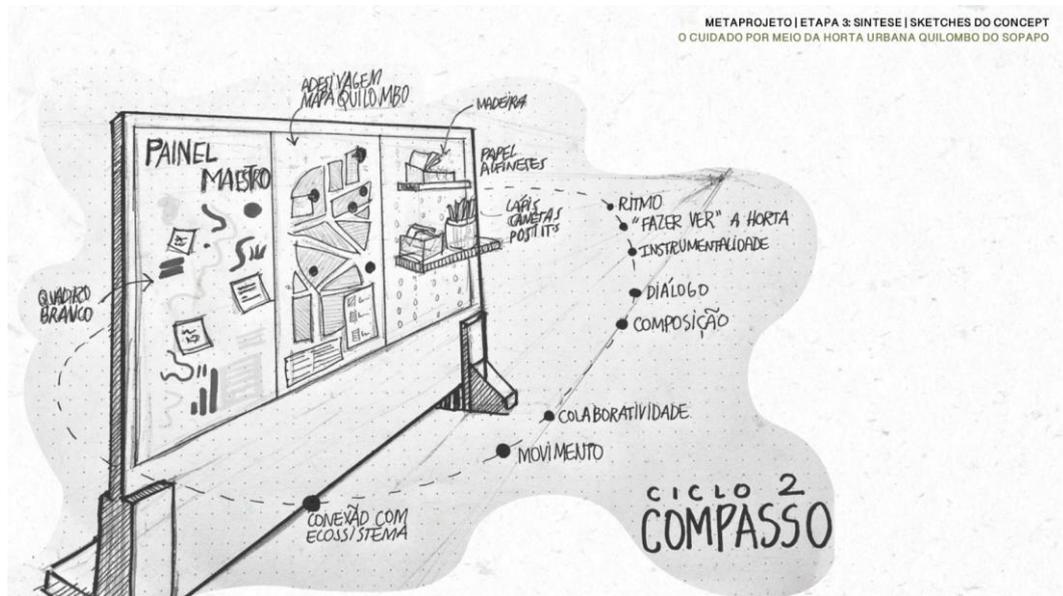
Trabalha com o Sistema Produto-Serviço e atua sobre múltiplas vertentes do Design a partir dele.

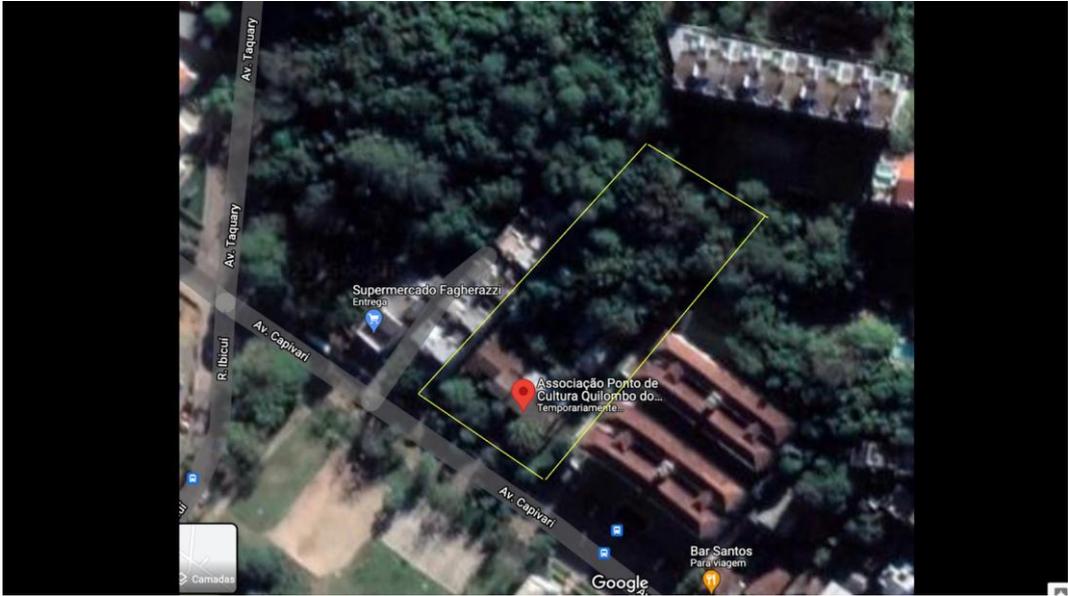
TCC
DESIGN PARA INOVAÇÃO SOCIAL
E SUSTENTABILIDADE

O CUIDADO POR MEIO DA HORTA URBANA
QUILOMBO DO SOPAPO: Uma proposta de design,
agroecológica e feminista, para inovação social e
sustentabilidade.















Link de acesso à gravação:

https://drive.google.com/file/d/1JhlyYE4LGHRbFC8Bf_4kmLv7nHdQzKBb/view?usp=sharing